Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 20 DE AGOSTO DE 1972-N.º 17838-ANO 52.º-PREÇO 1$50

Pág. 2 -Xeque ao rei em Marrocos

DL/DOMINICAL

O FILME DA VOLTA

Ao chegar a Lisboa, Joaquim Agostinho recebeu o beijo de uma criança. O atleta do Sporting, que domina a «Volta» em todas as frentes, ganhou a camisola amarela quando quis. Neves de Sousa, enviado especial do DL, preparou para esta edição um filme da «Volta».

O ADEUS DE DIAMANTINO

O que leva um homem, seis anos depois da sua última tourada a voltar às arenas? Diamantino Viseu, o primeiro e para alguns o maior dos matadores portugueses, diz que é a saudade. Ele prepara-se, com um treino diário de oito horas, para o adeus definitivo.

(Pag. 8)

FISCHER O HITLER DO XADREZ

Grosseirão, avarento, temperamental, cabotino. Bobby Fischer pode ser tudo isso e também um homem dotado de um poderoso fluído que o levou a hipnotizar o russo Spassky. Há quem lhe chame o «Hitler do Xadrez». A verdade é que Fischer se tornou ràpidamente uma figura internacional e parece que continuará a sê-lo pelos próximos 20 anos. O presidente Nixon já o convidou para uma recepção na Casa Branca, tão logo termine o campeonato mundial. No convite apontava-o como «um exemplo de combatente» capaz de inspirar toda uma geração. (Na página 3).

Pág. 28-Os processos de Praga

A NOVA BATALHA DE DORA E VIANA

José Viana não é apenas marido de Dora Leal mas também o seu mais firme admirador. Aos que não acreditam na vocação de Dora, êle responde com a maior convicção: «Dora é actriz dos pés à cabeça e tem talento». Os dois estarão novamente juntos na comédia «Sua Excelência o Pendura», que dentro de dias subirá à cena e que, certamente, mais uma vez dividirá as opiniões sobre Dora. (Pags. 10/11)

Pág.13 - As doenças que o sol pode causar

HOJE: 28 PÁGINAS

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

XEQUE AO REI EM MARROCOS

A tentativa de golpe militar contra o rei de Marrocos, a pouco mais de um ano da intentona de Skhirat (de que o rei também saíu ileso) põe de novo em foco um dos personagens mais surpreendentes da cena política norte-africana, ao mesmo tempo que ilustra largamente a crise a todos os níveis que assoberba o seu país. Herdeiro de um trono cedido a seu pai por «gentileza» do governo francês, Hassan II rivaliza em grandeza com o Xá da Pérsia. Dispõe de seis palácios para residência pessoal (dois dos quais reserva à prática do golfe), uma frota de aviões de vários tipos para as suas deslocações e umas dezenas de automóveis de luxo, ao mesmo tempo que sonha (segundo diz) instaurar em Marrocos uma monarquia constitucional, como primeiro passo para uma redistribuição de rendimentos.

Acusado de «conservador, retrógrado e reaccionário» pelo coronel Gaddafi, da Líbia, (que se julga o sucessor predestinado de Nasser na condução do povo árabe), Hassan II foi recentemente nomeado presidente da Organização da Unidade Africana (OUA), o organismo que agrupa os movimentos de libertação de África, depois de ter contribuído a título pessoal, com uma avultada importância para os fundos da organização. Ao mesmo tempo que o poder quase ilimitado de Hassen II, que é também chefe religioso, resiste a uma série de atentados, torna-se cada vez mais clara a importância de um antigo oficial do seu gabinete — Mohammed Oukfir. Foi já durante o mandato de Hassan (ex-aluno de Ben Barka) que o general Oukfir concebeu o rapto e eliminação daquele dirigente oposicionista. A partir de 1963, data em que Oukfir esmaga a conspiração contra a vida de Hassan, a carreira do antigo ajudante de campo de Mohammed V não se detém. Em 1964 é ministro do Interior e já na patente de general. Ministro da Defesa até há três dias, o «homem de confiança» de Hassan parecia ser a última pessoa a poder estar implicada num atentado contra o rei. As declarações recentes do ministro do Interior, dr. Mohammed Benhima, parecem confirmar a suspeita de que Oukfir esteve na origem do atentado contra Hassan, tal como foi o principal instigador do golpe dos cadetes em Shkirat. Os conspiradores de Skhirat foram executados sumàriamente pelo próprio Oukfir, uma vez consumado o malogro do golpe. Desta vez, um dos dois aviadores envolvidos no atentado afirmou em Gibraltar, às autoridades britânicas, que os revoltosos agiram cumprindo ordens de um general cujo nome começava pela letra «O»... Talvez por essa razão o Foreign Office tenha negado a concessão de asilo político a pretexto de a presença daqueles oficiais em Gibraltar «não ser conducente com o interesse público».

Oufkir o «homem de confiança» de Hassan II faz o cumprimento tradicional ao rei.

SEGUNDA-FEIRA

Segundo a revista «Time», o dr. Henry Kissinger, numa das suas já habituais «visitas secretas», teria apresentado aos delegados norte-vietnamitas em Paris, Le Duc Tho e Xuan Thuy, um novo plano de paz. O facto de nenhuma dessas delegações ter oposto um desmentido formal à revelação leva os observadores a supor que o referido plano, cujo ponto essencial diria respeito a uma partilha provisória do Vietname do Sul seguida de negociações entre os dois governos que controlam efectivamente as diversas partes do território, poderá ter sido apresentado pelo dr. Kissinger. No entanto, os mesmos observadores fazem notar que nem Hanói nem o G.R.P. preconizaram alguma vez a partilha do Vietname do Sul, o que equivale a dizer que não é verosímil a versão apresentada pelo semanário americano. Ao mesmo tempo um importante diário financeiro do Japão afirma que os Estados Unidos e a China fizeram alguns acordos secretos tácitos, incluindo um governo provisório de coligação sul-vietnamita mais amigável para Pequim do que para a União Soviética. Yasuo Takeiama, o chefe de redacção do jornal em questão, acrescenta ainda num artigo assinado sem qualquer indicação da fonte das notícias, que a China e os Estados Unidos (através do primeiro-ministro Chu En-Lai e do conselheiro presidencial Henry Kissinger, respectivamente) concordaram que se a guerra do Vietname acabasse antes de 1973, tropas e conselheiros militares americanos seriam retirados da Formosa por volta de Janeiro de 1974.

TERÇA-FEIRA

Após dezassete anos de exílio em Espanha, o antigo presidente da Argentina Juan Peron prepara-se para regressar ao seu país — anunciou o principal porta-voz do Partido Peronista na capital espanhola. O dr. Hector Campora, representante pessoal de Peron na Argentina, fez esta declaração numa conferência de Imprensa após duas semanas de conversações secretas com o chefe do Partido Justicialista que passou os últimos doze anos na luxuosa vivenda que possui nos arredores de Madrid. O movimento justicialista nomeou recentemente o general Peron como seu candidato à presidência da Argentina nas eleições gerais que terão lugar em 25 de Março do próximo ano. O actual presidente Alejandro Lanusse pretende que essas eleições terminem quase sete anos de governo militar, tendo já declarado que era «irrevogável» a decisão do governo de normalizar institucionalmente o país. Apesar de círculos ligados ao ex-presidente Peron terem já declarado não haver por enquanto garantias de «eleições limpas» na Argentina, o regresso do ditador ao seu país é dado como certo: «O regresso do general Peron é certo e efectuar-se-á ainda este ano», acrescentou o dr. Campora. O general nunca voltou ao seu país desde que foi deposto por um golpe militar das direitas em 1955, depois de ter governado a Argentina como ditador durante nove anos.

QUARTA-FEIRA

A despeito das ordens oficiais do sindicato para se acabar com a greve nacional nas docas que dura há três semanas, pelo menos sete importantes portos britânicos enfrentavam ainda perturbações provocadas por militantes sindicais que se recusavam a regressar ao trabalho ao mesmo tempo que acusavam o dirigente Jack Jones de traição aos interesses dos trabalhadores. A origem do movimento esteve no receio de que a utilização crescente dos contentores ameaçasse a segurança de emprego dos operários dos portos. A acção contra as firmas que utilizam contentores começou há alguns meses e levou à prisão de cinco sindicalistas condenados pelo Tribunal das Relações Industriais. Em 20 de Julho, os estivadores ingleses entraram em greve para obter a libertação dos cinco «mártires». Em face disso foi criada a comissão Aldington-Jones, presidida pelo dirigente sindical, Jack Jones e por lorde Aldington, chefe do organismo estadual que administra o porto de Londres e representante do patronato das docas. A comissão elaborou algumas propostas que, na sua primeira versão, foram rejeitadas pelos delegados dos estivadores. A decisão tomada na véspera pela comissão executiva do sindicato, de aceitar finalmente um compromisso, sucederam-se incidentes violentos. Militantes sindicais iniciaram imediatamente uma campanha para fazer com que a greve prosseguisse enquanto acusavam o patronato dos portos e o governo de nada estarem a fazer para acabar com a diminuição do índice de emprego provocada pelo uso dos contentores.

QUINTA-FEIRA

Os contactos iniciados há dois anos entre as delegações que representam a Alemanha Federal e Alemanha Democrática para a solução das relações entre os dois países transformaram-se em «negociações formais». As conversações, que destinam a estabelecer relações diplomáticas normais entre as duas Alemanhas e a preparar a admissão dos dois países na ONU entraram numa nova fase ao 51.º encontro entre o secretário de Estado Egon Bahr, principal negociador de Bonn e o secretário de Estado de Berlim-Leste Michael Kohl. O gabinete do chanceler Willy Brandt deu a sua aprovação a negociações oficiais numa tentativa de obter progressos concretos que possam vir a beneficiar os sociais-democratas para o Outono. Os progressos nas negociações entre as duas Alemanhas são particularmente importantes para o gabinete de Willy Brandt numa altura em que ainda não se desvaneceu de todo a sombra deixada no seu governo pelo caso da «Quick» e o boicote maciço de mais de uma dezena de países africanos aos jogos Olímpicos (como protesto contra a participação da Rodésia) não deixa prever que Munique-72 seja a festa com que os alemães sonham desde os Jogos Olímpicos de 1936.

CARLOS MORAIS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

SEXTA-FEIRA

Numa reunião à porta fechada realizada no Cairo o presidente Sadat anunciou aos deputados que prepara para o mês de Setembro uma ofensiva diplomática tendo em vista a URSS, a Europa Ocidental e «mesmo os Estados Unidos». Em relação à União Soviética, Sadat acusou Leonid Brejnev de «não ter compreendido nada» da política que o Egipto pretende seguir desde a expulsão dos conselheiros russos. O presidente Sadat prestou homenagem ao seu colega líbio, coronel Gaddafi, que acaba de pôr à disposição do Egipto «cinco milhões de dólares, a fim de comprar armas onde as haja» e aproveitou para informar (a propósito) que a União Soviética apesar de ter proporcionado todas as armas defensivas não tinha fornecido quaisquer armas ofensivas. O risco de deterioração das relações egípcio-soviéticas parece cada vez maior, mas desta vez por iniciativa de Moscovo, que apesar de tudo, continua a fornecer ao Egipto auxílio económico, militar, diplomático. A algumas semanas da reunião anual da Assembleia-Geral da ONU, observadores egípcios mostraram-se particularmente inquietos com a tensão Cairo-Moscovo. O jornal «Al Ahram», órgão oficioso do Egipto prevê inclusivamente um aumento da emigração de judeus russos para Israel e o eventual recomeço das negociações diplomáticas entre Moscovo e Tel-Aviv. A confirmar estas suposições, soube-se entretanto no Cairo que o director do «Al Ahram», Hassanein Heykal, se avistará com o conselheiro presidencial Kissinger em Munique, por altura dos Jogos Olímpicos.

SÁBADO

A uma semana da inauguração dos Jogos Olímpicos, um grupo de atletas negros americanos declarou a sua solidariedade com os «irmãos africanos», representantes de mais de uma dezena de países, que ameaçaram boicotar os jogos de Munique se se mantivesse a representação do regime branco rodesiano.

Entre os países que ameaçam boicotar os Jogos Olímpicos, até agora apenas o Quénia, a Etiópia e o Paquistão poderiam ter pretensões de ganharem medalhas, ou seja, a tornar sensível aos olhos dos dois milhões de espectadores que acompanharam o espectáculo «in loco» e aos milhões de pessoas que em todo o mundo seguirão as transmissões pela televisão, a sua atitude de protesto. Porém dos 18 atletas negros americanos que se julga terem apoiado a declaração, encontram-se seis detentores de recordes mundiais e duas medalhas de ouro dos jogos de 1968, facto que começa a criar sérias preocupações à organização das Olimpíadas. Por essa razão, o Comité Olímpico Internacional fez um apelo para se acabar com a boicotagem contra a Rodésia, uma vez que aquele país cumpriu as condições impostas para participar ao apresentar uma equipa mista. Do ponto de vista do COI, as razões que devem levar ao fim do boicote aos Jogos Olímpicos são de duas ordens: A legitimidade e a representatividade da delegação rodesiana (que integra atletas negros, como é óbvio) e a grave injustiça que o biscote iria constituir para com os organizadores alemães ocidentais das Olimpíadas e os próprios atletas negros» (que eventualmente se mantiveram à margem do boicote.

O ministro do Interior, dr. Mohammed Benhima, durante a conferência de Imprensa em que revelou tratar-se de um «suicídio por traição» a morte do general Oufkir.

DL/DOMINICAL PERSONALIDADES

FISCHER TEM QUATRO OLHOS

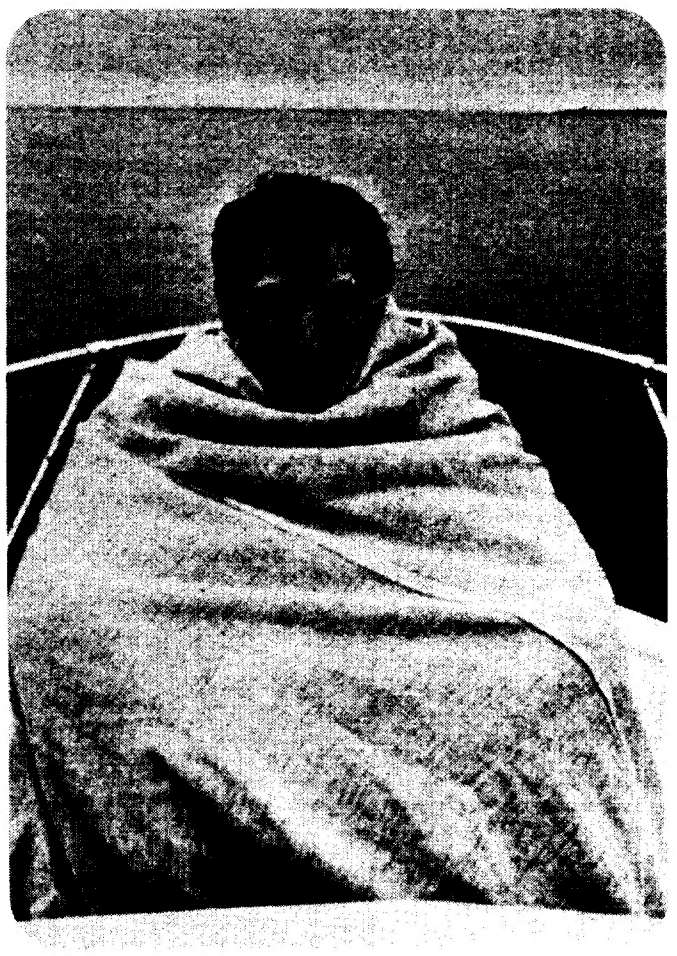
Um jornalista americano que está junto dele há ano e meio revela os aspectos mais secretos e inesperados da sua personalidade.

Por **BRAD DARRACH**
Exclusivo DL

Refrescado pelo banho de chuveiro, Bobby Fischer sentou-se, sem nada vestido, na borda da cama e afundou as mãos no monte de cartas e telegramas. Admiradores ou inimigos? Rasgou o primeiro sobrescrito e leu: **«Você é uma desgraça para o povo americano... Você é um doente mental e deveria ser tratado sem demora»**. Bobby Fischer escancarou a enorme boca numa fragorosa gargalhada: por um instante pareceu um jovem hipopótamo de bom humor. Nas cinco cartas seguintes era definido como amalucado, criança, covarde, «primadonna», um grande homem, génio e até **«magnífica flor da sociedade»**. Corando um pouco com estes cumprimentos, Bobby desapareceu no quarto de banho e, um instante depois, deitou a cabeça de fora. «É incrível aquilo que as pessoas pensam de mim», disse, piscando o olho.

Incrível e, às vezes, preocupante. Desde que chegou a Reykjavik para se bater com o campeão mundial Boris Spassky, Bobby Fischer encontra-se submetido à tortura — nem sempre agradável — de uma repentina celebridade. De um dia para o outro, tornou-se uma **superstar** do intelecto, de fascinante ambiguidade. Cognominaram-no o Einstein (ou o Hitler) do xadrez, o «Duro de Brooklyn»; definiram-no como um tipo desagradável que joga o xadrez melhor do que qualquer outro na história do jogo e considera o seu talento como um direito que lhe foi concedido pelo Céu para quebrar a alma ao próximo. A música habitual, muitas vezes cìnicamente manipulada: por Moscovo, onde a **Tass** denunciou a **«desagradável sede de ganho de Fischer»**, em Manhattan, aonde o **Times** reprovou o seu carácter colérico.

Tenho encontrado Fischer muito frequentemente, quase todos os dias, já há ano e meio, e estou convencido de que ele não é nem o grosseirão violento nem o pigmeu moral descrito pela maior parte da Imprensa. Certamente que não é fácil compreendê-lo e muito menos ter-lhe simpatia. É um homem retorcido e indecifrável que, provàvelmente, estará no centro das atenções durante os próximos vinte ou trinta anos. Eu não pretendo compreendê-lo, mas sei muitas coisas que a gente desconhece.



— Às 5 horas da manhã: Bobby desafia o frio num barco a motor que sulca as águas gélidas dos fiordes islandeses.

O FLUÍDO

Em Reykjavik fala-se muito de «fluído Fischer», uma misteriosa força psicológica que gira à volta dele como um furacão e desorienta os adversários sensíveis ao seu influxo. Tem um ar de feiticeiro, dizem-no mesmo alguns grandes mestres que têm jogado com ele. E digo-o eu também. Vi o furacão atingir Spassky durante a primeira vez que os dois se encontraram na capital islandesa, muitos dias antes de começarem as partidas. Na minha opinião, Spassky já estava batido antes mesmo de jogar.

O incidente verificou-se na cerimónia de abertura do campeonato. O soviético chegou pontualmente e esperou por Fischer por detrás das cortinas da sala. Passados dez minutos deu alguns sinais de inquietação; após vinte minutos começou a caminhar de um lado para o outro, como um marido na clínica aonde a mulher está internada à espera de lhe dar um filho. Finalmente, Fischer compareceu. Spassky voltou-se para o cumprimentar e dirigiu-lhe um sorriso nervoso. Majestoso e potente, o americano passou por ele sem o olhar sequer. Spassky ficou sério: durante um momento pensou que Fischer o tivesse insultado. Via-se que estava feito em pedaços. Naquele instante, Fischer olhou em volta, viu ali o «seu homem» e atacou-o com um típico aperto de mão à americana. «Viva Boris», disse com indiferença, espargindo vitalidade e optimismo. No seu elegante fato completo de seda verde-azul, Fischer parecia mais do que nunca uma **superstar**, enquanto que Spassky, com a sua banal camisola de malha, parecia um admirador vindo na intenção de lhe pedir um autógrafo.

As relações entre Fischer e Spassky são um misto de intimidade, de terror, de desprezo e de amor. O soviético ostenta modos fraternos, fala do adversário com afectuosos tons protectores (**«Oh, o meu caro canibal»**). Na realidade, só o pensar em Fischer insinua um medo gélido sob a sua aparência de indiferença.

Por seu lado, Fischer, embora uma vez tenha incluído Spassky entre os dez melhores jogadores de xadrez de todos os tempos, fala dele com altivo desprezo, e, quase sempre, depois das partidas, vem perguntar-me furtivamente qual o efeito que me faz Spassky, esperando òbviamente um juízo catastrófico. Depois da sexta partida — uma autêntica obra-prima de técnica com a qual Fischer sufocou o adversário — o soviético uniu-se aos espectadores no aplauso ao vencedor. E quando Fischer o viu bater palmas, estremeceu, endireitou a cabeça que estava inclinada e desapareceu. Só já no automóvel, durante o trajecto para o hotel, revelou quanto estava emocionado. **«Viu o que fez Spassky?»**, continuava a repetir. **«Viu-o aplaudir? Isto é verdadeiro espírito desportivo. Sim, é mesmo um homem leal»**.

Fischer tem em alta consideração o presidente Nixon. Há alguns dias, o fotógrafo de **Life**, Harry Benson, chegou a Reyljavik com uma mensagem pessoal de Nixon para Fischer. Excitado, o xadezista escutou com crescente delícia aquilo que o presidente lhe mandava dizer, isto é, que desejava vê-lo mesmo no caso de ter perdido e que o admirava **«porque é um combatente»**. Quando nos separámos, os olhos de Fischer brilhavam, mas as suas mandíbula haviam assumido uma linha agressiva.

MULHERES

Aquilo que me agradou na maneira como Fischer acolheu a mensagem de Nixon, foi a sua lhana e desarmada ingenuidade. Descobria ter êxito e agradava-lhe dizê-lo, fazê-lo saber. Naquele momento era exactamente um rapagão simpático.

Penso em Fischer frequentemente como num rapaz, no bom sentido da palavra. Eel lança-se no jogo do xadrez com tal ímpeto que faz parecerem lentas as suas «partidas» noutros campos. Com as mulheres, por exemplo. Mulheres de todas as idades sentem-se irresistìvelmente atraídas por Fischer. Num só dia, pelo menos trinta admiradoras lhe telefonaram para o hotel em Reykjavik, muitas raparigas sobem a escada às escondidas e batem cautelosamente à porta do seu apartamento. Mas é inútil. Enquanto a competição estiver em curso, Fischer não cede. Olha-as, porém. Tem um olho de perito quanto a mulheres bonitas e gasta o tempo necessário para as estudar da cabeça aos pés. Um dia, entre as muitas revistas que recebe, encontrou três de nus. **«Fora com esta porcaria!»**, gritou, atirando-me com elas. Depois, enquanto eu as recolhia, começou a rir: **«Um momento. Vou vê-las outra vez»**.

A criança que há em Fischer é inocente e acredita que todo o mundo é alegre e limpo. Assim, quando enfrenta a realidade, tem o ar de retroceder horrorizado. Quanto a mim, quase tudo aquilo que faz pode ser interpretado como uma espécie de defesa e de vingança.

CRUELDADE

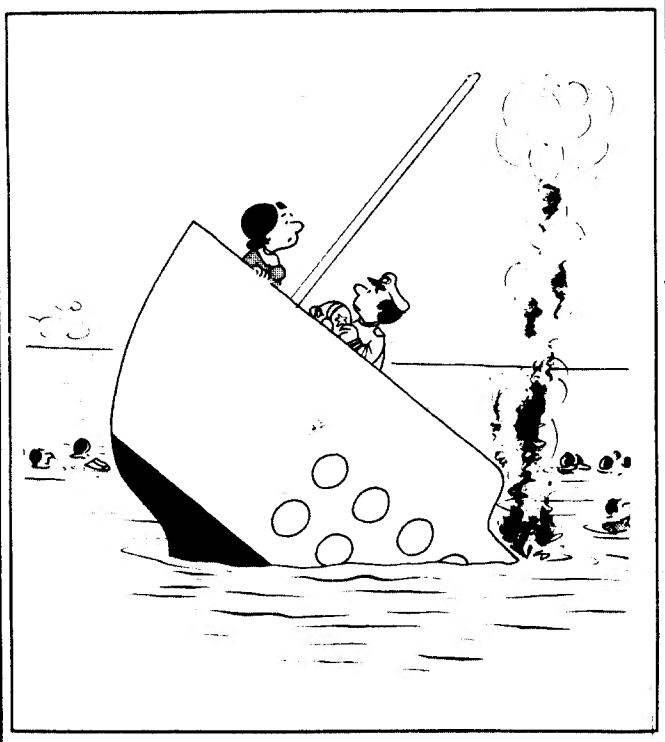
Naturalmente, a primeira linha de defesa de Fischer é o jogo do xadrez. O mundo reduz-se a um mágico quadro, a gente tem uma série de símbolos esculpidos e a vida tem um complicado jogo de que ele é o supremo mestre. A segunda defesa é constituída por uma **privacy** mais rigorosa do que a de um monje. Dia após dia, ele passa quase todo o tempo na companhia do xadrez, com excepção das dez horas dedicadas ao sono. Quer obstinadamente que toda a coisa esteja sob controlo. Os visitantes são cuidadosamente seleccionados, e quando ele se cansa devem retirar-se. **«Tenho necessidade de repouso»**, diz secamente, e, então, não há maneira de ficar. Os visitantes mais assíduos são, como quer que seja, os sons e as vozes que lhe vêm do seu rádio transistorizado, e eu acredito que ele prefira esta companhia, porque pode desfazer-se dela premindo simplesmente um botão.

Porém, a mais interessante autodefesa de Fischer é a crueldade. O «tigre do xadrez» faz o possível por ser um gatinho na vida privada: mas os gatinhos também têm as unhas afiadas. Nos últimos dez anos, Fischer tem diminuido a intensidade da sua agressividade, mas ainda se diverte a rir nas costas dos outros. E, às vezes, experimenta um desagradável e condenável prazer perante os males do próximo.

O lamento é, pelo contrário, a defesa mais desacreditada e divertida de Bobby Fischer. Como todos já compreenderam, Fischer é um génio em encontrar culpados. Algumas das suas lamentações (por exemplo, contra as intrigas dos russos nos torneios de xadrez) são, quanto a mim, plenamente justificadas; muitas outras, porém, são alegres badaladas de sinos. Dê-se-lhe a melhor iluminação durante uma partida e ele acha-la-á demasiado triste. Escondam-se nas paredes teleobjectivas silenciosas, e ele dirá estar a ser perturbado pelo brilho das objectivas e pela simples ideia de que alguém está por

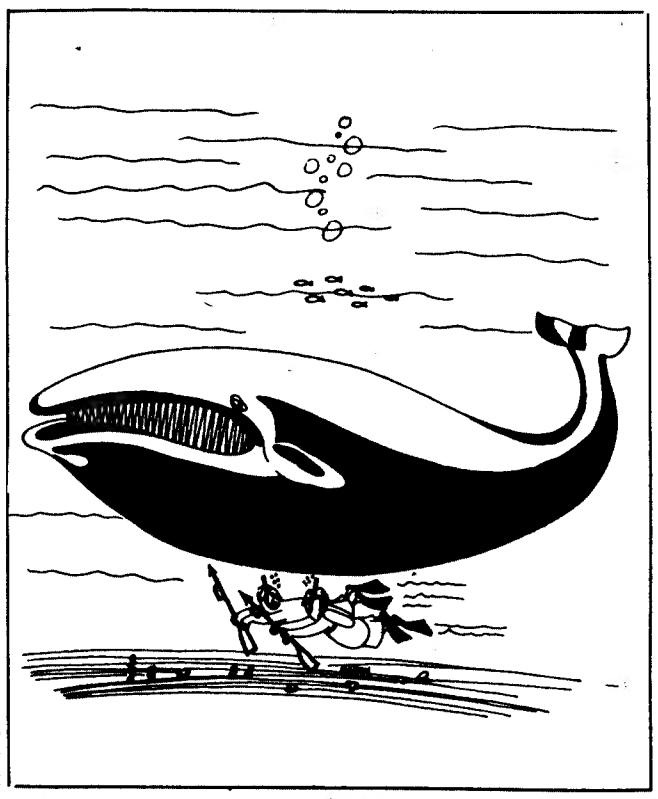
Continua na pág. 4

Humor



Eu agora não me posso atirar à água: ainda estou a fazer a digestão

— Sou assim: comovo-me por qualquer coisa.



Melhor mudarmos de área: por aqui não se vê nenhum peixe

Reduza custos com cabos Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM
LIGAÇÃO

SOLIDAL
CONDUTORES ELECTRICOS SARL
ESPOSENDE FABRICA
LISBOA TEL 674828 PORTO TEL 491392

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES • SALA DE JOGOS

THE BAKER TWINS
VEDETAS
DA RÁDIO E DA TV INGLESA

LIDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA
e NOBRE COSTA

ERNEST MONTEGO
Famosa atracção mundial

BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO
"OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

NADJA NADLOVA
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

DL/DOMINICAL — PERSONALIDADES

Continuação da pág. 3

BOBBY FISCHER

detrás dos aparelhos. **«Fischer não está contente enquanto não encontra uma ocasião para resmungar»**, diz um dos seus assistentes, **«e o ressentimento faz desencadear o seu instinto homicida».**

Tenho pensado frequentes vezes que a sua paranóia notória o leva fatalmente a procurar motivos de lamentação. Porém, só em parte. Por exemplo, o medo que Bobby Fischer tem da imprensa é devido a uma concreta e má experiência. Nas últimas semanas, os enviados especiais, sob pressão por causa dos «encerramentos», usaram-no como alvo facílimo. Muitos jornalistas detestam Fischer, não porque seja «odioso», mas porque tem tornado difícil o seu trabalho.

Para aqueles que jogam xadrez, a religiosidade é a mais enigmática defesa de Fischer. Há alguns anos fez-se adepto da «Igreja Mundial de Deus», uma seita protestante que impõe aos seus aderentes normas dietéticas e as proibições do Sábado ditadas pelo Velho Testamento. Uma vez confiou a um amigo que a sua habilidade de xadrezista tinha inacreditàvelmente melhorado, após a adesão à seita: depois do que muitos jogadores disseram malignamente que, se tivesse perdido um belo par de partidas, Fischer teria perdido a fé. É um ponto que pode ter o seu significado. De facto, com a religião, Bobby é tão sério quanto o é com o xadrez, e, embora não me tenha feito nunca senão rápidas alusões a propósito, sei que passou momentos de «pânico existencial» quando começou a pregar para obter força. Tanto quanto parece, a força foi-lhe concedida.

Fischer repousa, jogando o pingue-pongue durante uma pausa do difícil confronto com o campeão soviético.

AVAREZA

Os ataques de avareza de Fischer são, de todos os aspectos da sua psicologia, os interpretados de pior maneira. Desde a sua adolescência, em Brooklyn, que sempre desejou viver aquela que chama «vida da alta sociedade». **«Se não fosse pelo meu talento»**, disse-me uma vez, **«correria atrás do dinheiro e da celebridade. Que há mais?»**. **«O poder»**, sugeri-lhe. **«Bah»**, respondeu com voz raiada de perversa alegria, **«o poder!»**.

Ouvindo-o dizer estas coisas, quem nunca o conheceu poderia supor que Fischer seja um materialista de alto quilate. Também o pensaram os jornalistas quando Bobby apresentou aos islandeses pedidos de compensação exorbitantes. O que a imprensa não compreendeu é que os sonhos de riqueza de Bobby são apenas sonhos, fantasias que povoam e mitigam a sua solidão. Sim, teria querido tornar-se rico, mas, ainda, quer poder jogar o xadrez, dormir, ouvir o seu rádio portátil de ondas curtas. Quando pediu aos islandeses aquele montão de dinheiro que sabemos, visava mais dobrar os islandeses do que encher-se de dinheiro. Posso demonstrá-la.

No primeiro esboço da carta de 'desculpas endereçada a Spassky, Fischer renunciava à repetição dos prémios em jogo (125 mil dólares oferecidos por Jim Slater e outros 125 mil dólares concedidos pelo governo islandês) e declarava-se pronto a bater-se por nada, só pelo amor ao xadrez. Fui o primeiro a ver aquela carta e o primeiro a notar o seu rosto descontraído, o rosto de um homem que acaba de tirar um peso do coração. Naquele momento compreendi que os longos meses de pega e larga haviam sido para ele de um aborrecimento insuportável, a ponto de se ter quase destruído por qualquer coisa que não lhe interessava nada.

Mas por que se comportara daquele modo? Num relâmpago, vi Bobby como um rapazinho que enfrentava tudo só: a indiferença, a complacência, a zombaria dos adultos, apenas com uma fé absoluta no próprio génio e na cristalina pureza de espírito que dele emana. Mas Ficher via-se ainda como um rapazinho? Em vez de responder a esta pergunta, Bobby dirigiu-me uma outra: **«Que pensa desta carta?»**. Diante dos meus olhos dançavam notas de banco no valor de 250 mil dólares. **«Penso que farias bem em consultar o teu advogado»**, respondi.

Duas horas depois, o seu advogado disse-lhe para renunciar ao dinheiro. E eu pergunto-me frequentemente se não errei ao dar-lhe aquele conselho.

aguiar

RUA DO CARMO, 17 - 19
★ RUA AUGUSTA, 86 - 96

SALDOS

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM E SENHORA DAS MELHORES MARCAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LANIFÍCIOS ★ SEDAS ★ ALGODÕES
MALHAS ★ CAMISARIA

PREÇOS EXCEPCIONAIS

CARTÃO SOTTOMAYOR

Seguiu para Stresa (Itália) o Sr. João Ribeiro da Fonseca, Director do Departamento do CARTÃO SOTTOMAYOR, a fim de aí participar na Terceira Conferência Mundial dos Bancos filiados no sistema BankAmericard.

FÉRIAS 1972

FÉRIAS NA PRAIA
FÉRIAS NA MADEIRA
FÉRIAS NOS AÇORES
FÉRIAS NO ALGARVE

TRANSNAUTICA
Agência de Viagens e Turismo
LISBOA
R. Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua Júlio Dinis, 729
(Peça-nos programas especiais)

teatro MONUMENTAL

HOJE:
«Matinée» às 16 horas à noite. 2 sessões às 20.45 e 23 horas. (6 Grupo D — M/ 18 anos

VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RÁ FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
★ IRENE ISIDRO ★
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CESAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET

3.º MÊS
Amanhã - Descanso da Companhia

CORONEL TIROCINADO

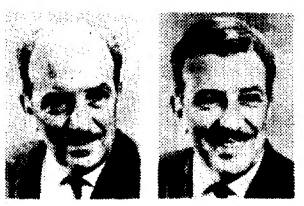
ANTÓNIO SALGUEIRO MÁXIMO

Missa do 7.º Dia

Sua família participa que amanhã, dia 21, pelas 11,30 horas, será rezada missa pelo seu eterno descanso, na igreja de S. Domingos, em Lisboa, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto.

Sem postiços, sem peruca, sem qualquer tratamento — e contudo "Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"

Incrível? Fantástico? Não. Com efeito: com o processo de entretecimento de cabelos Eurocabe pode, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelo natural como se se tratasse do seu próprio cabelo. Tal se conseguiu através de uma técnica perfeita desenvolvida e aperfeiçoada durante anos. Os seus próprios cabelos (basta ter apenas uma coroa de cabelo) são entretecidos, **invisível e firmemente**, com cabelo verdadeiro, cuidadosamente escolhido. O cabelo é penteado de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos, pode, com



o processo de entretecimento de cabelos Eurocabe e através de fases sucessivas, acrescentar mais e mais cabelos. Com o processo de entretecimento de cabelos Eurocabe (processo extraordinário já utilizado em 9 países de Europa) pode sentir-se seguro e nadar, tomar duche, lavar a cabeça, dormir, andar em carros abertos, numa palavra — fazer tudo o que mais lhe agradar. Venha já, mesmo sem entrevista marcada, ou telefone-nos. O caminho mais simples para um cabelo novo é o caminho da Eurocabe. **Rua Barata Salgueiro, 31-5.º — Lisboa — Tel. 55 66 82**

Dias úteis: 9.30 h às 13.30 h, 15.30 h às 19.30 h
Sábados: 9.30 h às 14.00 h

eurocabe
Instituto para Novos Cabelos
Uma nova personalidade em quatro horas
FILIAIS: ESPANHA, INGLATERRA, FRANÇA, ALEMANHA, ITÁLIA, HOLANDA, BÉLGICA, SUÍÇA, AUSTRÁLIA E ARGENTINA

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

O BRASIL SEGUNDO UM BRASILEIRO EM 1928

O leitor sabe por certo quem foi o brasileiro Eduardo Prado, amigo íntimo de Eça de Queiroz. Pois bem, vou hoje falar de um seu sobrinho que o autor dos **Maias** também conheceu no fim do século XIX e acerca do qual, em carta a Oliveira Martins, fala da assiduidade à casa de Neuilly «do gentil Paulo que vem por cá **trainer son dilettantisme**». Sabendo o leitor quem foi Eduardo Prado já pode imaginar como seria e como viveria esse jovem Paulo que, muitos anos depois, em 1928, publicou em São Paulo um livro a que deu o título de RETRATO DO BRASIL. Estamos pois longe do **dilettante**. Tinha então cerca de 50 anos.

Homem rico, homem de sociedade, porém profundamente ligado à epopeia dos cafesais paulistas, era, mesmo assim, dono de uma mentalidade moderna que o levou, pesquisando o passado, a temer a sorte do futuro.

Eis, portanto, o meu assunto de hoje.

EXPLICAÇÃO

Devo confessar que até agora nunca tinha lido a obra de Paulo Prado. Curiosidade, sim, tivera. Mas o livro para alguns dos meus amigos de então, estava marcado por um amargo pessimismo. O RETRATO DO BRASIL tinha algo daquele outro, o de Dorian Gray (então em moda). Não passava de uma deformação. Houve quem lhe chamasse de chaga viva. Raros, uma obra-prima. Estávamos, quando aqui cheguei, no consulado de Getulio Vargas, para quem, segundo creio, Paulo Prado não era **persona grata.** Mil coisas me preocupavam então. O que sei é que não li o livro. Paulo Prado talvez fosse, como alguns diziam, um eco da antropofagia dos modernistas de 1922. Os graúdos da colónia portuguesa não gostavam dele. Tudo isso despertara vivo interesse. Mas, seja como for, não li o livro. E assim foram passando os anos...

O LIVRO

E foi agora nos festejos do **sesqui** da Indepência do Brasil que o importante editor José Olímpio lançou, em nove edições, o tão falado e tão recusado RETRATO DO BRASIL. Aqui o tenho. Já o li. E dele faço o tema desta página de hoje. De um lado Paulo Prado, em 1928. Do outro, o Brasil, em 1972.

LUXÚRIA — 1928

O primeiro capítulo do livro intitula-se intencionalmente A LUXÚRIA. Seu primeiro período é este: **«Numa terra radiosa vive um povo triste»**. E logo a seguir: **«Os descobridores que o revelaram ao mundo e o povoaram nunca foram geradores de alegria. Traziam, sim, a ambição do oirro. Quando Colombo voltou da Europa o que logo dele indagaram, foi: Trazeis o oiro?**

. **Os homens a quem o Renascimento revelara o prazer de viver lançavam-se com a energia da época na busca da fortuna. De qualquer jeito. E foi nessa atmosfera que Pedro Álvares Cabral, partiu da praia do Restelo. Depois, sob o céu baiano, sentiu a noção de uma vida paradisíaca. E logo, nos anos que se seguiram, foram surgindo aventureiros tomando conta de feitorias esparsas pelo litoral. Dessa gente, raros eram os de passado limpo. Foi quando no contacto com as índias nativas a concubinagem tornou-se uma regra geral. O clima, o homem livre na solidão, encorajavam e multiplicavam as uniões de pura animalidade».**

Paulo Prado (ao centro) em 1936; à sua esquerda, Otávio Tarquínio de Sousa e José Lins do Rêgo; à direita, José Américo de Almeida e Gilbert Freire.

Aqui, o autor vasculha até à exaustão os mais reconditos depoimentos históricos. Têm indiscutível interesse. A busca ao oiro e o encanto da mulher nativa, são os elementos essenciais. Moralmente, o confirma Paulo Prado, citando o historiador Capistrano de Abreu já éramos mestiços.

Em Paulo Prado a mestiçagem parece ser um dos erros fundamentais.

BRASIL — 1972

Agora abandonemos por momentos o livro de Paulo Prado. Esqueçamos mesmo o Brasil. E os portugueses. Olhemos o mundo. E o que nos cerca. Evitemos a palavra luxúria, um pouco em desuso. Mas lembremo-nos de Sigmund Freud que, segundo creio, Paulo Prado não chegou a ler. Foi quem deu o grito de que tudo era sexo. Estamos atravessando, hoje, no mundo, o desabafo do erotismo.

Os corpos desnudos que, com deslumbramento, surpreenderam os povoadores do Brasil, são hoje um facto natural. A nudez é publica e quotidiana. Não é mais pecado religioso. — Pois não disse há pouco Buñuel, falando de erotismo e religião, que se a segunda não existisse a primeira perderia todo o seu interesse?

. Voltando ao RETRATO DO BRASIL: portugueses, índios e africanos foram eles que afinal construiram a legítima unidade do Brasil. O que Paulo Prado censurou em 1928, hoje só pode ser louvado. Não fosse assim e teríamos aqui mesmo problemas de que sofrem os Estados Unidos, onde a discriminação racial é um bêco-sem-saída no seu infausto imperialismo.

A COBIÇA — 1928

Este é o segundo capítulo do RETRATO DO BRASIL. O mal do Brasil nasceu da cobiça. Cobiça insaciável na loucura do enriquecimento. Diz ele: — Por toda a parte o aventureiro corria atrás da prata, do oiro e das pedras preciosas, embora voxes prudentes dissessem que as verdadeiras minas do Brasil eram o açúcar e o pau-brasil. Porque o sertão vivia, como vive ainda hoje, afirma Paulo Prado, inexplorado, guardando em seu arcano a esperança de todas as possibilidades.

Transcrevo textualmente: **«Obsessão diabólica, dinamismo de uma época, de uma raça, de um novo tipo étnico, convergindo numa ideia fixa: oiro, oiro, oiro!»**

. E acresce que o oiro aflorava fàcilmente e não se escondia nas profundezas da terra. Ganância. Uma coisa confirmo: a ganância tem sido desde sempre a maior provação do Brasil, como nação. Mas que, confesso, dificilmente será vencida. É a ganância internacional usando (chamemos-lhe assim) a boa fé brasileira.

Mas quando se chegou ao século XVIII este acabou sendo o século do seu martírio. O oiro empobrecia o Brasil. E cita então esta frase do Marquês de Pombal: — **«Que riqueza é esta, Santo Deus, que conduz à ruina do Estado?»** Em 1750 terminara o reinado sultanesco de Dom João V que fora uma apoteose de luxo e esbanjamento. E dá Paulo Prado, a seguir, as seguintes cifras: **«O Brasil até 1822 parece ter fornecido a Portugal setenta mil arrobas de oiro».**

A COBIÇA — 1972

Hoje não é mais cobiça, é avidez. É pilhagem. Mas a cobiça do passado no RETRATO DO BRASIL é atribuída a Portugal. Ela, porém, pertence às características essenciais de todas as civilizações. E no caso, a da época, era aquela em que o império britânico dominava o mundo. Na verdade o oiro do Brasil não enriqueceu Portugal, mas ajudou a enriquecer a Inglaterra.

Mas não importa. Seja como fôr o que ficou aqui como gente, como nação, compensa bem o facto de Portugal, com o seu estilo de colonização, ter criado unidade nacional com o sangue português, com o sangue africano, e com o sangue indígena (que foi a primeira mistura). Isto sim, é que fez o Brasil.

Mas não. Mil vezes não. A cobiça não é um mal que atinja apenas o Brasil. Juntemos aqui uma nota pitoresca. A cobiça cresce até no mundo tecnológico de hoje. Olho o jornal que tenho aqui ao lado e vejo que os novos heróis, como por exemplo, esses superaanjos que puseram o pé na Lua, também foram suas vítimas. Releiam, porque já o leram, por certo aí em Portugal, esta notícia vinda de Houston: **«O coronel David Scott foi expulso ontem do Corpo de Cosmonautas por ter levado em contrabando, nesse vôo, 400 envelopes e selos, comemorativos da expedição do homem à Lua e que, na volta foram vendidos a altos preços».**

Disse recentemente, aqui no Rio de Janeiro, o professor Drupkin: — **«É umerro dividir a humanidade em criminosos e não criminosos».**

A TRISTEZA (1928)

Começa assim Paulo Prado: **«Luxuria e cobiça é igual a melancolia».** E de novo repete Capistrano: **«Pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados». E mais adiante: — Ao findar o século XVIII e nos primeiros anos do século seguinte o país ia separar-se da mãe-pátria. Começaria no entanto a se afirmar a consciência geográfica.** E acaba o capítulo assim: — **Ebulição na qual se preparava a formação do homem. Mas a sociedade era a mesma: PAI SOTURNO, MULHER SUBMISSA, FILHOS ATERRADOS...**ATRISTEZA1972

. Hoje o brasileiro é mais realista e livre. A mulher muito mais. Não importa que tenham as mais variadas crenças religiosas. Mas não é triste. Divide-se, é certo, em dois grupos: o dos muito ricos, e o dos muito pobres. Reconheceu-se recentemente que no Brasil a economia vai bem,

E aqui vem a propósito citar Claus Poser, do Centro Evangélico da Alemanha, no recente Encontro de Ajuda Eclesiástica ao Nordeste:

. — **«Pelo que pude sentir, a ênfase que o país dá à política de desenvolvimento é essencialmente tecnocrata, olvidando o ser humano. Isto deve ser evitado porque exclui o povo da própria economia».**

Mas, seja como for, o povo, o homem pobre e humilde, não é triste. Acredita no futuro. Crê em si mesmo porque, ao contrário do que suponha, o mestiço não é um fraco. Está dando provas disso. Abrindo estradas (sendo uma a Transamazónica), construindo represas, instalando usinas, e manobrando-as, erguendo novas cidades, criando universidades e escolas, estabelecendo centenas de novas indústrias, e, correlativamente, preparando-se para ultrapassar em 1973, a casa dos cem milhões de habitantes.

Sim, estamos longe de 1928. O livro de Pedro Prado tem na verdade, um atraso de auatro séculos.

O ROMANTISMO-1928

Paulo Prado acusa o Brasil neste último capítulo do seu livro, do mal romântico. E diz porquê: as primeiras tentativas de autonomia baseavam-se no romantismo. Os Direitos do Homem, no Brasil, provocaram duas revoluções: puro romantismo. Românticos eram os de 1786. Românticos os de 1617 Romântica a Independência. Romântico Pedro 1.º. Romântico Pedro 2.º. Literatura, romantismo. Morte e amor os dois refrãos da poesia brasileira. Romantismo, romantismo, romantismo. E acaba assim: — **«O romantismo representava a astenia, o vício das nossas origens mestiças»**

PAULO PRADO - 1928

Este é o livro. Depois num bonito P. S. escreve quinze páginas que o prefaciador da obra considera trabalhadas em estilo wagneriano. Aceitemo-las como um hino de esperança. Inteligente e lúcido, Paulo Prado pedia, por fim, uma revolução. Exaltava o que teria de vir. Acreditava numa melhoria em relação ao presente (1928). E diz — **«É o que me faz encerrar estas páginas com um pensamento de reconforto: a confiança no futuro que não pode ser pior do que o passado».**

Estou certo que pode dormir em paz.

Agosto de 1972

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, Apt.º, 908, COPACABANA, GB, BRASIL

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

Aconteceu no Castelo de Leiria um espectáculo baseado no drama de Esquilo, «Os Persas». O povo de Leiria primou pela ausência. E a crítica, de modo geral, também não foi favorável ao espectáculo. Carlos Porto, crítico teatral do DL, foi ver e achou que os persas tinham perdido mais uma batalha. Miguel Franco, animador dos chamados Festivais de Arte de Leiria, resolveu contestar o que chama de «comunicado oficial» de Carlos Porto. Como se trata de uma polémica sobre um tema de grande interesse, juntamos nesta página a réplica de Miguel Franco e a tréplica de Carlos Porto.

«OS PERSAS» GANHARAM A BATALHA DE LEIRIA

Pois foi, Carlos Porto, «Os Persas» afinal ganharam. Muito obrigado pelo «entusiasmo» que me aponta. Cá estou eu. E muito obrigado também pela «ideia feliz». Para a defender, e de si (veja lá a minha tristeza), aqui estou. Antes de mais, deixe-me perguntar-lhe: quem lhe disse que não temos o «conhecimento dos interesses e das possibilidades dos nossos espectadores potenciais»? A mim, leirisenses! O Carlos Porto, o amigo do povo, aristocratiza-se, julgando-nos com olho distante e alto! Era fatal. Um homem, a certa altura, é sempre comprimido pela massa. É fatal. O leitor é massa consumidora, quadro de ideias estabelecido, Lisboa e as pequenas terras, a vivência capital, «Leiria tem uma ponte, não é?», e zás, a prosa de consumo começa a ajeita-se. Bem, mas não nos excitemos já de entrada. Sentemo-nos e conversemos. Você sabe que isto da «crítica» não está bem. As pessoas já se riem (em vez de se queixarem, o que alterou a eficácia, compreende?). É que alguns entre nós, magníficos rapazes todos, estão entusiasmados. É um afã. A vossa vocação crítica (e a função a que se devotaram, que todos tanto aplaudimos), perdeu a frescura. Tornou-se uma atitude e, por vezes, uma pose. De devoção azedou em fanatismo. De função tornou-se obsessão. E, assim agora obriga o cidadão comum a pôr, quantas vezes, o jornal de lado. Este exemplo: você não acha que saltou fora do âmbito do seu alvará de crítico, ao fazer a pergunta menor»... Festivais de Arte de Leiria (mas este nome não será excessivamente pomposo...?». Pois não é, Carlos Porto. É o nome que tem.

Como Carlos Porto é o nome que você adoptou. Porquê aquela observação conselheira de preceptora opiniosa?! A que título? Sabe que durante muito tempo (você, decerto, não ignora que não é conhecido há poucos anos para — «carifacialmente», como dizem aqui nestas províncias entre foz-Douro e foz-Tejo), eu associava o nome de Carlos Porto ao de uma figura pequena, franzina, aguda, talvez pequeno-azeda, de barbicha. Em certo momento da nossa vida, surge-me você com a sua estatura toda e o seu sorriso tão agradável. Houve em mim um desencontro, um desenfiar de agulha, claro. Se eu fosse homem de adesão difícil e se, numa inesperada ultrapassagem do âmbito do meu alvará, me desse para peguilhar no seu nome, na estulta (e inaceitável) pretensão de o ajeitar (já que o meu retrato estava contrariado), que me diria você se eu tivesse soltado o comentário atrevido, inconveniente e lorpa: «Porto? Mas que pseudónio tão ba'rrista!!» Mandava-me passear. Mas não manda, porque eu gosto do seu nome. Gosto do seu nome e aprecio-o a você. A minha adesão é total, como é espontânea, e livremente a tudo envolve no mesmo natural calor. O certo é que você (tão útil, tão sério rm tantos momentos da nossa vida intelectual) agora excedeu-se. Criticou demis. E o grave é que (e disso me queixo amargamente), com o peso do seu prestígio, se calhar fez estremecer os alicerces (ainda frágeis de um mês ou pouco mais) da «Festivais de Arte de Leiria».

Sabe que nestas terras — e nessas — há sempre muitas ratazanas assustadiças? Têm mais medo que pêlo! E tudo só porque o seu afã crítico lhe não permitiu desprezar uma tão gratuita oportunidade. Porque a ideia é boa; e eu expliquei-lha: «Festivais de Arte de Leiria» para promover (contratar, organizar, convidar...) todos os anos, no Verão, espectáculos de Teatro, de Ballet, de Música, de Cinema Tao ar livre, está a ver?), Exposições de Artes Plásticas, etc. Que nome lhe havia de dar? Começou este ano com um espectáculo aqui montado, uma primeira e solitária realização, a experiência, o arranque (foi um impulso, um improviso, concedo, mas que ninguém me obrigue a arrepender-me, muito menos um homem de Teatro!). Que nome então havia eu de dar à Organização que sonhei para dignificar a minha terra, a minha cidade, a minha gente? Que nome? (E que importa o nome?) Fica agora você convidado, Carlos Porto, a dar-lhe um nome, já que o primeiro («Festival de Arte de Leiria») o amachucou.

Dê-lhe um nome. Que um crítico «crie» alguma coisa também. Ficamos à espera.

Outra objecção sua: o termos levado o espectáculo para o Castelo. Você não sabe. (Ninguém tem culpa de não saber). O Castelo é, para os leirienses, um alvo, uma sede emocional. Todos o olham com um pulsar saboreado. Você não entende isto. talvez. É de fora. Mas como crítico, deve documentar-se. Não entenderá bem qualquer acontecimento teatral localizado estranhamente (aqui, em Viana do Castelo, no Japão), se não procurar, com a sua boa vontade, saber as razões de tal.

Em Leiria, é no Castelo, de facto, que apetece, que acontece. Por ali andámos todos, «texas-jacks» atrás de «índios» e estes à pedrada a eles; e os nossos amores furtivos por ali se esconderam da cidade. E, por cima de tudo, aquele grande ar histórico, vertical. O Castelo é, para os leirienses, uma espécie de colina sagrada. Por isso, Ésquilo lá em cima. Já entendeu?

Vamos agora a «Os Persas». Sabe você que afinal ganharam a batalha de Leiria?

É verdade. O público, o povo (o seu, o meu, esse para o qual às vezes tantos de nós nos exprimimos em «intelectual», dialecto d'um raio de que não há meio de nos curarmos!), pois esse mesmo povo gostou. É verdade. Eu já tinha desconfiado. Na noite da estreia, já a representação ia em meio, (leia bem isto que eu vou escrever) o guarda da polícia de segurança (que os regulamentos mandam estar presente em todos os espectáculos), homem aqui dos arredores, quarenta e cinco anos talvez, ou mais, feitos a comtemplar a horta, e a regá-la nas folgas do serviço (olhe que isto é verdade; eu apresento-lho),veio-se acercando de mim (postado a uma aba a observar), veio-se aproximando timidamente (ponha o coração simples agora, Carlos Porto, no que lhe conto) e, a deixar subir as mãos para o peito, disse-me, meio-comovido: «Isto é tão belo, senhor Franco. Até parece que sinto vergonha de estar aqui a ganhar dinheiro, quando o vir de borla já era favor!». É um homem do povo, Carlos Porto. E agora tenho-me entretido a inquirir das pessoas se gostaram. E muitas dizem-me que sim. Já posso dividir o público das quatro noites de «Os Persas» em dois grupos: a gente simples, espontânea, culta ou não, de emoções fáceis e de boa vontade intelectual, gostou. Em regra, gostou. Uma outra facção, gente de opinião, gente letrada, de programação intelectual estabelecida, e sobretudo agora que o conhecido crítico Carlos Porto os avalizou, diz coisas. Mas nem todos alinham.

E eu, que digo? Que o espectáculo não foi tão bom como eu, seu empresário moral, o desejei (nunca são tão bons como os desejamos, nem os espectáculos, nem as críticas, nem o que escrevemos e o que fazemos, nem os dias... — não é verdade?), mas foi digno. Teve defeitos, pois claro. Mas merece respeito. Dê o exemplo, Carlos Porto. Se o não quiser fazer pela ideia «Festivais de Arte de Leiria» (a que chamou simultâneamente «feliz» e «pomposa»!), faça-o pelos que amarem o Teatro representando Ésquilo e que disseram como souberam a bela carne verbal de Natália Correia; e faça-o pelo público que gostou; encontrará muitos deles pelas ruas de Leiria.

E parafraseando algumas linhas do seu escrito, lhe direi, com um abraço de paz (se o quiser): «O entusiasmo e o amor pela Crítica são, por vezes, grandes inimigos do Teatro. Num país onde a primeira palavra de ordem deve ser «arranjar espectadores», é aquele também um dos processos de os afastar».

MIGUEL FRANCO

Resposta

A contestação de Miguel Franco ao comentário crítico sobre «Os Persas» publicado neste jornal tem várias incidências que vou tentar esquematizar:

1) **Incidências pessoais.** Estas não interessam aos leitores que nos interessam, não é, Miguel Franco? Vamos, portanto, ignorá-las.

2) **Incidências semânticas.** Festivais de Arte em Leiria. Nome pomposo? O problema não tem a relevância que o Miguel Franco lhe deu. A meu ver trata-se, efectivamente, de uma designação infeliz por rebarbativa, por não atractiva para o público que nos interessa — o público não snobe. Festivais de Leiria — mais simplesmente, embora correndo o risco dos equívocos nacional-cançonetísticos. Ao contrário do que diz o Miguel Franco não há nisto nada de conselheiral — mas aqui iríamos, afinal, entrar nas incidências pessoais. Passemos à frente.

3) **Incidências geográfico-sociológicas.** O espectáculo no Castelo. Não há na minha crítica nenhuma referência que possa ser interpretada no sentido de não ser o Castelo um local (óptimo) para experiências teatrais. Evidentemente. Limitei-me a afirmar que aquele espectáculo nada tinha a ver com o local em que foi apresntado; que seria conveniente estudar o espectáculo em função do local: e vice-versa. O Miguel Franco veio dar-me razão: «Por ali andamos todos, «texas-jacks» atrás de «índios» e estes à pedrada a eles; e os nossos amores furtivos por ali se esconderam da cidade. A minha crítica tinha a ver com isso: com o desfasamento entre aquele local e aquele espectáculo. Se tivesse sido possível criar um espectáculo que tivesse como ponto de partida as aventuras dos «texas-jacks» e dos «amores furtivos»...? Seria uma forma de dessacralizar a colina? Ainda bem.

4) **Incidências estético-sociológicas.** «Os Persas»-espectáculo para o povo? Oxalá estivesse eu enganado? Teriam os leirienses (com Luís Tito) descoberto a fórmula do teatro popular de que tanta gente anda à procura. Quaisquer ilusões que mantenhamos a esse respeito serão, na verdade, perigosas. Ao polícia que deu a Miguel Franco testemunho do interesse do espectáculo, contrapondo o grupo de soldados (uma dúzia? Duas dúzias?) presentes. Primeiro as risadas (despropositadas mas compreensíveis); depois o abandono. Mas não consideremos as atitudes do polícia e dos soldados como paradigmáticas.

Seria possível fazer emLeiria uma experiência-piloto, levantando um inquérito, tão amplo quanto possível, em que os leirienses dissessem livremente o que pensam do teatro? Contem com a minha colaboração.

Chegamos, então, ao espectáculo. É aqui que bate o ponto, principalmente aqui. Esbarro uma vez mais com a impossibilidade de tornar actuante uma polémica sobre o teatro como espectáculo (e se uma polémica não serve para activar coisas, para que serve?). A maioria dos nossos leitores não viu o espectáculo e por isso o eu dizer qué, efectivamente, a esta versão de «Os Persas» faltou a chispa sem a qual o teatro não chega a acontecer — nada significa. Espectáculo digno?-quem poderá pô-lo em dúvida sendo o Miguel Franco o seu produtor (moral)? Simplesmente, eu sinto-me no direito de exigir mais do autor de «O Motim».

Tentemos ir mais longe. Se um indivíduo, que habitualmente não frequenta o teatro por este não lhe interessar, cai numa chanchada do Vasco Morgado reage com certo humor: destes «tipo» não se poderá esperar outra coisa. Mas se lhe vê associado o nome de Miguel Franco, se sabe tratar-se de uma iniciativa tão ambiciosa que dá pelo nome de Festivais de Arte de Leiria, o nosso espectador reage de outra maneira: e o teatro fica a perder.

Quero dizer na minha, que é sendo exigentes que conseguiremos fazer alguma coisa neste como em todos os campos.

Por isso, o final do texto de Miguel Franco me deu alguma satisfação. Fala ele do meu **entusiasmo** e do meu **amor pela crítica.** Suponho que se quer referir ao facto de procurar ver o máximo possível de espectáculos: não se trata de amor nem de entusiasmo, trata-se apenas de cumprir a obrigaçãozinha contratual. Quanto a esses (respeitáveis) sentimentos-são pessoais e só transmissíveis quando possível. Se consegui, como quer o Miguel Franco, afastar alguns espectadores do mau teatro, óptimo. São pelo menos espectadores disponíveis para o outro teatro, o que, ao fim e ao cabo, nos interessa a todos (incluindo o Miguel Franco).

CARLOS PORTO

PS — É claro que aceito e retribuo o abraço.

MORAL DA HISTÓRIA: "OS PERSAS" CONTINUAM A PERDER

SATANÁS CANTA O "ROCK"

Em Montreal: 14 feridos. Alguns dias depois, em Vancouver, centenas de agentes de polícia caíram à bastonada sobre a multidão que causava distúrbios diante das bilheteiras. Desordens em Seattle, São Francisco, Los Angeles. Tráfego bloqueado, montras partidas, automóveis voltados de roda para o ar em Long Beach e San Diego, na Califórnia. A polícia de Chicago em estado de emergência. «Passaram com a fúria de um ciclone», disse em 29 de Julho, soltando um suspiro de alívio, um assistente do perfeito de Nova Iorque, John Lindsay. «Agora acabou e consideramo-nos felizes porque o morto não escapou».

O cataclismo (os jornais definiram-no como o triunfo de Satanás) foi desencadeado pela **tournée** canadiana e americana dos **Rolling Stones**, o conjunto inglês de «rock and roll oito semanas, 50 concertos em 32 cidades, 750 mil espectadores, mais de mil contos de ganhos. Por todo o lado, as mesmas cenas de delirante entusiasmo: jovens possuídos por ataques histéricos, rapariguinhas que arrancam os cabelos e rasgam os vestidos, drogados que apagam os cigarros nas costas da mã sem emitirem um gemido, logo que ele aparece, com passo felino, sobre o palco.

Os lábios, carnudos e sensuais, tornados ainda mais espectaculares pelo carmim violáceo, as sobrancelhas escurecidas com lápis negro, como as mulheres árabes, círculos de pele à mostra nos antebraços, o tórax salpicado com pó dourado, exibido com arrogância pela abertura da camisa de **lamé** branco aberta até ao umbigo, as calças justas que põem descaradamente em realce a protuberância dos genitais («É a minha resposta às mulheres que mostram os mamilos por detrás de camisas transparentes»), eis Mick Jagger, de 29 anos, património Ofala-se de aproximadamente oito mil contos) nos bancos suiços, cara de menino viciado, uma carga inesgotável de vitalidade (emagrece um quilo após cada exibição).

Há um ano a esta parte, é o fenómeno mais clamoroso da música ligeira mundial. «A gente vem para me ouvir cantar mas, sobretudo, para me ver», afirma, exprimindo-se com um timbre de voz em que mistura com suprema indiferença tonalidades baritonais com falsetes de castrado.

Sexo e violência. O êxito dos **Rolling Stones**, e de Jagger em primeiro lugar, é, para dizer pouco, surpreendente. Estão na brecha há 10 anos, um período de tempo que já viu o aparecimento e o declínio de muitos meteoros musicais: os Beatles, Bob Dylan, Elvis Presley, Joan Baez. Quais os motivos de um êxito tão prolongado (o último «longplay» dos **Rolling Stones**, **Exile on Main Street**, vendeu um milhão de discos em poucas semanas), um êxito que deixou críticos e sociólogos de boca aberta?

«É simples» explica Jalgger esvaziando uma caneca de cerveja preta, a sua bebida preferida. «A minha música é sexo e violência, um «cocktali» perfeito para a juventude de hoje. As minhas canções não são nem sofisticadas nem cerebrais. Limito-me a interpretar o gosto do público e ele agradece, participando de corpo e alma nos meus concertos».

Que a participação do auditório seja paroxística, não há qualquer dúvida. «Sou uma espécie de Hitler», afirma Jagger, e não se pode deixar de se lhe dar razão. O seu magnetismo tem qualquer coisa de bestial, de felino. Com o público joga ao gato e ao rato, atirando-lhe com excitantes contorcionismos, mantendo-o em equilíbrio com atitudes sórdidas, metade porcas metade de consumado actor (todo o número é experimentado, porém, até ao desespero, todo o gesto estudado para obter o efeito mais vistoso), para cortar de uma vez relação quando a corda corre o risco de se quebrar, isto é, quando o entusiasmo se apresta para se transformar em furor incontrolado.

Trata-se, e Jagger, ele próprio, não hesita em o admitir, de uma técnica perigosa. Em 1969, em Altamont, an Califórnia, um concerto dos **Rolling Stones** terminou em tragédia: um grupo de valentões dos **Hell's Angels**, os anjos da morte, contratados para travar os excessos dos mais exaltados, excederam-se imprevistamente (a polícia disse que estavam quase todos embriagados). Um jovem foi apunhalado à vista de Jagger e outros três morreram na barafunda que se seguiu ao homicídio.

Desde então, Jagger, sem modificar o estro da sua música (o «rock ans roll» amalgama dos motivos tradicionais dos cantares negros, do ritmo e dos «blues», do «soul» e do «beat») tornou-se mais cauteloso («Basta-me uma vítima e estou despachado»). Empregou dois meses para preparar meticulosamente a **tournée** pelos Estados Unidos, iniciada em 3 de Junho, criando uma organização logística que fez corar de inveja muitos homens políticos.

Para transportar de um lado para o outro do país as 35 pessoas do seu séquito, entre os 500 amplificadores, aparelhos de luzes psicadélicas, um imenso parque de holofotes e luzes e 27 instrumentos musicais, Chip Monck, director de produção, fretou aviões, automóveis, comboios e autocarros. O grupo (compreende também um médico, dois contabilistas e um jornalista com o encargo de redigir um boletim diário) chega às cidades quase sempre de noite. Os hoteis em que se aloja são mantidos secretos e Jagger é ali registado sob um pseudónimo (o mais usado é «Mister Ginger»). São tomadas precauções de acordo com as Polícias locais para evitar, quando se pode, tumultos e assaltos aos teatros e às salas aonde têm lugar os concertos.

«Porém, a nossa preocupação maior continua a ser os açambarcadores», acrescenta Monck. «Para a aúltima exibição americana, no Madison Square Garden de Nova Iorque, 560 mil pessoas haviam marcado os seus bilhetes. Fomos obrigados a recorrer ao computador para escolher 55 mil espectadores».

Mercado negro. Os bilhetes de ingresso atingiram, tadavia, uma quotação de cerca de 2500 escudos, contra os 120 escudos que era o preço de origem. Num concurso levado a cabo por uma estação de rádio de São Francisco («Que faria para obter um bilhete para um concerto de Jagger?») o vencedor respondeu: «Cortaria todos os pelos do corpo e fumá-los-ia».

Não obstante, em todos os lugares a que chegam, os **Rolling Stones** são irremediàvelmente precedidos pela atmosfera de irresponsável e irreverente confusão que já se tornou a sua marca registada (o emblema do conjunto é uma língua vermelha que sai de uma máscara demoníaca). A fama de díscolos libertinos mereceram-na amplamente. Em 1967, um tribunal inglês condenou os cinco músicos a uma pesada multa por terem urinado em frente a uma garagem. Seguiram-se outras condenações por uso de droga, comportamento desrespeitoso, embriaguês violenta (em 1969, Jagger por pouco que não acabou na prisão por ter tentado assaltar, na companhia de alguns amigos, a sede da embaixada americana de Londres, em Grosvenor Square).

Em Chicago, há algumas semanas, Jagger e os companheiros, hóspedes de Hugh Hefner, o criador do mensário **Playboy**, conseguiram acabar por horrorizar as «coelhinhas» do milionário americano, arrastando atrás de si um séquito de raparigas recolhidas pelas ruas. Perante os protestos de Hefner, Jagger atalhou: «Eu ando mais após uma tempestuosa noite de amor». Sua mulher, Branca, de 20 anos, não pregou olho.

Dos componentes do conjunto, Mick foi sempre o mais desenfreado. «E pensar», recorda com fingida nostalgia, «que em jovem era um rapaz de bem. Frequentava as faculdades, era um estudante modelo e um óptimo desportista (a sua especialidade é o meio fundo). Comecei a tocar o «rock» aos 19 anos e nunca mais parei». Pelo caminho perdeu apenas um dos companheiros originários: o guitarrista Brian Jones (foi encontrado morto, enfrascado de LSD, na sua piscina, em 1969). A substituí-lo está Mick Taylor, o mais velho do conjunto, de 34 anos.

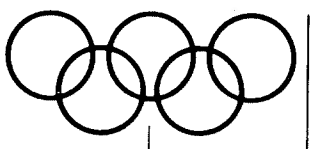
O mais iovem é Bill Myman, de 22 anos, contrabaixo. Á bateria senta-se Charlie Watts (nunca se exibe em solos, como no «jazz»), Keith Richard toca viola e compõe (quase sempre ao amanhecer) enquanto que Jagger é o compositor (as canções mais famosas são **Midnight Rambler**, a história de um vagabundo notívago, **Jumping Jack**, **Sympathy for the Devil**, **Street Fighting Men**, o drama de uma quadrilha de exaltados que trava batalhas pelas ruas, **Rip this Joint**, um tragicómico assalto à Casa Branca).

Pior do que um clister. «Os senforzinhos de bem consideram-se delinquentes porque estão rodeados pelo acre odor da marijuana, porque raparigas e mulheres rivalizam para se deitar nas suas camas. Nós somos a vanguarda de um só campo: o da música», defende-se Jagger. «Quanto ao resto, somos apenas menos hipócritas do que os outros».

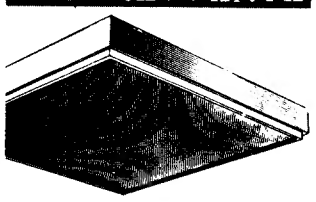
O preço que o homem-espectáculo deve pagar é, como quer que seja, elevado. Nos intervalos entre cada **tournée**, Jagger mimetiza-se («De contrário rebentaria»). Corre a repousar em Tahiti, em Bali ou em qualquer outra praia exótica, aonde espera não ser reconhecido, e dedica-se ao seu passatempo preferido: a arqueologia (passou, durante o ano transacto, algumas semanas a explorar as ruínas dos antigos templos Kmer, no Camboja).

Quando está em Inglaterra, passa longas horas diante do espelho, experimentando e reexperimentando os histrionismos cénicos («São as ferramentas do meu oficial»). Os versos das canções escreve-os de chofre e, depois, corre para Richard para os vestir de notas (todavia, as melodias são normalmente monótonas: as tonalidades não são quase nunca cintilantes e delicadas, submersas pelo ruído ensurdecedor da bateria e encadeadas pelo ritmo insistente das violas, uma música, explica Jagger, «que penetra como um punho no estômago e te esvazia de tudo, pior do que um clister»).

De microfone na mão, Jagger, à noite, torna-se finalmente aquilo que é, igual a si mesmo: grita, agita-se, lança pétalas de flores sobre a plateia, pára um instante para beber um golo de água mineral, depois volta a agitar-se, a andar de um lado para o outro, como um boneco articulado movido por fios invisíveis: «Eis porque nos chamamos os **Rolling Stones**. Rodamos contìnuamente, mas sempre a subir, nunca a descer», disse Jagger ainda há poucos dias, cortando a torta para a festa do seu aniversário.


GRUNDIG
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

AMORTECEDORES
REPARAÇÕES —
— Montagens Rogério, ex - empregado: DELCO, REMY, BAPAZ.
Av. Sacadura Cabral, 27-B
Tel. 762128 — Lisboa-1

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE

EQUIPAMENTO DOMÉSTICO

E PARA ESCRITÓRIOS
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES
CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL
Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL
Nome
Morada Telefone:

NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — EXPOSIÇÃO ITINERANTE SERGE POLIAKOFF
17 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO — RAUL PEREZ — Surrealista ■ 7 DE
DA CHINA DE CRUZEIRO SEIXAS — OBRAS RECENTES 1972 ■
CHARTERS DE ALMEIDA — ESCULTURAS — AÇO
5 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO GRANDE EXPOSIÇÃO
INOXIDÁVEL — TAPEÇARIAS — BRONZES.
DE MESTRE JORGE BARRADAS — CERÂMICAS
EXPOSIÇÕES
GALERIA S. MAMEDE
Rua da Escola Politécnica, 163-175
■ 14 DE NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — INAUGURAÇÃO DE NOVAS
SALAS COM UMA EXPOSIÇÃO DE 24 DESENHOS A TINTA
— 12 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO

DIAMANTINO VISEU

DIZ ADEUS AOS TOIROS

Sim, eu vi Manuel Rodriguez, Manolete, **o mais asceta, não só cultivar sua flor/ mas demonstrar aos poetas: como domar a explosão / com mão serena e contida, / sem deixar que as derrame/ a flor que traz escondida, / e como, então trabalhá-la/ com mão certa, pouca e extrema;/ sem perfumar sua flor, / sem poetizar seu poema.**

Com estes versos o poeta João Cabral de Melo Neto, cidadão de um país onde não existem touradas, homenageou o lendário **Manolete.** Existe, entretanto, outra pessoa digna dessas palavras. O seu nome é Diamantino Martins Vizeu, o homem que, quebrando um dogma, se tornou no primeiro e, segundo os entendidos, mais completo matador português surgido até hoje, ombreando até com os maiores toureiros já aparecidos em todos os tempos.

No próximo dia 24, Diamantino Vizeu, depois de uma ausência de mais de seis anos, vai entrar pela última vez numa arena vestindo o traje de **luces.** A sua carreira encerra-se durante a **Corrida da TV,** no Campo Pequeno, a maior praça de touros de Portugal e cenário de muitas de suas glórias. Ao submeter-se á cerimónia do **corte da coleta,** Diamantino deixa para traz vinte e oito anos de toureiro, que representam mais de mil toiros abatidos, centenas de rabos e orelhas cortadas, além de uma infinidade de voltas triunfais em praças que se chamam Toledo, Madrid, Sevilha, Salvaterra e este mesmo Campo Pequeno, onde agora fica para sempre a sua capa, a sua espada e o traje de **luces** que ele, mais do que ninguém, soube dignificar. Do seu toureio ficam ainda as lembranças de uma arte exigente, de uma beleza sóbria, àspera e contida, só devidamente apreciada pelos iniciados.

Este é o homem que vou entrevistar. A sua casa fica num terceiro andar, diante de uma praça quieta e florida. Quando entro, descubro um ambiente também tranquilo protegido por grossos cortinados. Na sala, onde aguardo o toureiro, anoto: num canto, um busto seu, em bronze. Nas paredes, muitos quadros a óleo. Alguns são paisagens, mas a maioria são retratos seus, realizados por pintores dotados de **afición.** Entre esses quadros vejo um que representa uma **estatuária** realizada por Diamantino numa de suas incontestáveis tardes de glória. E um passe difícil, de uma beleza clássica, hoje quase em desuso. Os olhos descobrem ainda, encoberto por uma poltrona, um monte de telas desenhos e molduras. Mais tarde fico a saber que o toureiro é também poeta, pintor e escultor. Os dois bustos — o de uma menina e o de uma mulher — que estão sobre o armário, junto de medalhas e condecorações recebidas pelo toureiro, são arte sua. Quer dizer: os toiros foram, na vida de Diamantino, apenas mais um meio que usou para expressar-se criando belezas.

HUMILDADE: TRIUNFEI GRAÇAS À BOA-VONTADE

Observo ainda, olhando os retratos de Diamantino Vizeu, que em todos eles o toureiro aparece com a cabeça levemente inclinada, o olhar ausente, quase sempre triste. Porém, quando ele surge — de camisa desportiva e gestos educados — vejo que não há nenhuma tristeza nos seus olhos, embora no decorrer do encontro os sorrisos tenham sido poucos. Antes de fazer a primeira pergunta, Diamantino avisa-me que o tempo é curto: devido à sua longa ausências das arenas e considerando o espectáculo da sua despedida, tem treinado até oito horas todos os dias. Nesta tarde, deve partir para uma **ganadaria** onde vai exercitar-se mais um pouco:

— **As pessoas lembram-se de um bom toureiro. Tenho que dar tudo de mim agora, para não as decepcionar** — justifica-se. Depois, responde com precisão à primeira pergunta, sobre sua estreia:

— **Em Junho de 1944, em Toledo, fiz a minha estreia, matando o meu primeiro toiro. Até então o toureiro à espanhola era um tabu para os portugueses. Havia, é claro, matadores mexicanos, venezuelanos, peruanos, franceses, e até mesmo norte-americanos. Mas em Portugal, um país de tradições tauromáquicas, existia a crença de que se os portugueses poderiam ser (e são) grandes cavaleiros, nunca seriam, entretanto, matadores. Foi contra isso que me revoltei, resolvendo tornar-me num deles, esforçando-me, inclusivamente para destacar-me como matador, o que era difícil numa época em que toureava Manolete, Litri, Gitanillo de Triana e outros monstros. Eu sabia perfeitamente o que estava a fazer, embora os meus conterrâneos, respeitando o dogma em vigor, não acreditassem nas minhas possibilidades.**

O diálogo é interrompido. Diamantino procura um cigarro, acende-o e dá uma baforada. A proveito a pausa e peço-lhe para rememorar esta sua primeira corrida. A sua resposta é pronta:

— **Não foi uma boa corrida, eu não matei bem. Entretanto, de uma certa forma, triunfei, pois voltei a ser contratado, ainda na praça, para voltar a tourear na próxima corrida daquela temporada que se realizaria duas semanas depois. Posso dizer ainda que aqui começou a minha arrancada na Espanha. E, mais do que isso, estava abrindo caminho para outros portugueses, o que iria possibilitar o aparecimento de por exemplo, um Manuel dos**

Receita de toureiro: Talento, valentia e sensibilidade

abertura na cidade

OLAIO

Inaugurou a sua
FILIAL DA ESTEFÂNIA

R. PASCOAL DE MELO, 83-C

P PARQUE DE ESTACIONAMENTO AO DISPOR DOS SEUS CLIENTES

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO AO RITMO DO PROGRESSO

JOSÉ OLAIO & Cª (FILHO)

DL/DOMINICAL — ESPECTÁCULOS

Barcelona, 1942: alternativa pelas mãos de Gitanillo de Tristana

Santos, que foi um excelente matador.

Outra pausa e uma confissão humilde:

— **Porém devo esclarecer uma coisa: se triunfei em Toledo, isso se deve em grande parte à boa vontade da crítica, e, também ao esforço que fiz, expondo-me com coragem. Mas, quanto a competência e a capacidade artística, devo dizer que aqueles dois primeiros toiros deixaram muito a desejar. Não cortei nenhuma orelha** — mesmo porque, naquele tempo elas não eram concedidas com a mesma facilidade que hoje, mas saí em ombros da arena.

UMA PAUSA BIOGRÁFICA

Mais tarde consulto as quatro páginas que Jayne Duarte de Almeida dedicou a Diamantino Vizeu na sua **Enciclopédia Tauromáquica,** Desta primeira corrida não há quase nada duas linhas apenas, só o registo. Portanto, a revelação reveste-se de valor. Aproveitando a leitura da obra, anoto alguns dados biográficos do toureiro.

«Diamantino Francisco Martins Vizeu nasceu no dia 21 de Junho de 1924, em Lisboa. Na sua família não se registava nenhum antecedente tauromáquico. Ele estava, naturalmente, destinado ao comércio, a carreira mais comum para as pessoas da classe média, de onde vinha. Assim, logo que Diamantino concluiu a instrução primária passou a frequentar o liceu. Durante esse período notam-se nele certos sinais de rebeldia e inquietação. Escreve um livro chamado **Rapazes de Hoje,** mas descobre que a literatura não é seu meio ideal de expressão. Por essa época, os seus pais, preocupados com o seu futuro, pensam encaminhá-lo para o comércio ou a indústria, actividades nas quais ele se mantem por um ou dois anos. Porém, quando a família pensa estabelecê-lo definitivamente nessas actividades, ligando o seu nome como sócio de alguns empreendimentos comerciais, ele recusa-se com firmeza. Nesse tempo já o futuro matador experimentara o fruto proibido das lides, participando de uma tenta em 3 de Maio de 1942, realizada no tentadero do Conde da Torre, no seu palácio de Benfica. Posteriormente, Diamantino frequenta, por um breve espaço de tempo, as escolas de Luciano Moreira e Júlio Procópio, revelando o nascimento no seu espírito, de um forte entusiasmo pelo toureio e pelo próprio espectáculo. taurino.

Pouco depois, vendo tourear em Portugal, diversos valores estrangeiros, não se conforma com a situação do toureio a pé no país, onde nenhum valor se revelava. Nenhum matador — mesmo medíocre — era português. Lusitanos, apenas alguns cavaleiros. Diante disso, começa a surgir em si a ambição de tourear à espanhola. E com estes desejos enfrenta a descrença e o riso dos seus compatriotas. Não desanima e procura um apoderado, Feliciano Cercó Ferreira, a quem expõe a sua pretensão. Felicjano, o «Puntaret», para surpresa do meio, aceitou apresentar o novo toureiro, orientando-lhe a formação profissional.

Em 18 de Janeiro de 1944, Diamantino parte, com algumas pesetas, duas ou três cartas de recomendação e uma vontade de ferro, para Espanha. Fixa-se em Sevilha onde frequenta ganaderias, conhecendo alguns dos maiores toureiros da época e deles recebendo lições. Depois, segue para Madrid, onde aguarda o momento de se iniciar na nova profissão, já nesse momento a grande preocupação da sua vida.

Na tarde de 19 de Junho de 1944 em vésperas de completar 20 anos, Diamantino vestiu o seu primeiro traje de **luces**, em Toledo, alternando-se com Luis Redondo. Volta a tourear nesta praça no dia 25 do mesmo mês. Perante as provas dadas, seguem-se actuações em La Linea, Campo Real, El Reguengo e, a 27 de Setembro, corta a sua primeira orelha, em Jaen. Portugal, para ele, continua no entanto, o tabu: é impedido, nesse mesmo ano, de vestir o traje de **luces** quando pretendeu tourear em Salvaterra. A decisão, do Sindicato Nacional, reconhecia-lhe uma única categoria dentro do toureio a pé — a de **bandarilheiro**.

FEIRA DE SEVILHA A GRANDE EMOÇÃO

Outra vez diante do toureiro, abandonadas as notas biográficas. Retomando a entrevista faço-lhe uma pergunta, a clássica, «qual a maior emoção de sua vida?».

Texto de Wanderley Diniz
Fotos de RUI PACHECO

— **Em toda a minha vida de toureiro, duas corridas permanecem inolvidáveis. A primeira foi em 1946, a minha estreia na Feira de Sevilha. Esta foi a corrida que, definitivamente, me lançou como toureiro. Nesta tarde firmei contrato para mais 30 outras, na Espanha 5 das quais na mesma Sevilha. Foi, portanto, a corrida que pràticamente definiu a minha vida.**

Diamantino parece perder-se no meio das lembranças. Acende um outro cigarro. Recorda, com uma certa amargura, e ao mesmo tempo, com orgulho, alguns detalhes desta festa brava.

— **Nessa época eu já tinha alguma experiência, já alcançara alguns êxitos. Já havia provado, em parte, aquilo que sempre foi importante para mim, que o português pode ser tão bom toureiro quanto o espanhol. Compreenda-se: os espanhóis já acreditavam nisso. Mas, os portugueses, não. Assim, nessa tarde, aconteceu um facto curioso que até hoje me mabgoa um pouco. Os aficionados portugueses, na sua grande maioria, recusaram-se a assistir à minha lide. Muitos compraram os bilhetes mas não entraram na praça. O pensamento geral era de que** eu iria fracassar. Se o dogma **de que o português nunca seria um matador, já estava quebrado, persistia ainda a crença de que ele jamais seria um «bom» matador. Os meus conterrâneos continuavam a recusar-se a crer nas minhas possibilidades.**

Nesse momento vejo os olhos de Diamantino Vizeu iluminarem-se, numa tardia mas eficaz desforra:

— **Enfim, azar deles. Nesta tarde eu estava no meu dia. Cortei a única orelha concedida durante a Feira. E saí em ombros da arena, depois de dar a volta triunfal. Esta foi, portanto, a grande emoção de minha vida, só igualada por aquela que senti na tarde de 23 de Março de 1947, na Praça de Barcelona, quando recebi das mãos de Rafael Vega de Los Reyes, o Gitanillo de Triana, a minha alternativa. Naquele dia, eu estava não apenas a realizar os meus sonhos, mas também a restabelecer uma espécie de fé ao toureiro português, quanto às suas possibilidades. Sei também que naquele dia, estava definitivamente aberto o caminho para outros valores, sendo que hoje temos por aí uns 18 matadores portugueses, alguns muito bons.**

A conversa já vai longe. Diamantino conta mais coisas. Emite opiniões. Relembra a histórica competência que traçou com outro grande matador português, Manuel dos Santos. Pergunto-lhe quem venceu essa **competência**. Ele, modesto, diz-me que não houve vencedores. Afirma que aqueles que eram fiéis a Manuel dos Santos, fiéis continuam até hoje, o mesmo acontecendo com os que defendiam a superioridade de sua arte em relação ao toureio praticado pelo actual empresário do **Sector UM:**

— **A verdade é que o nosso toureio se diferenciava muito, o mesmo acontecendo também quanto ao feitio das nossas personalidades. Mas, o Manuel, sem dúvida nenhuma, foi um grande matador. De nossa competência, guardo a impressão de que se houve algum vencedor, este foi o público, ou a arte de tourear, em Portugal, que naqueles tempos conheceu momentos altos.**

A ÚLTIMA CORRIDA

Quantas vezes foi colhido? Não se lembra mais. **Algumas dezenas de vezes**, diz como que a dar uma satisfação. Porquê esta volta para um adeus, depois de seis anos de ausência? Diante da pergunta, Diamantino não hesita:

— **A última corrida que fiz foi em Lourenço Marques, há uns cinco ou seis anos. Depois disso, não voltei às arenas. Agora, porém, o pessoal da RTP pediu-me para participar da Corrida da TV, onde faria o corte da coleta, desligando-me oficialmente da profissão. Pensei muito antes de aceitar o desafio. Falei com a minha família, pesei vários factores... idade, forma física, falta de prática. Por fim, decidi-me a participar da corrida. Sei que tenho uma responsabilidade muito grande, uma imagem construída que, não posso agora, destruir. Por isso tenho treinado, diàriamente, até 8 horas. Espero, portanto, estar em forma no dia 24. Quero realizar um bom espectáculo, deixando no público as mesmas saudades que levarei comigo.**

PARA OS JOVENS AS ÚLTIMAS PALAVRAS

O **papo** está chegando ao fim. Diamantino apresenta a mulher e as duas filhas. **São vinte e quatro anos de casados**, informa. **E, de muito amor**, ressalta. Falamos ainda de toiros. Ele dá suas opiniões. De Ricardo Chibanga gosta de coragem. Quanto ao toureiro em si mesmo, continua como sempre esteve. Não vê crise, mas sabe que é preciso ter paciência porque é todos os dias que surgem Belmontes, Gitanillos, Gallitos ou Manoletes. Em todo caso, existem Paco Camino e Ordoñes, que, se não são excepcionais, são bons. Enfim, as lamentações são demasiadas, o saudosismo, muito.

Para encerrar a conversa, peço a sua opinião, os conselhos que daria a um jovem matador. Diamantino pensa um pouco, olha para o tecto e dita-me, pausadamente.

— **Não vale a pena insistir na tentativa de ser toureiro se não se possuirem qualidades verdadeiramente excepcionais no que diz respeito à valentia e à expressão artística. Por outro caminho, o toureiro verificará mais tarde que consumiu os melhores anos da sua vida sem que nos toiros tenha encontrado a satisfação e a independência com que sonhou, com o prejuízo da falta de preparação para assumir a vida depois que a glória passar. Vai notar que estará escravizado a hábitos, como o de uma vida cara, vivendo sempre à espera da vergonha do momento em que não possa mais manter o dia-a-dia do homem-ídolo, que uma vez, entre luzes, de ouro se vestiu.**

Sua ambição é um bom espectáculo de adeus

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

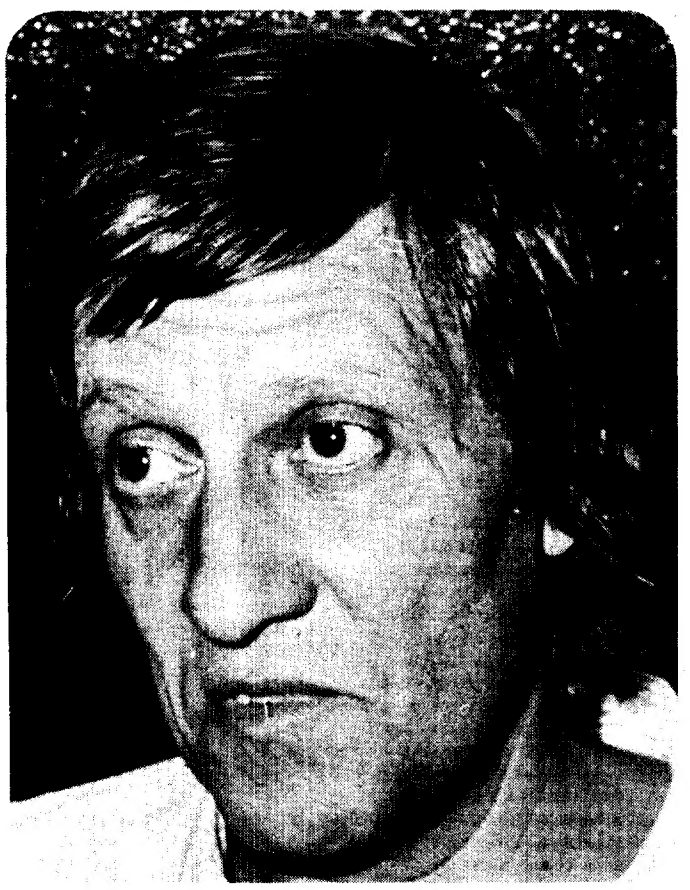
VAI CASAR?
Grande oferta aos noivos
Consulte e visite a
FOTOGRAFIA ESTÚDIOS NOVA GOA
e terá 20 % de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão
Rua S. João da Mata, 71-A
Telef. 66 73 62

DL/ESPECTÁCULOS

JOSÉ VIANA E DORA LEAL:

REPRESENTANDO (A SÉRIO) MARIDO E MULHER

Na próxima peça a estrear no Teatro Villaret, José Viana e Dora Leal desempenham os papéis de marido e mulher. Na vida real, os mesmos papéis já foram assumidos há sete anos, o que, somado a quatro de convivência anterior não formalizada, perfaz uma ligação de onze anos.



Constituem o que se pode chamar um casal **híbrido.** Não direi a «união do espírito com a carne», mas uma ligação que coloca frente a frente temperamentos diferentes, em que a inteligência, o espírito crítico e a **loucura** de José Viana se encontram com a simplicidade, a vivacidade e a simpatia de Dora Leal. Estão juntos (também) no teatro. Estiveram-no nas revistas em que José Viana foi empresário e encontram-se, agora, ambos a trabalhar na preparação da comédia «Sua Excelência o Pendura» dirigida por Paulo Renato.

No entanto, a peça representa para cada um coisas absolutamente diferentes. Para o actor é mais um trabalho um passo sem importância numa profissão que se escolheu há muito tempo e que, para ser cumprida, exige a presença no palco, o contacto com o público.

É um trabalho de rotina, sob o ponto de vista meramente profissional. Parece-me bem carpinteirada, cheia de «gags» para fazer rir e está a ser dirigida no justo tom pelo Paulo Renato. Embora a acção decorra em Itália, não se enveredou por um regionalismo de imitação do italiano. Numa definição, trata-se de um óptimo quadro de revista prolongado em três actos. O que significa, também que, embora de uma forma amável e consentida, esboça irónicamente uma crítica á vida moderna. É uma peça que, duma perspectiva burguesa, envolve certa crítica á própria burguesia.)

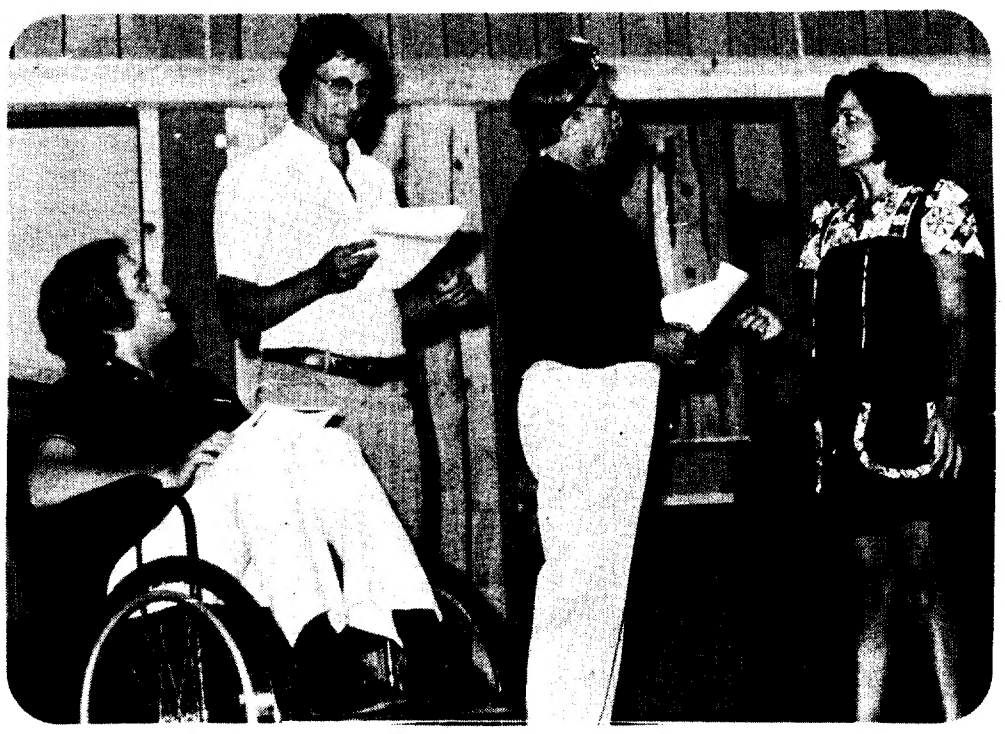
. Para Dora Leal, este trabalho é ainda uma oportunidade. Depois de dez anos a fazer revista, o teatro declamado abre-lhe pela primeira vez, as portas. Ela atravessa-as com um entusiasmo quase infantil, que não exclui a preocupação de dar o **melhor.**

(Há muito tempo que ansiava fazer comédia. Também me entusiasma ser dirigida pelo Paulo Renato que, como encenador me parece ser uma pessoa extraordinária. Além disso, o meu papel está muito de acordo comigo própria. Na peça sou uma mulher do povo e na vida real sou uma pessoa extremamente simples. Estou convencida de que este trabalho me abre boas perspectivas.)

AMBIÇÕES

São duas pessoas com preocupações muito diferentes em matéria de teatro. **A minha mulher tem uma visão muito menos ambiciosa do que eu** — concorda Viana. É fácil descobrir nele a insatisfação do artista que há muito respondeu ao chamamento do teatro e a partir daí, fez dessa forma de arte e comunicação uma causa. Uma causa que se procura ganhar, dia-a-dia, passo a passo de trabalho em trabalho. A realização pessoal não pode mais estar desligada da própria intervenção do teatro na sociedade. Não chega ganhar louros para ostentar como um rei, enquanto o teatro serve tudo menos os homens.

(O que ambiciono para o teatro? Condições para que se lhe possa exigir que cumpra a sua missão: contribuir para modificar no sentido positivo, a sociedade em que vivemos. Teatro não pode nem deve ser um ámen: tem que ser inquietação, loucura e outras coisas que me está interdito dizer).



Juntos no palco, ainda em ensaios

Dora parece-me gostar de teatro como uma menina gosta da sua boneca. Ama-a, sem se lhe entregar. Em Dora, os olhos brilham quando fala de teatro, como quando fala do marido, dos filhos, da casa, das flores, das coisas belas que ama. Dora ri o teatro. José Viana sofre-o. Ela diz simplesmente: **«Gosto muito de teatro. Quero trabalhar sempre ambicionei ser actriz, embora não me interesse ser vedeta».**

HISTÓRIAS

De José Viana, a história é longa. Gente que hoje é crescida e vai (ia) á revista do Maria Vitória á procura de riso não alarve, recorda o tempo em que ele participava no programa infantil dos domingos na televisão. Perguntava a um miúdo: **«O que queres ser quando cresceres?»** os seus dedos eram rápidos e precisos a desenhar um avião se o menino queria ser aviador. Hoje, José Viana continua a gostar de crianças e é capaz de desenhar aviões, embora prefira as figuras humanas. Mas não foi no desenho nem na pintura, como também não foi na música, a que em tempos se dedicou que o artista procurou seguir a sua evolução até ao fim. Já nesse tempo (do programa infantil primeira referência que tive dele), o teatro tinha entrado na sua vida, até ao âmago, e ele entrara na vida do teatro português enriquecendo-a com a sua força, a sua coragem, a sua imaginação, a sua inquietação, o amor e o humor. O humor tem sido uma ventura séria ao longo de (já) quase trinta anos. Um processo crítico, nunca um recurso gratuito. Como autor e actor, a revista tem sido o seu mais explorado campo de acção. De tal modo que nos parece quase estranho depois de «Pimenta na Língua» (êxito até á surpresa) e apesar de «Ora Bolas p'ro Pagode» (fracasso também surpresa) a sua viragem para a comédia. E para uma comédia que está longe de corresponder aos seus anseios de artista. Desilusão em relação á última revista de triste memória?

. **«Não posso sentir-me desiludido em relação a algo que nunca me deu ilusões. Claro que não me refiro á revista, mas áquilo que não permite que a revista seja o que deve ser. O meu último espectáculo não pôde ser apresentado como eu o escrevi. Não admira que tenha desiludido o público. Este já pode ler determinadas coisas nos jornais, pode vê-las no cinema, procura-as naturalmente, no teatro. Ora, a revista está reduzida a um mero formalismo, perdeu o impacto em que eu tinha confiança, a coragem que o público deseja-**

JOSÉ VIANA

Com Dora encontrei a estabilidade moral e psicológixa capaz de criar condições para poder trabalhar

va. Isto não acontece por culpa de quem escreve. Nem tão pouco eu desisti de escrever revista: apenas preciso de mais tempo para pensar a melhor maneira de dizer as coisas.)

. De Dora Leal, a história é muito mais curta. Tem feito sempre revista, desde há dez anos. A revista é um

CHÁ DE HAMBURGO
LEGÍTIMO
ESTIMULANTE DIGESTIVO
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

Texto de REGINA LOURO ● Fotos de RUI PACHECO

mundo muito mais complicado para as mulheres, que têm de passar por coristas, bailarinas, discípulas, actrizinhas, toda uma longa hierarquia, até que chegue o momento em que é permitido emprestar ao espectáculo algo mais do que o corpo. O encontro com José Viana proporcionou-lhe oportunidades que ela tentou agarrar. O **meio,** porém não reagiu da melhor maneira. O Parque Mayer é fértil em intrigas e invejas.

DORA LEAL

Com o meu marido adquiri uma certa visão das coisas que, de outra forma, me estaria vedada.

INTRIGAS

(«Essa reacção em relação á minha mulher não parte exactamente dos profissionais do teatro, mas de determinados marginais frustrados que pretendem estabelecer correntes de opinião e com os quais não estou interessado em conviver. Nunca vi ninguém com real valor e merecimento acusar-me de ter dado oportunidades não merecidas á Dora Leal. São pessoas que falam muito em promoção, mas que, ao fim e ao cabo, não são capazes de aceitar a promoção dos outros. Por essa ordem de ideias, eu estou disposto a perguntar a todos quantos destrutam de uma situação, quem é que os ajudou.)

José Viana é veemente na forma como defende o lugar da mulher no teatro. Dir-se-ia uma batalha contra os tais «marginais» a que se refere. Não estará o sentimentalismo a sobrepor-se á lucidez, com que encara, em todos os demais aspectos o teatro?

(Uma prova de que não estou errado foi-me dada na passada época, quando realizámos uma digressão através do país. Trabalhámos em muitas terras que não estavam a par das opiniões dessa gente e verificou-se que o público aplaudia a Dora, ria com ela, reconhecia o seu valor. Em face da realidade — e a realidade no teatro é o público — a Dora ocupa o lugar que lhe pertence. Entre a arbitragem de meia dúzia de inaptos que a atacam e a arbitragem do público que a vê, eu prefiro a do público. É a única que me interessa. De resto, gosto tanto de teatro que não me interessaria impor a minha mulher, se ela não fosse realmente um animal de teatro.)

Dora Leal reconhece que a sua carreira deve muito ao marido. Mas não estará ela, neste momento, indo além daquilo que desejava, sacrificando-se excessivamente, só para seguir José Viana?

(Fazia teatro antes de ser mulher do José Viana. Estou no teatro porque gosto, mais nada. Evidentemente, reconheço que lhe devo muito. Mas as outras pessoas que sobem, não o devem, também, a ajudas? Não se trata só de alcançar um lugar melhor no teatro. Em todos estes anos de convivência, adquiri uma certa visão das coisas que, doutra forma, me estaria vedada. Mas seria inconsciente se permanecesse no teatro sabendo que não tinha valor, que o público não me aceitava. Os próprios ataques, a que, ao princípio era muito sensível, reforçam a minha convicção de que sou capaz de ir mais além. Se eu não tivesse valor, não me atacavam.)

ESTABILIDADE

Por tudo isto, o casal vive o mais possível afastado do meio onde tecem as intrigas com que se procura destruir os outros. A sua casa, fora da cidade, é um refúgio partilhado pelos filhos que um e outro tinham quando se ligaram, aos quais se juntou, há três anos, uma filha de ambos.

(Não nos afastamos, no entanto, do teatro, apenas daquilo que não nos interessa no meio teatral. Mas aí temos, também bons amigos. Arriscamo-nos a ficar isolados? Temos de correr esse risco, para vivermos uma vida o mais honesta possível.)

Dora gostaria de estar com os filhos. Um certo apego á vida familiar e ás coisas caseiras não a impede, no entanto de percorrer o itinerário da profissão que escolheu e na qual encontra, em compensação o carinho do público.

José Viana encontra no lar a tranquilidade que lhe permite trabalhar. Tranquilidade que nada tem a ver com embrutecimento, pois a inquietação do artista continua viva na aventura do homem.

(Teatralmente, a minha ligação com a Dora beneficiou a minha vida, na medida em que me deu estabilidade moral e psicológica capaz de criar condições para poder trabalhar.)

Trabalhar onde? Trabalhar como? A comédia que neste momento é a base da sua actividade terá o seu tempo. Depois? José Viana esteve mesmo para se ligar a um grupo de pesquisas que acabou por desfazer-se, substituindo-se-lhe outros. Seria, talvez, um caminho mais compatível com as aspirações do artista.

(Optei por continuar a fazer teatro nos palcos, visto ser a minha forma de subsistência. De resto, não sou muito optimista em relação ás tentativas de pesquisa que se fazem entre nós. Neste momento, parecem-me um recurso inútil, ou uma forma de frustração como qualquer outra. Tal como num laboratório de pesquisa onde só se pudesse investigar certo tipo de micróbios.)

A seguir a esta comédia, não sei ainda o que virá. O que posso dizer é que, de entre uma centena de peças lidas de há uns tempos para cá escolhi uma dezena, que vou propor a esta empresa. Se forem permitidas — o que não acredito — poderão constituir a base do reportório desta companhia. Há também a hipótese de escrever uma nova revista para representar não sei onde, mas necessáriamente com uma nova parceria. A revista é um campo onde me interessa ir muito mais além.)

A inquietação

NO ENSAIO

A simplicidade

DÉCIMO. Luchino Visconti prepara uma cena de «Ludwig», com Trevor Hward (à esquerda) no papel de Ricardo Wagner e Helmut Berger, que interpreta a parte de Luís II da Baviera. «Ludwig» é o décimo filme de Visconti, e o segundo por ele realizado na Alemanha, depois de «A Queda dos Deuses», em 1969, também este interpretado por Helmut Berger.

VISCONTI E O SEU REI

O filme intitula-se simplesmente Ludwig, **que, em alemão, equivale a Ludovigo ou Luís. Conta a história desconcertante e dramática de Luís II da Baviera, o Wittelsbach filho de Maximiliano II e de Maria de Hohenzollern, que ostentou a coroa durante vinte anos e morreu louco e suicida em 1886. Tinha subido ao trono aos 19 anos. Quando morreu tinha apenas 40.**

Ludwig **é o décimo filme de Luchino Visconti, «a história de uma longa queda», explica o director. Juventude desenfreada, fausto da coroação, amizades dúbias, profundas tristezas, manias, paranóia. E, por último, aquela morte trágica, imprevista e misteriosa.**

«Uma personagem excepcional», precisa Visconti. Sobre o fundo de uma Alemanha encaminhada para a unificação e para o império, mas também para inevitáveis catástrofes. São os anos entre 1860 e o fim do século. Luís II da Baviera escolhe as alianças segundo as simpatias, mais do que segundo as conveniências. É amigo da Prússia, aconselha-se com Otão de Bismark. Mas não compreende a política e, não obstante, participa em duas guerras, na de 1886 e na de 1870, detesta as armas.

Prefere ocupar-se das artes e das letras. Ostenta uma equívoca ligação com Ricardo Wagner, que define «O génio». Diz que o seu sonho seria transformar-se num novo Lohengrin. Wagner retribui-lhe, fala dele como de «um deus belíssimo descido do Olimpo». As suas relações provocam escândalo, mas Luís só aceita interrompê-las quando Wagner se enamora de Cosima Lizt e nasce um segundo escândalo em Munique. «Uma vida vivida no êxtase», diz Visconti, «e, ao mesmo tempo, um longo sonho exaltado».

Ludwig era extravagante, mitómano, despótico. Tinha a mania do grandioso, sentia-se rei sol ressuscitado e queria que o seu palácio fosse um novo Versailles. Por ódio ao Papa, que considerava seu inimigo, deu ordem para que se pintasse, para ele, «uma segunda capela Sistina». Em Munique, no jardim de Inverno do palácio, havia mandado construir um lago artificial com água tinta de azul e, no fundo, um Himalaia fingido, pintado sobre um enorme cartão. Todas as manhãs ali andava de barco. Segundo o seu desejo, as águas eram movimentadas, formando «ondas moderadas» por meio de uma enorme roda de moinho.

Caprichos. Visconti afirma que, provàvelmente, estas manias eram só os caprichos de um rico senhor aborrecido, um sonhador com «uma extraordinária capacidade de viver fora da realidade, ou um infeliz com uma outra tanta extraordinária incapacidade de viver na realidade».

Nos últimos anos de reinado as manias tornaram-se pesadelos. Luís da Baviera pretendia que o seu cavalo preferido lhe fizesse companhia à mesa. Obrigava os funcionários do palácio a caminhar na sua presença literalmente dobrados em dois, e também com as mãos por terra. Havia semeado o reino de castelos, e, de noite, vagueava de trenó, de um para outro, sem encontrar descanso. Da gente da Baviera dizia: «Um povo de ineptos. Desejaria que tivesse apenas uma cabeça, para a poder cortar de um só golpe». O papa excumungou-o porque tinha recusado acreditar no dogma da infalibilidade. Vingou-se dele perseguindo os jesuítas que fez expulsar do reino. Para construir todos os seus castelos viu o fundo aos bens de família e delapidou os fundos do Estado. É processado e deposto, Julgado paranóico e perigoso, foi encerrado no castelo de Starnberg sob a vigilância de médicos e enfermeiros. Quarenta e oito horas depois encontraram-no no lago junto do castelo, afogado em 70 centímetros de água. Suicida, disseram os relatórios oficiais. Mas, na realidade, ninguém nunca soube se, na verdade, se atirara ao lago, se ali havia caído por desgraça ou se alguém o empurrara.

Tão-pouco o filme de Luchino Visconti esclarece este mistério. «Pude documentar-me sobre tudo, a história do filme é exactamente a de Luís II, reconstruída sobre velhos documentos e em testemunhos precisos. Porém, sobre a morte não pude saber mais nada para além daquilo que está escrito nos livros de História. Nem os arquivos de família, nem os parentes, nem os descendentes das testemunhas dizem uma palavra diferente das dos documentos oficiais».

Visconti quís ver também a sepultura. Acompanharam-no nos subterrâneos da igreja de

Continua na pag. 16

Pouco depois de terminar **Ludwig** e já preocupado com outros projectos (uma obra sobre Proust e um filme baseado no livro de Thomas Mann **A Montanha Mágica),** foi sùbitamente internado numa clínica suiça o realizador cinematográfico italiano Luchino Visconti. O célebre director desmaiou em 27 de Julho, num elegante hotel da Via Veneto, afirmando as primeiras notícias que sofrera um ataque cardíaco. Pouco depois foi publicado um enérgico desmentido às notícias de ataque cardíaco mas, entretanto, foi transferido no passado dia 14 para um hospital suiço. Nada mais se sabe, por enquanto, da doença que retém o director italiano numa clínica neurocirúrgica de Zurique.

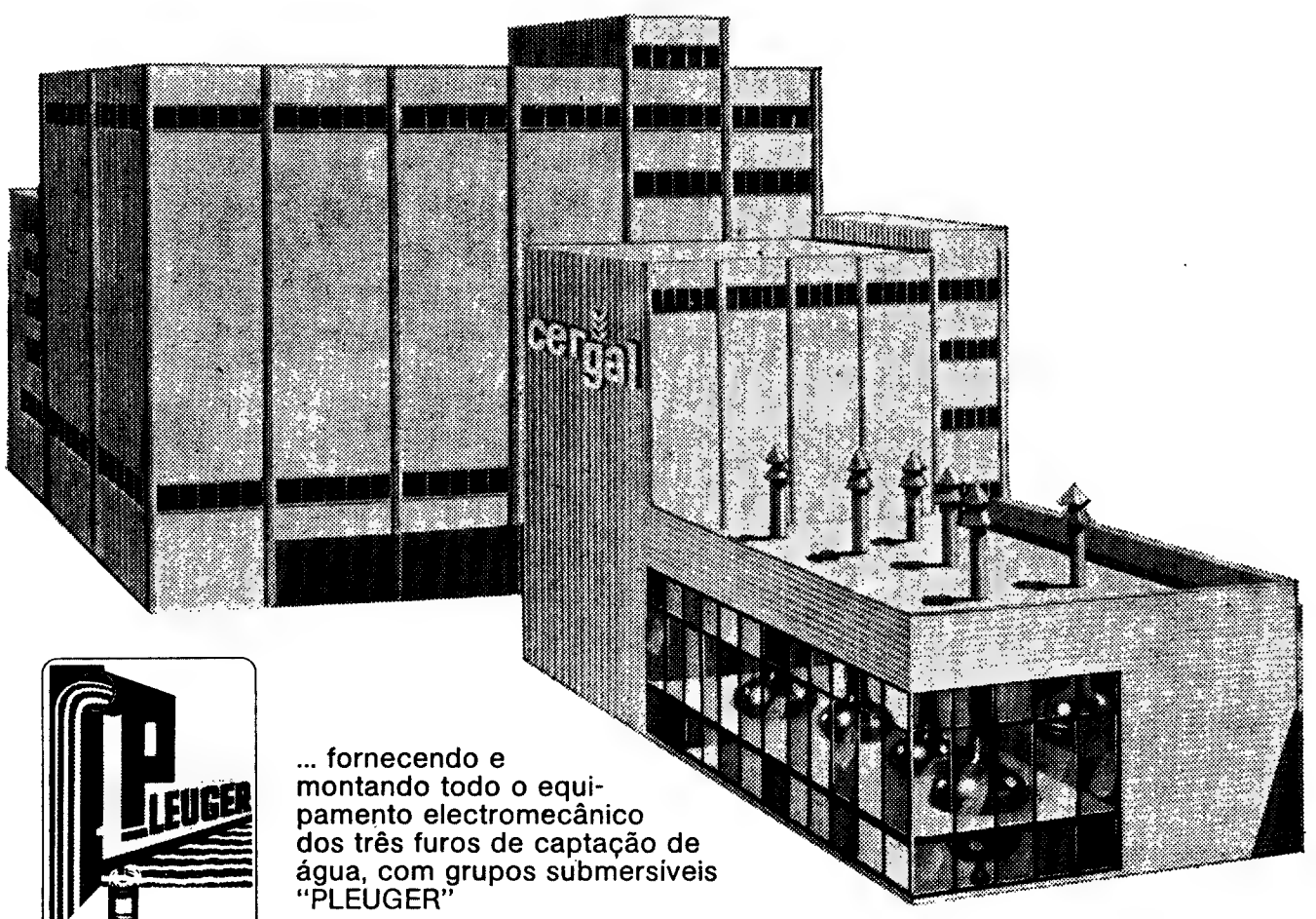
Luchino Visconti tem 66 anos. Ex-assistente de Jean Renoir em França, dedica-se ao cinema, e eventualmente à direcção teatral, há pelo menos 30 anos. Autor de filmes como **Obcessão, A terra treme, Rocco e os seus irmãos, O Leopardo e Morte em Veneza,** Luchino Visconti é um dos nomes mais importantes do neo-realismo italiano. **Ludwig,** o seu décimo filme é «a história de uma longa queda» que constitui, segundo Visconti, um «intermezzo» na sua carreira.

MINASTELA, LDA.

também presente na

cergal

CERVEJAS DE PORTUGAL, S.A.R.L.



LEUGER

... fornecendo e montando todo o equipamento electromecânico dos três furos de captação de água, com grupos submersíveis "PLEUGER"

LISBOA: RUA D. FILIPA DE VILHENA, 12 - TEL. 771228 | PORTO: RUA DO BOLHÃO, 61-65 - TEL. 27029

OS DOENTES DO SOL

Acontece todos os verões, pontualmente. Dois milhões de pessoas que desafiam a aglomeração nas praias, auto-estradas e hotéis para repousar alguns dias, uma boa percentagem regressa, frequentemente a toda a pressa, doente. Em Julho e Agosto são as vítimas do sol: eritemas, queimaduras, golpes de sol. Em Setembro, atingem o seu mais alto ponto as infecções intestinais: diarreias e colites, na grande maioria dos casos, mas também tifo e paratifo. Os médicos sabem-no e preparam-se para os tratar.

«**O sol faz bem**», diz Luigi Donati, de 37 anos, director do Centro de Queimaduras do Hospital Principal de Milão, «**mas as pessoas em férias, muitas vezes, apanham-no em demasia. E, assim, queimam-se**». As queimaduras do Sol são frequentemente favorecidas pela medicina: os antibióticos, sulfamídicos, quinino, antigripais e tranquilizantes reduzem as defesas da pele (que substancialmente consistem na produção de um pigmento protectivo escuro, a melanina, que forma uma espécie de capuz sobre cada uma das células para as defender das radiações ultravioletas). De Verão, afirma Donati, chegam ao Centro de Queimaduras pacientes com queimaduras de sol que atingem o segundo grau.

Também os negros. A doença solar mais espalhada e fastidiosa é, porém, o eritema, um avermelhamento de pele com pequenas borbulhas que parecem furunculos mas não são. Causado pelos raios ultravioletas e infravermelhos da luz solar, o aritema é devido a uma excessiva produção de histamina. E muito aborrecido (o doente tem um desejo insuportável de se coçar) e só pode ser tratado com medicamentos anti-histamínicos.

Além dos perigos a curto prazo, a excessiva exposição ao Sol pode ter, também, consequências bem mais graves após 15 ou 20 anos. A causa principal são as radiações ultravioletas, uma componente invisível da luz solar. «**Ninguém, tão-pouco quem é muito bronzeado, deveria ficar durante horas na praia**», diz Farrington Danniell, dermatologista do Centro Médico Cornel da Universidade de Nova Iorque. «**Também um negro pode queimar-se com uma exposição prolongada ao Sol**».

Típicos dos marinheiros e dos camponeses, os tumores na pele começam agora a fazer vítimas também entre aqueles que não são obrigados pelo trabalho a estar durante longo tempo ao Sol. Nos Estados Unidos, atingem 100 mil pessoas por ano, matando cinco mil. Embora sabendo que são devidos ao acúmulo dos raios ultravioletas no organismo («**As lesões produzidas por estes raios podem provocar uma alteração do DNA celular, ou seja, do ácido desoxiribonucleico que comanda os caracteres hereditários**», diz Donati) os cientistas não sabem ainda exactamente porque se manifestam e, portanto, não estão em posição de os tratar, nas suas formas mais graves.

Mas o Verão é, também, o reino incontestado das bactérias. O calor que favorece a sua multiplicação, os banhos, os insectos e os alimentos permitem a sua difusão. A mais fácil de encontrar é a **bacterium coli,** um bastãozinho microscópico presente normalmente também no intestino humano (onde serve para fazer fermentar as fezes). Prefere o creme à base de ovo. Bastam doze horas para deteriorar as massas alimentícias cozinhadas e não conservadas no frigorífico, e para ocasionar dores, náusea e diarreia a quem as coma.

Outros germes muito difundidos são as salmonelas. Prosperam nos alimentos inquinados (água, leite, fruta e verdura) e abundam nos mariscos. Também o gelado de limão muito ácido, favorece a sua multiplicação. Causam vómitos e diarreia e, nos casos mais graves, também tifo e paratifo.

«**No fim do Verão o tifo aumenta notàvelmente**», diz Annamaria Calvi, primeira médica de doenças infecciosas no Hospital Agostinho Rassi de Milão. Dos 13.340 casos de tifo e paratifo verificados no ano transacto em Itália, mais de um terço (5.186 casos) manifestaram-se entre Julho e Outubro. O primato absoluto (1.445 casos de tifo e 146 paratifo, o dobro de Janeiro, o triplo de Abril) diz respeito ao mês de Setembro.

A causa principal segundo Annamarie Calci, é hábito dos italianos de fazer todas as suas férias em Agosto e encher-se de mariscos. Deste modo, dado que o tifo aparece após 20 dias de incubação, o doente nota os primeiros sintomas quando já regressou a casa.

COM JUIZO. Cura pelo Sol numa praia. O Sol faz bem, dizem os médicos, mas deve ser apanhado com juizo. Se se exagera pode provocar, além dos golpes de sol, queimaduras, até do segundo grau, e eritema.

CRISE DE SONO

«Aconteceu como em certos casamentos difíceis que acabam mal, devido ao diferente rítmo biológico dos cônjuges: ele trabalha de noite, ela de dia, ou vice-versa», escreveu o **Newsweek** sobre a crise de Governo que teve lugar há quinze dias na Holanda e que ainda não foi resolvida. A história foi assim reconstituída: uma noite de meados de Julho, na Haia, o primeiro-ministro democrata-cristão Barend Biesheuvel, do partido calvinista anti-revolucionário (saúde de ferro e hábito de passar as noites em branco) estava discutindo com o ministro social-democrata dos Transportes, Willem Dress, pertencente ao grupo DS 70, nascido de uma cisão dentro do Partido Trabalhista e com outros colegas de gabinete, o orçamento do Estado. Biesheuvel queria reduzir o orçamento dos Transportes e bloquear os salários dos dependentes do ministério. Dress era contrário à medida.

O ministro, homem habituado a levantar-se às cinco horas da manhã e deitar-se cedo, tinha-se mantido acordado (e também nas anteriores noitadas de discussões) à força de comprimidos de anfetamina, cafés e cigarros. Parecia muito tenso. Assim, quando, já madrugada fora, o primeiro-ministro lhe lançou o seu ultimato («Ou aprova o orçamrnto agora ou nunca mais»), o ministro levantou-se de chofre da sua poltrona e gritou: «Nunca mais, nunca mais».

Depois, seguido pelo ministro social-democrata da Educação, Maurits De Brauw, também ele do grupo DS 70, abandonou a sala das reuniões batendo com a porta. Todos os oito parlamentares DS 70 abandonaram a coligação governativa em sinal de protesto contra o primeiro-ministro. O Governo, colocado em minoria no Parlamento (dois votos menos do que a oposição), foi obrigado a demitir-se.

«A causa imediata da crise foram os comprimidos de anfetamina», comentou o **Newseek**. («Se todos os ministros tivessem feito uma bela noitada no Mar do Norte e, depois um sono de vinte a qustro horas, não teria havido a crise», disse um velho parlamentar). «O verdadeiro motivo, porém, foi o caótico e instável sistema político da Holanda». Durante as últimas eleições políticas (que tiveram lugar em Abril de 1971), os partidos na lista eram vinte e oito. Alguns tinham um programa bem definido. Mas muitos, a maioria, distinguiam-se dos outros por matizes de programas, que os próprios holandeses tinham dificuldade de perceber. Outros partidos ainda, haviam apresentado aos eleitores programas baseados em princípios religiosos, mais do que políticos (na Holanda, as numerosas confissões e seitas religiosas influenciam largamente a vida política e social: as poderosas cooperativas agrícolas, por exemplo, são quase sempre de base confessional).

Nas eleições, que são reguladas pelo sistema da proporcional pura (tantos votos para cada um dos candidatos, sem prémios de maioria nem utilização dos restos) alguns partidos obtiveram apenas dois lugares no Parlamento. Entre estes, o partido das classes médias, que recentemente se dividiu em dois devido a divergências ideológicas (os dois partidos dissidentes dispõem agora de um deputado cada um no Parlamento). Um outro partido de minúsculas proporções que tem deputados é o dos **boers**, isto é, dos camponeses. Distingue-se dos outros movimentos por firmes declarados princípios: luta contra a mini-saia e a liberdade sexual, com todos os instrumentos oferecidos pela lei.

Por encargo da rainha Juliana, regressada a toda a pressa de umas férias, o primeiro ministro holandês, Biesheuvel, está agora a procurar refazer uma coligação. Já teve contactos com os chefes de quinze partidos. Outros serão contactados durante as próximas semanas. Entre os temas que empenham e que condicionarão, talvez, o futuro Governo, está o de uma reforma eleitoral que remedeie a proliferação de movimentos políticos. Alguns reformadores desejariam excluir do Parlamento os partidos que venham a obter menos de 5 por cento dos votos nas eleições. Outros desejariam fixar o limite em 2 por cento. A enorme maioria das partidos e partidinhos, porém, começou já a protestar. Fazer publicar a reforma será ainda mais difícil do que formar o novo Governo. Biedheuvel, entretanto, fez saber estar disposto a formar um Governo de minoria para preparar eleições antecipadas.

DEMISSÃO. Barend Biesheuvel, chefe do governo holandês entrado em crise por causa das demissões de dois ministros do grupo socialista DS 70. A coligação governativa (82 lugares em 150) era formada por cinco partidos.

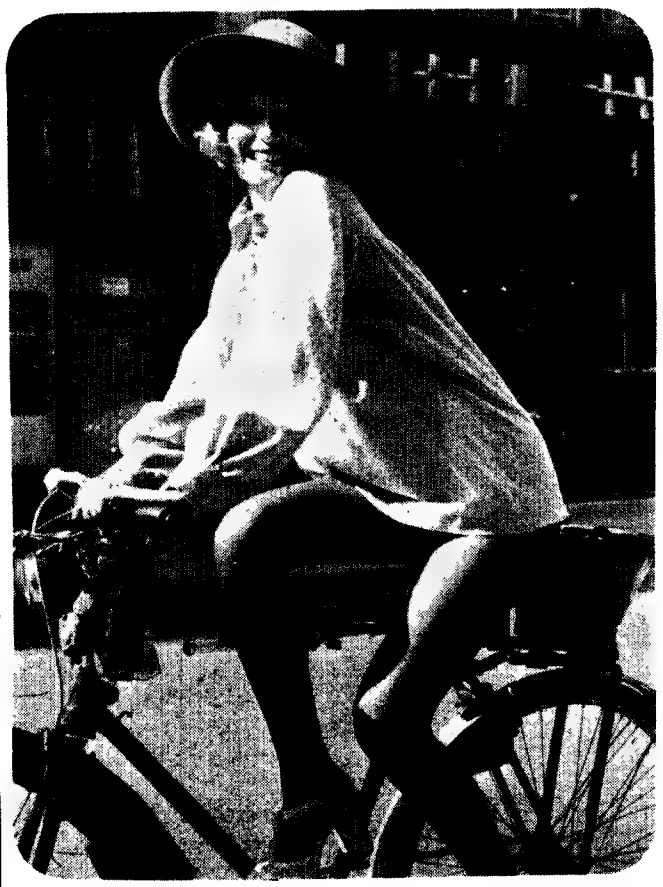
MINI PERSEGUIÇÕES

A mini-saia ainda não deixou de criar problemas. Há algumas semanas, os habitantes de Bungoma, uma tranquila cidadezinha dedicada ao comércio, distante pouco mais de 300 quilómetros de Nairobi, capital do Quénia, foram perturbados pelo imprevisto aparecimento de dúzias de elegantes raparigas, todas elas vestindo mini-saias curtíssimas. Embora se proclamassem regularmente contratadas como empregadas nos **bars**, Isaac Chepkwany, director-geral da polícia do Quénia, considerou encontrar-se perante uma invasão de prostitutas provenientes do vizinho Uganda. A polícia deteve as raparigas, obrigou-as a descer a altura das saias e, depois, reenviou-as para a pátria.

Do Uganda tinham as raparigas saído depois das rigidíssimas disposições anti-mini-saia decretadas pelo general Idi Amin, chefe do Estado: «Não quero tropeçar com mulheres que fazem amor pelas ruas e nos parques», tinha dito Amin, fervoroso muçulmano para explicar a disposição.

Também na Tanzânia, para as mulheres que vestem curto, as coisas não estão a caminhar bem. Nas ruas de Dar-es-Salam, a capital, houve casos de raparigas espoliadas de tudo, porque o seu vestuário, já sucinto, ofendia os defensores do rigoroso partido socialista local, os quais não se preocuparam com o facto de terem reagido um pouco contraditòriamente.

Na verdade, nem todos se associaram a esta ofensiva moralística que invade a Africa Oriental. Charles Njonio, procurador-geral do Quénia, assumiu uma atitude de tolerância. «Quem somos nós, homens», disse, «para ditar leis às mulheres em questões de vestidos?». E, depois, tentando levar a coisa para o lado do riso, sugeriu: «Os africanos que sabem ser especialmente susceptíveis perante um vestido curto, quando vêem na rua uma super-mini-saia, voltam-se para o outro lado».



O uso da mini-saia na saia não parece causar problemas a ninguém.

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA.

NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

GALEONA

esperado em 24 do corernte

VALVANUZ

esperado em 6 p. f.

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

PROJECT

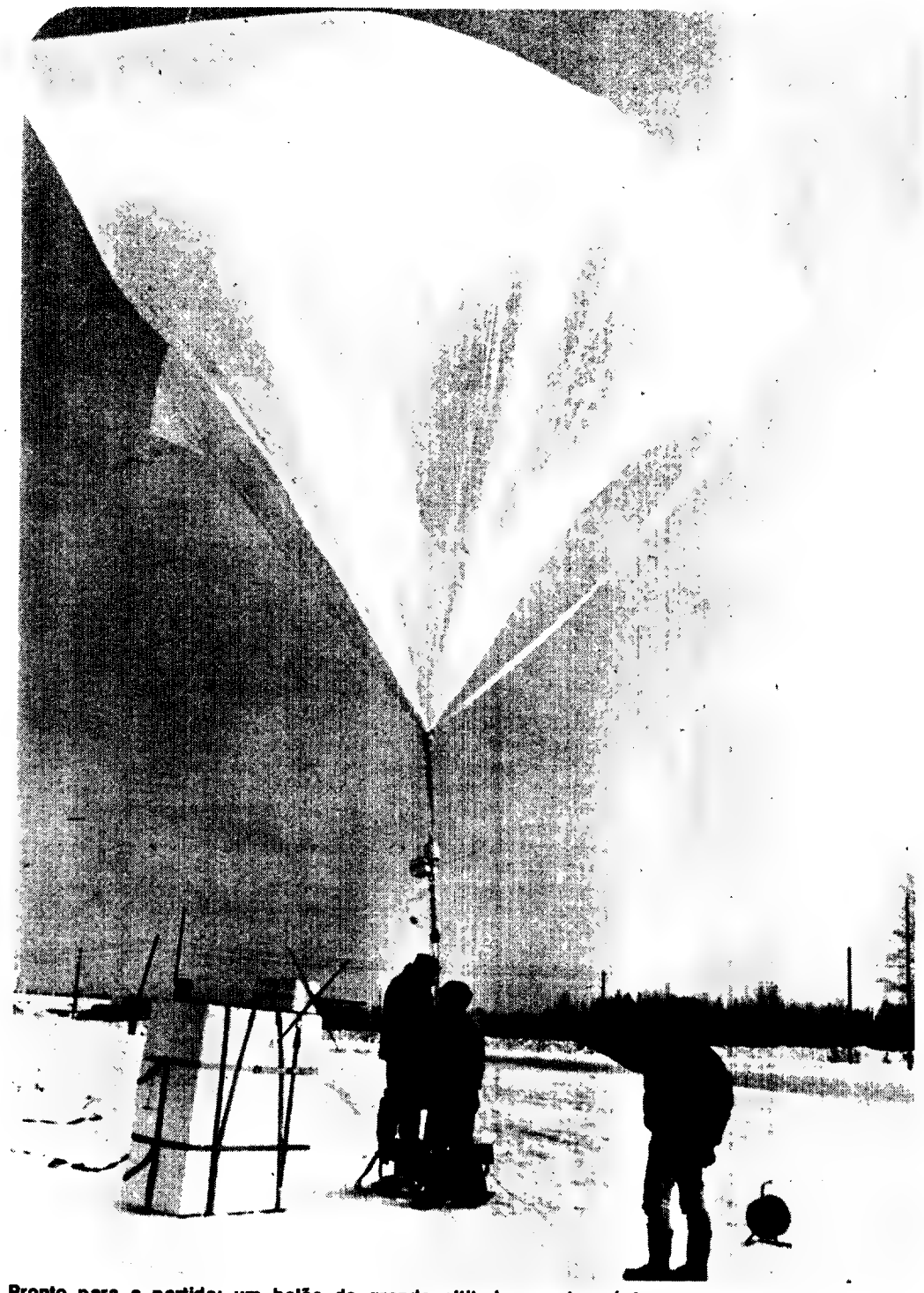
INVESTIGAÇÕES ESPACI

POR CIENTISTAS RUSSO

Dois grupos de cientistas soviéticos e franceses, trabalhando na União Soviética e em duas ilhas remotas do Oceano Índico, estão empenhados num projecto científico, Omega-2, cujo objectivo é o estudo dos fenómenos electromagnéticos nas camadas superiores da atmosfera terrestre. Os seus estudos, levados a efeito por meio de instrumentos transportados até ao limiar do espaço exterior em balões de grande altitude, não só contribuirão para desvendar os mistérios da natureza, mas revestir-se-ão igualmente de importância considerável na melhoria das comunicações pela rádio na Terra e da segurança de futuros voos espaciais.

Os cientistas da Omega-2 trabalham simultâneamente em dois pares de pontos ligados magnèticamente nos diferentes hemisférios: Sogra e Mezen-Dolgoshchelye, na Região de Arcangel da União Soviética, e a Ilha de Kerguelen (pertencente à França) e a Ilha de Herd (pertencente à Austrália) no Oceano Índico.

Igor A. Zhulin, director-adjunto do Instituto de Magnetismo Terre tre, Ionosfera e Prop gação de Ondas d Rádio (Academia da Ciências da U.R.S.S chefia a equipa de cie tistas soviéticos. Ex pli ele: «Os pontos da R gião de Arcangel, be como os das ilhas d Oceano Índico, foram e colhidos para a exp riência porque estes po tos, por assim dizer, e tão ligados a uma úni linha de força do camp magnético do Globo. R gra geral, há muitos po tos assim ligados ma nèticamente: o problem é que, se um deles es em terreno sólido, o o



Pronto para a partida: um balão de grande altitude que levará instrumentos científicos para o limiar do espaço exterior, integrado no projecto conjunto franco-soviético Omega-2.

Largada nocturna de um balão soviético de grande altitude, integrado no projecto conjunto franco-soviético Omega-2, que está a estudar os fenómenos electromagnéticos nas camadas superiores da atmosfera terrestre.

O Professor Camboux (França) (à direita) e o Académico R. Sagdeyev

TO OMEGA-2

AIS CONJUNTAS

OS E FRANCESES

O cientista soviético Kh. Kanonidi, chefe das observações terrestres do projecto Omega-2, fotografado ao telex na ilha de Bosnesenlye com um dos seus colegas franceses.

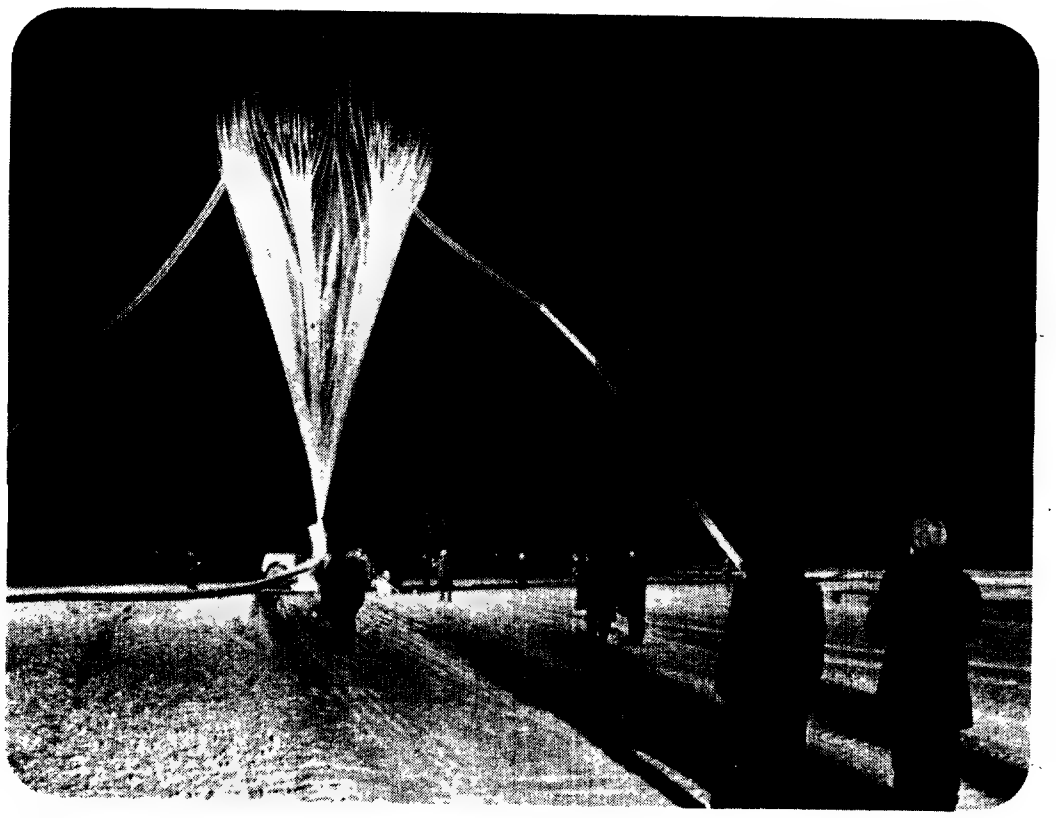
Fotos de L. POLIKASHIN

Exclusivo Camera Press-ADS-DL

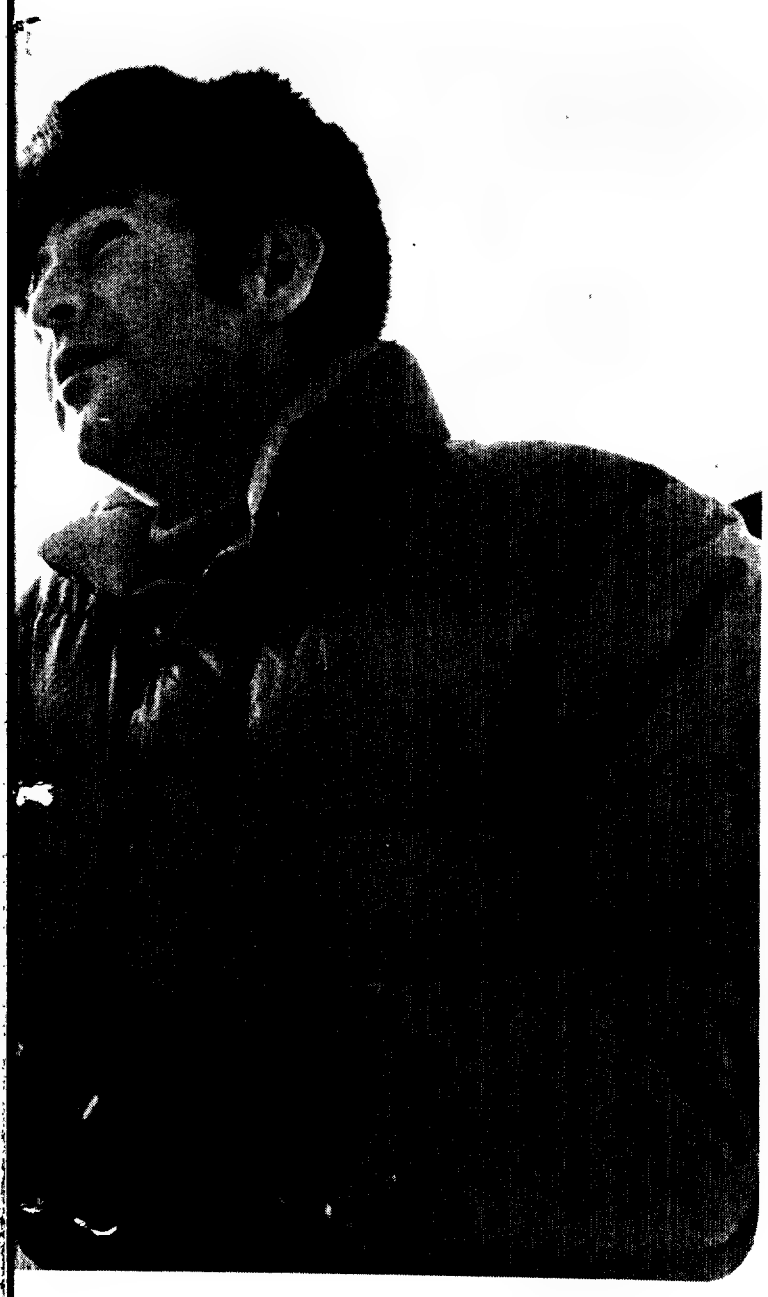
es- tro, infelizmente, está no
pa- oceano. Existem apenas
de estes dois pares únicos
das de pontos ligados em ter-
S.), reno sólido, e estamos a
en- servir-nos deles para as
ica nossas pesquisas».
Re- E o nome do projecto
em — Omega-2? É muito
do simples, a forma das li-
es- nhas de força do campo
pe- magnético do Globo lem-
on- bra a letra grega «ome-
es- ga». Os balões de gran-
ica de altitude, largados em
po extremidades diferentes
Re- das linhas magnéticas li-
on- gadas, parecem comple-
ag- tar a forma da letre.
ma Os cientistas que se
stá encontram na parte se-
bu- tentrional da região de Arcangel vivem e trabalham de acordo com o Tempo Médio de Greenwich. Os laboratórios, bem como as salas onde estão as máquinas teleimpressoras, instalaram relógios da hora mundial utilizados em todas as estações geofísicas; a mesma hora é indicada precisamente na estação da Ilha de Kerguelen, a cerca de 13000 km de distância.

As duas estações estão permanentemente em comunicação uma com a outra através de Paris. Assim, quando chega a altura da largada, os gigantescos balões sobem para o céu rigorosamente à hora prevista, levando para a atmosfera conjuntos de instrumentos científicos de origem soviética e francesa.

O projecto foi totalmente organizado pelo Conselho Intercosmos da Academia das Ciências da U.R.S.S. e o Centro Nacional de Pesquisa Espacial, de França. Outras organizações científicas participantes são o Instituto de Física da Terra, de Paris, e o Centro Nacional de Pesquisas das Telecomunicações.



Partida noturna de um balão francês de grande altitude: parte do projecto conjunto franco-soviético, Omega-2, que está a estudar os fenómenos electromagnéticos nas camadas superiores da atmosfera terrestre.



v (U. R. S. S.) trabalham no projecto Omega-2.

O dr. Armand Soubrier, técnico chefe do grupo de cientistas franceses do projecto Omega-2, prepara um balão de grande altitude para a largada nocturna.

D. MARIA ALICE GODINHO VALAMATOS DA SILVA BASTOS

MISSA DO 7.º DIA

Ricardo da Silva Bastos, seus filhos José Ricardo e Cristina Filomena e José Godinho das Neves e sua mulher Bernardina Neves e mais família, participam que amanhã dia 21 às 13,15 horas, na Igreja do Sacramento será celebrada Missa pelo eterno descanso da alma da sua muito querida mulher, mãe, filha e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem a assistir.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alenteio e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Fóia, concelho de Monchique, de: modificação da linha mista a 15 kV para o PT do Rádio Clube Português na Fóia, sem aumento de comprimento, introduzindo o apoio 1A; linha mista a 15 kV, com 185 m, constituída por um troço aéreo com 128 m, e por outro subterrâneo com 57 m, do apoio anterior ao posto de transformação da Emissora Nacional na Fóia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

VISCONTI E O SEU REI

Continuação da pág. 12

São Miguel, aonde os jesuítas, que foram os grandes adversários do rei, custodiam há séculos, empilhados como num armazém, os ataúdes dos Wittelsbach menores, mulheres, descendentes cadetes e parentes afastados. Os despojos de Luis II estão ali. «Uma velha caixa coberta de pó, entre tantas outras caixas cobertas de pó», conta Visconti. «A coroa não se vê quase nada».

Em toda a cidade de Munique, Visconti não conseguiu encontrar um só monumento que recorde este rei morto ainda há menos de cem anos, após um reinado que não foi breve. Não há nem uma praça nem um jardim que tenha o seu nome. Em compensação florescem os «Club Ludwig», qualquer coisa, diz Visconti, de «bastante semelhante aos clubes americanos em memória de James Dean ou de Marilyn Monroe».

Perfeito. Os Wittelsbach, que reinaram na Baviera desde a Idade Média até à Primeira Guerra Mundial, aparentados com todas as cortes da Europa, em Munique são ainda hoje tidos em grande consideração. Os famosos castelos construídos às dezenas pelo rei louco, e causa primária da sua ruína, tornaram-se uma «voz» do orçamento turístico do país, visitados todos os anos por dezenas de milhares de curiosos.

Visconti rodou o seu filme neste cenário, reconstruindo, dia-a-dia, a partir do verdadeiro, «a inexorável decadência» de Luis II. Os Wittelsbach abriram-lhe as portas dos castelos e tiraram para fora dos velhos baús de madeira entalhada os autênticos uniformes do rei, juntamente com as toalhas, os lençois e todos os utensílios de que ele se rodeara. Os actores que personificam, no filme, Luis e os seus amigos, comem nos mesmos pratos e com os mesmos talheres que serviram aos vários protagonistas desta ocorrência, sentados nas mesmas poltronas douradas e vestidos com os mesmos trajos.

Helmut Berger, o actor alemão protagonista da **Queda dos deuses** é Luis II da Baviera. Visconti diz que, no seu papel, «é perfeito: os mesmos doces histerismos de jovem, a idêntica, desesperada melancolia quando avança nos anos». Não foi fácil, explica, reconstruir esta «loucura não loucura», o longo sonho alucinado de um homem que «embora sentado num trono não é um vencedor, mas uma vítima». E o tipo de personagem que sempre fascinou Visconti: excepcional, mas incapaz de dominar os acontecimentos e o destino. «Eu vou em busca do Homem, os heróis não me interessam. Num temperamento de excepção, também a derrota adquire a sua grandeza».

Visconti tem 66 anos. Faz cinema há pelo menos 30 anos. Partido do neo-realismo quase didascálico de **Obsessão** e **A terra treme**, hoje prefere a «reconstrução intelectual» de uma realidade já vivida, filtrada através da História. «Não porque a realidade actual não me apaixone. Mas, às vezes, temo não a compreender. Como quer que seja olho-a com o olho crítico da idade, e pode acontecer que erre no juízo». Os problemas de hoje, diz, são pão para os directores novos que os podem enfrentar «com o ar carrancudo de quem os vive. Nós já o fizemos, há trinta anos».

O facto de se reportar ao passado é apenas uma garridice. O seu rítmo de trabalho não sofreu alteração, permanece imutável: das 10 da manhã até à noite sobre o «set» ou na sala de montagem, mas a noite livre. «Trabalhei sempre segundo uma certa ordem. Não sou um director sem horários, e quando rodo um filme não desapareço da circulação. Continuo a ver os amigos, a interessar-me pelo que sucede e, sobretudo, a ler.

Intermezzo. Ludwig sairá no Outono. «Depois pensarei num filme sobre Proust, que já preparei há tempo. **Ludwig** foi, no fundo, apenas um **intermezzo**». Por agora tem apenas em mente a direcção cinematográfica (além de Proust, um filme de **A Montanha Encantada** de Thomas Mann): «Fiz o teatro quando valia a pena fazê-lo, e posso dizer ter reinventado, juntamente com Maria Callas, a ópera lírica. Agora diverte-me o cinema. Uma coisa é certa: não posso deixar de trabalhar, não o suporto».

Explica que com os anos «aflora cada vez mais o meu leite materno», isto é, burguês, com origens absolutamente populares. Considera a tradição o nome prestigioso, a **família**, qualquer coisa que cada um «traz junto de si, sim, mas como um velho baú cheio de objectos caros, quase esquecidos». Aquilo que verdadeiramente conta, afirma, «é a cultura». Diz que seu pai e sua mãe, ele o duque Visconti di Modrone, ela «simplesmente uma Erba», lhe inculcaram, desde rapazinho «este prazer pela cultura que é a minha verdadeira força».

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO DAS 9 ÀS 24 HORAS

ATÉ 15 DE SETEMBRO

CONDIÇÕES ESPECIAIS COM OFERTA DE EXTRAS NA

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.R.L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areeiro)
Tels. 718607 - 727654 - 727665 - 713057

AGENTE OFICIAL VOLKSWAGEN

Cápida

CASA PIRES D'ALMEIDA, LIMITADA

TELEF. 32 07 00

NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS

SALDOS

RUA AUGUSTA, 275 - A — LISBOA

SENHORES CAPITALISTAS !!!

COLOQUEM O VOSSO CAPITAL NAS MELHORES CONDICOES COM GARANTIA HIPOTECARIA AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

SALDOS SALDOS A PARTIR DE 2.ª FEIRA

CARPETES — TAPETES — TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES

veludos de lã, algodão, acrílicos, lisos, adamascados e estampados

TERYLÊNES de 1,50m. a 3,00m. de largo CRETONES, CHINTZ-SETINETAS, suiços e ingleses

MILHARES DE RETALHOS desde 5$00 - PASSADEIRAS com 0,50m. a 1,00m. de largo

CARPETES todas as medidas até 3×4m. - REPS - GORGORÕES - SÉDAS, etc.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18 2.º c/ elevador - Esquina R. Prata — RAUL NETO, LDA.

DL/DOMINICAL

GENTE

ADRIANO JORDÃO, que recentemente, no 5.º Concurso Debussy, em Saint-Germain-en-Laye, obteve o «Prix de la Ville deSaint-Germain», temsido alvo de grandes elogios na imprensa estrangeira. Assim, por exemplo, no «Le Figaro», Jacqueline Thulleux considerou-o a mais extraordinária personalidade do certame: «pianista de arte elegante, ágil, aérea, muito acima dos outros concorrentes».

●

NORMAN MAILER, o **enfant terrible** dos Estados Unidos, comparado frequentemente — e absurdamente — a Hemmingway, é um aventureiro intelectual, como ele próprio se declara, afirmando, entre outras coisas, que se embriaga «por motivos de natureza filosófica, espiritual ou política». Insusceptível de enquadramento, diz ainda: «Gosto mais de Marx do que dos marxistas. A desgraça da esquerda é não saber rir. A da direita é a avidez, o fanatismo, a insensibilidade e, de um modo geral, a estupidez. Mas as pessoas de esquerda, nos Estados Unidos, também só atravessam nas passagens para peões...»

●

CLAUDE BAIGNÈRES, colaborador das «Nouvelles Litteraires» informando: «No Festival de Avignon deste ano o programa (33 espectáculos quotidianos) soube harmonizar o esforço de conciliação das grandes tradições teatrais com a pesquisa exaustiva de uma linguagem nova e por vezes provocatória». Diga-se de passagem que nem todos os jovens, ou mesmo muito poucos, estão de acordo com esta declaração. De Portugal foram ao Festival de Avignon, entre outros, Borges Palma e Sofia Avilez, que, no programa do tempo Zip, têm feito uma análise inteligente e moderna do controverso festival.

●

MAGDA GABOR, uma matrona de 52 anos, acaba de se casar pela sexta vez. Seu novo marido é um consultor económico, Tibor Holtai, foragido da Hungria em 1956. A notícia não teria o menor interesse se Magda Gabor não fosse a irmã de Zsa-Zsa Gabor, também conhecida pelos seus inúmeros matrimónios.

●

WALDEMAR CUNHA, médium do Rio Grande do Sul, no Brasil (trezentos clientes por dia), parece ser capaz de ser visto em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. «A Piata», um jornalzinhodeLivramento,garantiu ter Waldemar partido à pressa num avião especial uruguaio para Montevideu, onde o presidenteJuanMariaBordaberry o teria chamado para «curar sua filha desenganada pelos médicos». HabitantesdeLivramento, uma cidadezinha na fronteiraentreBrasileUruguai garantiram por outro lado, terWaldemarapenasatravessado a rua no mesmo horário do avião, para escapar, na cidade-irmã uruguaia Rivera, da Secretaria da Saúde, que o caçava como curandeiro e explorador da crendice popular. De qualquer forma, o presidente uruguaio teve que desmentir, oficialmente e «categòricamente», oconvite ao médium brasileiro.

BRAVATAS — O Uganda enfrenta graves problemas económicos. Para superar emocionalmente a crise, o presidente Idi Amin faz discursos e ameaças. Ùltimamente expulsou a comunidade asiática que literalmente dominava o comércio nacional e **ameaçou** destruir a capital do Ruanda, país vizinho que estaria transformado em base israelita. Ele rompeu com Israel para agradar ao seu amigo Kadhafi, da Líbia, que o apoia largamente com dinheiro e armas. Amin é um demagogo nato e raro é o dia em que não arenga as massas com discursos intermináveis. Adora o som da própria voz, segundo se diz no Uganda, mas este sentimento, diz-se também, não é partilhado pelas massas coagidas a ouvi-lo. (Camera Press/ADS/DL).

●

LENI RIEFENSTHAL, que nas Olimpíadas de 1936, em Munique, comandou 250 operadores para realizar 400 mil metros de películas festivamentenazis,documentando aqueles jogos — «Os Deuses nos Estádios — está de volta à capital da Baviera.Aos70anos,ainda convictamente nazi (ela dirigiu também «O Triunfo da Vontade», outro filme de propaganda nazi), é hoje apenas um dos milharesdecineastasamadores que puluam nas esquinas deMunique,àcaçadeboas imagens das Olimpiadas atuais. Quando alguém a reconhece, Leni diz sempre a mesma coisa: «Hitler atraía-me como homem, construtor e profeta, mas nunca fui sua amante, como dizem por aí...»

●

. JEAN BEDEL BOKASSA, o presidente vitalicio da República Centro-Africana, que recentemente foi noticia ao mandar espancar até à morte os ladrões que estavam presos em Bangui, volta às«manchetes»Ele acaba de fechar todos os cinemas do país, «de uma vez para sempre», justificando que «qualquer filme perturba a imaginação, transtorna os costumes e atenta contra a dignidade da República». Pois é: falou e disse.

●

BARRY GOLDSMITH, um estudante de História da Arte da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, acaba de fundar o mais novo movimento de protesto dos Estados Unidos, do qual, é óbvio, é o profeta máximo. Trata-se do Movimento de Libertação dos Magros. Como primeiro ítem do programa de seu movimento, Barry pretende acabar com os anúncios que, no cinema, jornais e televisão, apresentam homens gordos ou musculosos, que, para êle, «já dura há muito tempo», Barry, que tem 1.80 metros de altura e 52 quilos de peso, argumenta: «Somos motivo de risadas e estamos fartos disso. Somos tratados com pena pelas mulheres e isso não está certo. Também nós queremos ser considerados sexualmente atraentes. Abaixo os músculos!». Diga-se a bem da verdade que o movimento está obtendo sucesso. A ele já aderiram nada menos de vinte mil pessoas.

SENSACIONAL CAMPANHA DE AGOSTO

24 PRESTAÇÕES MENSAIS SEM ENCARGOS

ALCATIFAS	TELEVISORES	MÁQUINAS DE LAVAR	CANDEEIROS
MOBÍLIAS	GRAVADORES	FOGÕES	ASPIRADORES
MAPLES	GIRA-DISCOS	ESQUENTADORES	ENCERADORAS
PAPÉIS DECORATIVOS	ALTA FIDELIDADE	FRIGORÍFICOS	FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

(ESTA NOSSA CAMPANHA É SÓ DURANTE ESTE MÊS)

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

SURDOS

CASA SONOTONE

ATENÇÃO! ...

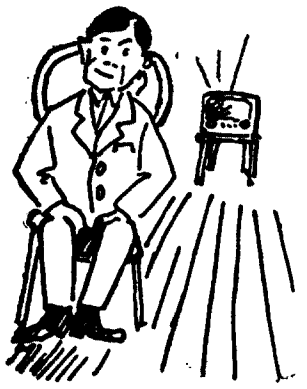
Vejam a desigualdade que há entre os que não ouvem e os que ouvem a televisão, rádio, etc. É bem nítida a diferença. Mas não fiquem tristes. Venham já fazer um exame e uma demonstração que são gratuitos, para verem o que há de mais moderno para corrigir as perdas auditivas. Lindos óculos via aérea e óssea, brincos maravilhosos, aparelhos de bolso.

Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e de carvão.

Trocamos todos os aparelhos, sejam ou não das nossas marcas e de qualquer casa.

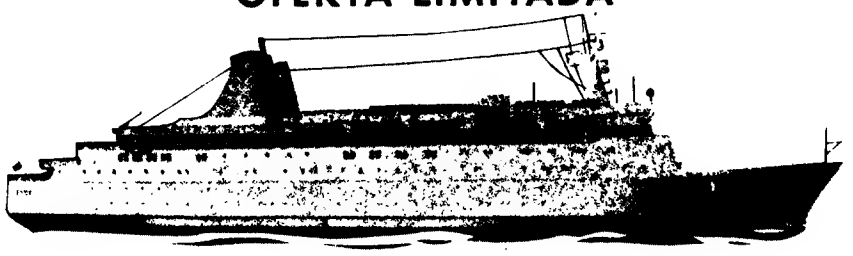
Prestamos assistência com consciência, tanto em Lisboa como na Província.

Pedimos uma visita com um grande Obrigado.

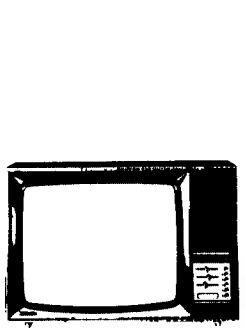


Em LISBOA, Poço do Borratém; 33; s/l — Tel. 868352
No PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Tel. 02-35602
Em LUANDA, Rua Ant.º Enes, 42-2.º — Apart. 26

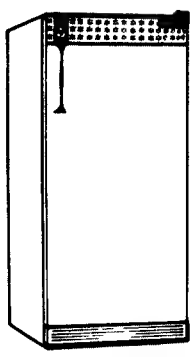
COMPLETAMENTE
GRÁTIS
UM CRUZEIRO AO
NORTE DE ÁFRICA
OFERTA LIMITADA



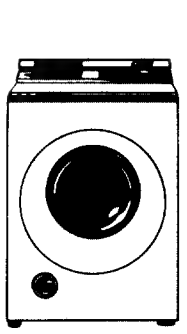
A TODOS OS
50 PRIMEIROS COMPRADORES DE



(a)



(b)



(c)

ÚLTIMOS MODELOS · SEM AUMENTO DE PREÇO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Inscreva-se JÁ. (Sem qualquer compromisso.) Informe-se depois. Enviamos todos os esclarecimentos e GARANTIMOS a partida em camarote com ar condicionado e com banho, com todas as despesas pagas, de viagem, alimentação e alojamento, aos primeiros 50 CLIENTES que enviem o cupão anexo, colado num postal e venham adquirir posteriormente, um dos artigos que anunciamos.

Recorte cole num postal e ENVIE JÁ

À FIRMA
A. OLIVEIRA — Av. Almirante Reis, 91-A - Lisboa

Queiram enviar-me SEM COMPROMISSO esclarecimentos sobre a oferta GRATUITA do vosso Cruzeiro, na compra de (a) ou (b) ou (c)

Nome _____

Morada _____

Inscrição provisória

n.º

(por ordem de chegada)

A.OLIVEIRA
Avenida Almirante Reis, 91-A-Lisboa

Concessão de bolsas de estudo para alunos dos cursos de enfermagem

Torna-se público que está aberto concurso nas caixas de previdência e abono de família, a seguir indicadas, para a concessão de bolsas de estudo para alunos dos cursos de enfermagem e dos cursos técnicos auxiliares de medicina *que pretendam prestar serviço nas instituições de previdência com serviços de acção médico-social*:

Caixas onde estão abertos concursos	Cursos a que se destinam as bolsas
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de ANGRA DO HEROÍSMO Rua de S. João, 66	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de AVEIRO Rua Dr. Lourenço Peixinho, 110	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem Cursoo de enfermeira-parteira
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de BEJA Av. Vasco da Gama, 17	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de BRAGA Av. Marechal Gomes da Costa, 491	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de BRAGANÇA Praça Dr. Cavaleiro Ferreira	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas Rua Dr. Francisco Manuel de Melo, 3 LISBOA	Curso de enfermagem geral Curso de enfermeira-parteira Curso de Puericultura Curso de medicina física e de reabilitação Curso de técnico de radiologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de ÉVORA Rua Chafariz d'El-Rei, 22	Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de LEIRIA Av. Heróis de Angola, 58	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem Curso de Puericultura
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de VIANA DO CASTELO Largo 5 de Outubro, 69	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de VILA REAL Rua Gonçalo Cristóvão	Curso de enfermagem geral Curso de auxiliar de enfermagem

As condições de atribuição de bolsas são as constantes no Regulamento das Bolsas de Estudo aos Alunos dos Cursos de Enfermagem e dos Cursos Técnicos Auxiliares de Medicina, aprovado por despacho ministerial de 13 de Abril de 1972.

No entanto prestam-se, desde já, os seguintes esclarecimentos:

1.º — Os requerimentos a solicitar a concessão de bolsas de estudo deverão ser entregues nas respectivas caixas de previdência até ao dia 15 de Setembro.

2.º — Juntamente com o requerimento deverão os candidatos entregar documento comprovativo da matrícula nos cursos para que concorrem.

3.º — A duração das bolsas é de 12 meses em cada ano de curso.

Para um mais completo esclarecimento, deverão os candidatos dirigir-se aos serviços informativos das respectivas caixas de previdência.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

CARLOS SILVA:

"GARANTO À MASSA ASSOCIATIVA QUE O BARREIRENSE NÃO DESCE"

Depois da tormenta vem a bonança e o Barreirense, após o turbulento final de época já trabalha aplicadamente com vista a uma classificação honrosa no próximo Campeonato Nacional. Carlos Silva, o jovem técnico que continua por mais uma época à frente dos profissionais barreirenses, falou-nos das perspectivas do clube em relação ao Campeonato que agora se inicia.

— **Após a renovação do meu contrato com o Barreirense, pensei, devido à continuidade com o mesmo plantel, garantir, pela primeira vez, um trabalho válido e destinado ao êxito. No entanto, as perspectivas não foram correspondidas, pois a defesa dos interesses do Barreirense colidiu com os anseios dos jogadores, que agora renovavam os seus contratos. Isso gora o plano traçado há longa data. Só agora o trabalho pode frutificar, pois só agora sei com que jogadores poderei contar.**

Do Barreirense saíram quatro pedras-base da equipa. Bento (para o Benfica), Malagueta (para o Porto), Câmpora e J. João (que não chegam a acordo com o clube).

Como pensará Carlos Silva preencher estas faltas? Pusemos-lhe a questão e respondeu-nos:

— **Desde já devo dizer que não são quatro mas sim cinco as baixas, pois o defesa Bandeira não tem podido comparecer aos treinos em virtude de a firma onde o jogador trabalha ter faltado ao prometido, não o deixando sair a horas compatíveis com a sua participação nas sessões. Quanto aos outros jogadores que saíram do clube, e exceptuando o lugar de guarda-redes, pois conto com Abrantes e J. Armando, penso substitui-los por alguns ex-juniores de bastante valor, casos de Bailão, Cruz, Cantante e Pina, e ainda com as aquisições feitas, pois tanto Nelson Faria como Piloto já provaram ser substitutos à altura das necessidades da equipa. Apesar dos bons valores com que conto, a equipa, de início, será inferior à do ano transacto. Mas espero que, pouco tempo passado, os novos farão esquecer os elementos que agora deixaram o clube.**

Carlos Silva teve convites de outros clubes da primeira divisão tendo um deles oferecido cerca de 100 contos a mais do que a verba recebida, pelo técnico, do Barreirense. A que se devem então a permanência do técnico no Barreiro?

— **Além da possibilidade da continuidade de trabalho, fiquei no clube devido ao ambiente de camaradagem e amizade que encontro em toda a família barreirense. Trabalho com uma equipa ímpar, pois a quase totalidade dos jogadores são dum comportamento excepcional. O único caso difícil é o de Valter, que sendo um moço de qualidades morais extraordinárias, ainda não conseguiu integrar-se dentro do verdadeiro espírito de disciplina que deve persistir numa equipa, mas a vontade de se combater a si próprio é cada vez maior e estou certo que ele há-de ganhar o seu lugar na sociedade.**

— Quais as suas previsões para o próximo Campeonato Nacional?

— **Penso que este ano ainda mais se acentuará o desnível entre o campeão crónico, Benfica, e as outras equipas, com excepção do Porto, que devido à entrada de Fernando Riera, irá melhorar muito. Em relação ao Barreirense, iremos passar pelas dificuldades habituais de um clube que sempre tem baseado a sua vida no sofrimento, mas que consegue vencer todas as dificuldades acabando por cometer actos gloriosos. Se conseguirmos nos primeiros quatro jogos obter um mínimo de quatro pontos posso garantir que teremos um bom campeonato, pois isso daria uma força anímica extraordinária. No entanto, se assim não acontecer saberemos recuperar os pontos na altura própria. Entretanto uma coisa é certa, aconteça o que acontecer garanto, em consciência, à massa associativa, que o Barreirense não desce de divisão.**

Face ao acentuado desinteresse das camadas jovens pelo futebol-espectáculo, em proveito de outras modalidades até aqui praticamente lançadas ao abandono, o técnico do Barreirense ditou-nos algumas ideias para garantir a primazia do desporto-rei no gosto da juventude:

— **As perspectivas futuras não são agradáveis devido a expanção doutros desportos, à má organização directiva e ao desrespeito pelas leis de jogo.**

Quanto ao primeiro factor está-se a processar, actualmente, no país uma organização de base, tanto nos sectores escolares como nos federados, com o chamamento das camadas jovens para outros desportos em detrimento do futebol, que, como desporto válido que é, deveria estar englobado nessa organização. Se assim não acontecer, evidentemente que o futebol perde o seu campo de recrutamento e não haverá possibilidades de existirem equipas com nível internacional.

Em relação à má organização directiva, à loucura em que actualmente vivem os dirigentes de alguns clubes, ao separarem o valor do seu plantel das possibilidades económicas das associações que dirigem, leva-os a destruir patrimónios conseguidos em anos de árdua labuta, atingindo a ruína e consequentemente a encerrar as possibilidades à continuidade desportiva. Todos procuram vencer campeonatos à custa de todos os artifícios sem cuidarem de valorizar o futebol-espectáculo e sem se preocuparem com a descoberta e formação de novos jogadores. Outro aspecto é que se está a levar o futebol para um campo de propaganda barata que serve únicamente para denegrir o desporto. Quem possui um mínimo de cultura já não pode aceitar afimações balofas, críticas irreverentes e previsões humorísticas.

— E sobre o desrespeito às leis do logo, o que tem a dizer?

— **Assistiu-se, com muita acuidade na época passada, à defraudação do espectáculo por algumas das equipas de maior nomeada ao tirarem partido da lei do fora-de-jogo, que sendo a lei de mais difícil julgamento para as equipas de arbitragem, me leva, modestamente, a opinar tratar-se de anti jogo. Escalpelizando, vejamos: a equipa do Benfica (falo nesta por ser a mais representativa do nosso futebol) tem um processo defensivo em linha, que é atitude deliberada para provocar o fora-de-jogo de qualquer adversário. As leis foram feitas para julgar faltas ou infracções e não para delas se tirar partido. Como imagem poderemos focar uma jogada típica, para expor melhor o problema.**

— **Exemplifica Carlos Silva:**

— **O guerda-redes defende e repõe a bola em jogo atirando-a para o meio-campo contrário. No momento em que isto vai acontecer, os defesas adversários imediatamente avançam até à linha de meio-campo pondo automáticamente os avançados, que estavam em posição regular, na situação de fora-de-jogo, provocando uma paragem imediata do jogo e uma perda de tempo útil. Como antídoto para este processo, pode-se dar instruções aos avançados para ficarem estáticos dando oportunidade a que venha um colega do seu meio-campo dar continuidade à jogada, mas todas as vezes que isto acontece, observa-se que os juízes-de-linha, continuam a assinalar o fora-de-jogo, portanto, daqui se conclui que a finalidade desta lei do jogo está a ser atraiçoada.**

Como até agora não se encontrou solução para obstar a este tipo de anti jogo penso que deverá haver uma alteração à lei em causa que consistira em que a infracção só deveria ser dentro duma zona limitada do campo que poderia ser compreendida da linha da grande área (com prolongamento até às linhas laterais) até à linha de fundo.

JOAQUIM GALRITO

Carlos Silva fala ao nosso correspondente no Barreiro dos problemas da sua equipa e do próprio futebol

EXAGEROS DESPORTIVOS

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO

. Já aqui apresentei (superficialmente) o desporto profissional e alguns dos seus problemas: os do futebol e ciclismo, que, como toda a gente sabe, são modalidades profissionalizadas.

Foquei a grande desproporção existente entre as duas modalidades: a sua popularidade (bastante equilibrada) e os seus valores (muito desiguais).

Da popularidade do ciclismo, bem se pode avaliar pelas presenças que Joaquim Agostinho, e mais recentemente outros conseguiram lá fora. Mas o mais interessante é que a valorização que a modalidade tem conquistado no estrangeiro parece não ter por cá correspondência. Julgo, que até a própria «Volta» (caseira) já não serve as exigências actuais. Exigências de cá, já que internacionalmente ela «Volta» continua a ser desconhecida, o que, para a sua continua expansão e valorização, é um bocado perigoso. Principalmente para a organização... E especialmente para a modalidade. Ou teremos também emigração para ciclistas?

. Do futebol, a outra modalidade profissionalizada, hoje não digo nada. Deixo o «menino» acordar calmamente para a sua nova época.

Quando comecei estas linhas não era para focar o desporto profissional, mas, sem querer lá fui ter. Parece que o escrever (ou o Desporto) é como as cerejas: o mal é começar...

Pois, vamos ao assunto de hoje, agora que em Munique se concentram as atenções do mundo. Aí é que ninguém nos leva a palma! Somos amadores puros, ingénuos até nas ideias e por isto e mais aquilo... não podemos competir com aqueles «profissionalões»! Mas, podemos apresentar os seus problemas e entre todos, com boa vontade, ajudar à sua solução. E os problemas quais são? Imensos! Tantos, que analisados, em profundidade, não chegariam as páginas deste jornal e a paciência dos seus leitores. Assim, como tenho feito até aqui, trago apenas algumas sugestões, fundadas na própria experiência e acima de tudo, uma colaboração que sempre julgo válida.

O que é preciso fazer para que o nosso desporto amador possa saír do marasmo em que se encontra? Vejamos:

. As entidades oficiais, parece terem encontrado o caminho exacto para as suas responsabilidades e atribuições: a recente criação de cursos (em larga escala) para técnicos desportivos, é disso evidente prova. Sem mestres não podia haver alunos...

Agora, para os alunos, tem de se arranjar condições e meios. Para os mais novos, ainda em idade escolar, não há dúvida de que alguma coisa se está a fazer: os jogos juvenis; os torneios de captação, etc... Mas a educação física obrigatória é essencial desde o primeiro dia de escola. É juntar o entusiasmo aos ensinamentos.

Esse é um problema nosso (mais velhos) e não dos vindouros.

Para a garantia de uma continuidade desportiva imediata e mais brilhante do que até aqui é necessário que o esforço da administração pública (com reduzidos meios), seja acompanhado da comparticipação das empresas privadas.

É sabido que o nosso atleta amador fora do seu trabalho que lhe garante o indispensável à vida, não tem da colectividade que representa, qualquer ajuda material. Salvo um ou outro caso, os clubes pagam aos seus melhores atletas (nas modalidades mais representativas) além dos transportes, um pequeno subsídio para uma melhor alimentação e... disse!

. Para além de todas as insuficiências e sacrifícios, o nosso atleta amador, luta (na maioria dos casos) ainda com a falta de tempo para a sua preparação. Aqui é que as empresas privadas ou entidade patronal, podiam dar a sua preciosa contribuição: as facilidades desejadas que ao fim e ao cabo se podiam tornar, além de tudo, numa boa publicidade.

Depois destes atletas, ainda temos aqueles, que, para representarem uma colectividade ainda pagam! Esses (por exemplo: os ginastas de alguns dos mais representativos clubes da modalidade) além dos equipamentos, pagam até o duche dos treinos! E se tiverem um acidente que os incapacite para a sua vida normal, quem paga? Bem, é melhor ficarmos por aqui, não vá por aí aparecer alguém que me chame ingénua...

GRUNDIG
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

TROCO
os seus móveis usados por novos, modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Fabricação por desenhos. Facilidades de pagamento
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Avenida Almirante Reis, 35 (perto da igreja dos Anjos)
Tel. 83 21 61

DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM

Por NEVES DE SOUSA

"VOLTA" CADA CÔR SEU PALADAR

Na Figueira da Foz, a presença (junto à meta) de uma jovem entusiasmadíssima com. a chegada dos ciclistas. No dia seguinte, na abalada para Lisboa, outra vez: de braço dado com corredores e acompanhantes, quase a despedir-se de lágrimas nos olhos. Era Maria Adelaide, a rapariguinha que foi distinguida com o «Prémio Plus Ultra», em 1969.

Machado Leite, dirigente da equipa do «Brandy Macieira»: **«Para o ano que vem, faremos uma rigorosa selecção de valores. Não será um qualquer que recrutará os corredores para a minha formação».**

A propósito da «Macieira»: sabiam que durante muitos dias (exactamente até Lisboa) trouxe no seu carro de apoio uma francesa gorduchinha e pequena, que viajava com atribuições de enfermeira-massagista dos corredores? Só que quando o Doyan deu aquele trambulhão ela nem pegou numa ligadura.

Primeira carta recebida na caravana: na Figueira da Foz, o n.º 2 (Valdemiro Cardoso) recebeu uma missiva de parentes a convidá-lo para ir correr para o estrangeiro.

A Comissão de Recepção de Loulé elaborou uma lista de ofertas aos corredores que não é brincadeira nenhuma. Só taças são 14. Mas, há mais: duas libras em ouro, 3150 escudos repartidos por sete sobrescritos, dois relógios, um anel, dois pares de óculos, um par de sapatos, umas calças, cinco camisas e três assinaturas anuais do jornal «Rampa».

Gentilíssimo, o sr. Tito Iglésias, director dos serviços turísticos e hoteleiros da empresa Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, S.A.R.L.. Ofereceu uma bela recepção à caravana e até proporcionou, ao Manuel Dias e ao Valente (nossos camaradas do «Primeiro de Janeiro» e do «Norte Desportivo») soneca regalada e gratuita na suite presidencial do Hotel de Vidago.

Em Braga, almoço de Manuel Barbosa com os representantes dos órgãos de informação: e divulgação de imensos projectos que o jovem director da «Mercury» (e benfiquista ferrenho) tem dentro da cabeça.

João Damasceno Covão tem andado ausente da «Volta». Acompanhou a etapa para Guimarães e só voltou a aparecer em Lisboa. Tem feito falta o seu trato gentil e amável. E, também, o reforço de bebidas que saía do seu carro para os da restante caravana.

A propósito de bebidas, agradecimento à «Cergal», a «Caves Messias» e à «Macieira», onde os nossos amigos snrs. Júlio Borges, Fernando Gomes e Machado Leite (respectivamente) pontificam na alimentação líquida da «Volta».

Desfeita uma grande amizade? Idalino de Freitas já não fala tanto com Artur Agostinho. Durante anos eles foram amigos do peito. Amuos?

E, quanto a Aristides Martins? Ele estará (mesmo) um pouquinho aborrecido com António Guerreiro? Oú, será que António Guerreiro é que deixou de confraternizar tanto com Aristides Martins? A verdade até pode nem ser nada disto, mas lá que parece haver coisa...

O dr. Barreiros de Magalhães sempre na brecha. As suas reuniões com a «turma da pesada» (Serafim Dias à cabeça do pelotão) animam as noites voltistas.

Fernando Portela, comissário de metas: ora aqui está um sujeito sempre feliz e sempre correcto. No seu lugar, dá um exemplo a muito boa gente.

Magnífico serviço dos C.T.T.. Palmas para as «meninas da Volta» e para o chefe Rodrigo Ferreira, inexcedíveis de atenções.

Preciosa a colaboração do bloco da G.N.R. que, sob comando do capitão José Reis, dá absoluta ordem às estradas e «limpa» admiràvelmente as margens da caravana.

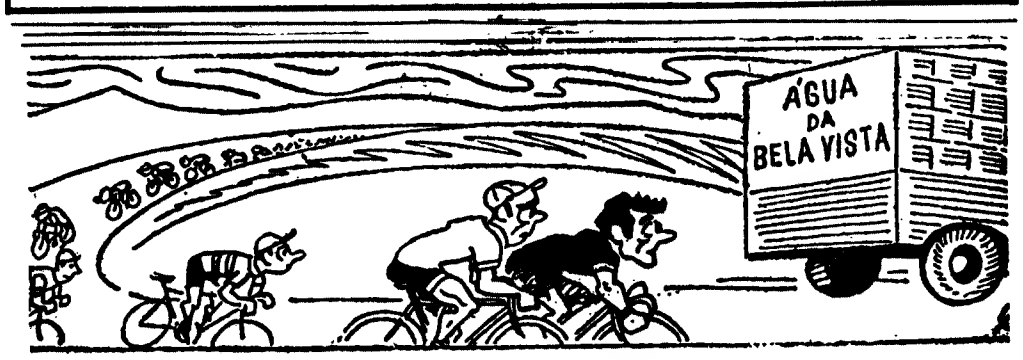
Rui Silva: um locutor da caravana que é, também, óptimo auxiliar da Imprensa, com ela colaborando estreitamente.

A operação anti-doping fica cara. E, as mais das vezes, é incompreensível. Vejam só: em «cascos de rolha», há controlo e o carro dos «Vidrinhos» tem de ir e vir até Lisboa, com o seu recheio líquido a uma pequena fortuna por quilómetro. Na etapa para Lisboa, grande de 200 quilómetros, não houve controlo, talvez porque o hospital ficava mesmo à porta de Alvalade.

Miguel Moreno, técnico da formação espanhola que representa as «Caves Messias» continua na sua: **«Ainda podemos tentar o primeiro lugar por equipas e não me sai da ideia um grande brilharete pessoal para um dos meus corredores»** afirmou-nos.

OS QUE JÁ VESTIRAM DE AMARELO

Os homens que já vestiram de amarelo: Manuel Gomes, Venceslau Fernandes, Joaquim Leite. Qual deles ainda lutará pelo símbolo?



SEMPRE COM A VISTA NA «ÁGUA DA BELA VISTA»...

À VENDA EM TODO O PAÍS

EM LISBOA: LISÁGUA DISTRIBUI — Pedidos: Telefs. 55 33 36 - 55 38 09

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREEIRO
AV. ALM.TE GAGO COUTINHO 3 B • LISBOA

A
FEIRA POPULAR de LISBOA
A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
Continua a ser o cartaz mais apreciado da Capital
Espectáculo para todas as idades e para todos os gostos
SORTEIOS DIÁRIOS
NO PASSATEMPO DESPORTIVO
A VOLTA VISTA DA FEIRA
COM ÓPTIMOS E ÚTEIS PRÉMIOS
HOJE
OS PROGNÓSTICOS VÃO PARA A ETAPA
VILA NOVA DE GAIA — FIGUEIRA DA FOZ
PRÉMIOS: UM RELÓGIO TIMEX
(o relógio que Joaquim Agostinho usa)
e
UMA LINDA CAIXA COM BOMBONS
DA FAMOSA MARCA «REGINA»
A MEIA-NOITE: SORTEIO DE UM COLCHÃO CLIMAX
OFERTA DA CLIMAX PORTUGUESA — EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO DE CONFORTO S. A. R. L.
ENTRADA: 2$50 ABERTURA: 15 HORAS

A nossa reportagem acompanha a "Volta" num
TOYOTA

COELIMA: ciclismo é propaganda

Casimiro Coelho Lima, dirigente e alma número um da «Coelima», tem sólidas opiniões sobre ciclismo. Ora leiam:

. **Comparecendo na «Volta», a «Coelima» luta pelo ciclismo e luta pela sua propaganda.**

Antes do mais, falemos de Casimiro Coelho Lima. Aos 20 anos, em Pevidém, fundou o Clube Recreativo local, que se devotava cem por cento ao ciclismo. No Vitória de Guimarães, desempenhou as funções mais importantes: presidente ou vice-presidente da direcção. Agora, na «Coelima», ao lado do seu irmão eng.º José Coelho Lima, ele é o homem do ciclismo:

. — **A história do nosso aparecimento no ciclismo profissional começa com a própria história de um rapaz (José Ribeiro) que corria em provas populares e era nosso empregado. Um dia, o rapazito entrou pela porta do meu escritório e colocou-me o pedido: gostava de ingressar no Futebol Clube do Porto, porque queria aproveitar as condições que tinha para o ciclismo profissional. Pensei bem e, aproveitando o Ribeiro, resolvi fundar o grupo de ciclismo da Coelima: foi em 1967 e logo nesse ano concorremos à «Volta a Portugal». Daí para cá, nunca mais parámos.**

Curiosamente, lembra:

— **O José Ribeiro nem tinha bicicleta. Comprámos-lhe uma: logo oito dias depois já tínhamos mais seis ciclistas dentro da Coelima. É esta a nossa melhor propaganda: através do Desporto contactamos com centenas de milhar de pessoas que ficam, automàticamente, a recordar os nossos produtos.**

Casimiro Coelho Lima acrescenta:

— **Por outro lado, é mais um passo para a promoção social dos que connosco colaboram na Coelima. Agora andamos a pensar, muito a sério, em organizarmos uma secção de moto-cross. Há já uma direcção do Centro de Alegria no Trabalho que está a trabalhar nesse sentido. Entretanto, vamo-nos dedicando a outras modalidades: andebol, futebol, ténis de mesa e pesca desportiva.**

«Também temos um Orfeão: e não queremos parar de andar para a frente. A empresa que dirijo investe cerca de 1500 contos anuais no ciclismo: mas tira daí uma propaganda que não pagava por 30 mil contos. E note: estamos sempre dispostos a aceitar na Coelima os ciclistas profissionais que queiram também trabalhar na fábrica. É uma porta aberta a quem quiser trabalhar e fazer ciclismo.

A Coelima (vem a talhe de foice) tem boas credenciais na história da «Volta». Um 3.º lugar para José Florêncio e um quarto em poder de José Pereira. Vitória colectiva num contra-relógio em que Fernando Ferreira corria a sua primeira «Volta». E, por duas vezes, o segundo lugar na tabela final da classificação por equipas.

— **Este ano, temos as nossas idéias. O importante** (diz Casimiro Coelho Lima) **é conseguir concretizá-las...**

José Pereira, Casimiro Coelho Lima, Joaquim Moreira e José Martins: a Coelima perante o reporter.

FOTOS COM LEGENDA

O BRIO DE GALDAMEZ

Espanhol de Navarra, a coelimista José Luis Galdamez tem 27 anos de idade e é conhecido da «Volta».

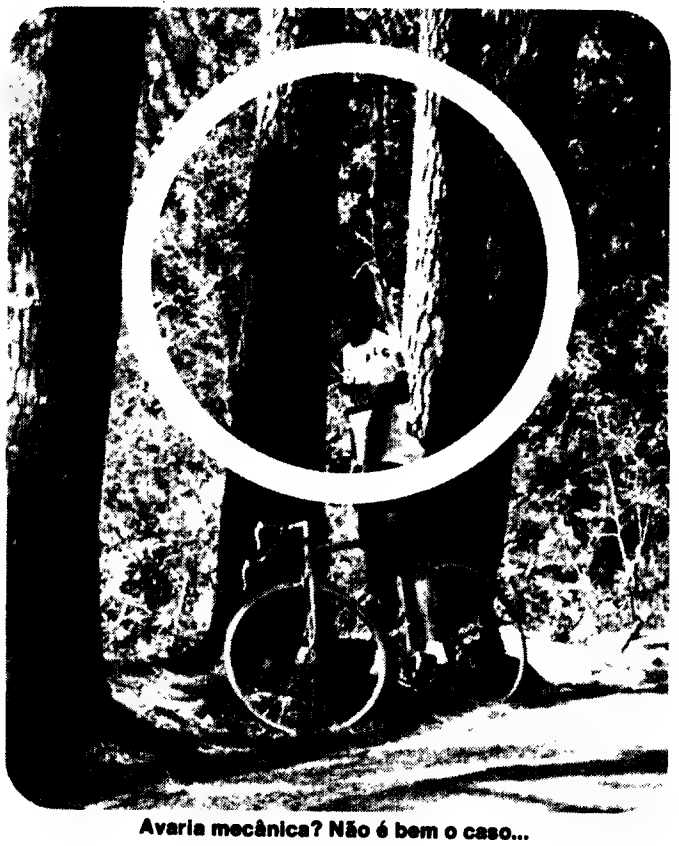
— **Já fui sexto, e espero ainda chegar mais adiante.**

O «tipo» é «teso». Valente, abnegado, destemido. E tem uma virtude: está sempre feliz, mesmo que o não aparente.

— **Nunca corro vencido. Quem diz que é mesmo o Agostinho que vai ganhar a «Volta»? São coisas que não se podem garantir: de um instante para o outro, tudo pode acontecer. O Diabo seja surdo, mas você já viu que ele pode dar uma queda, ter um desfalecimento, sofrer uma avaria grave? Ter um «empeno»? Olhe o que me sucedeu a mim: quando estavamos em estágio comi um peixe que não estava nada bom e andei oito dias a pão e laranjas. Só eu sei como me aguentei: mas ninguém desconfiou, pois não?**

Rivory: o último persistente da «Macieira» andou dias a fio com um forte traumatismo no pé direito.

Venceslau Fernandes: «Por causa da pouca sorte do Mendes, estou atirado para os bichos. Mas (palavra de honra) espero ainda dar muito que fazer ao Agostinho e ao Leite. Para já, tenho uma idéia: se resulta vai dar em grande».

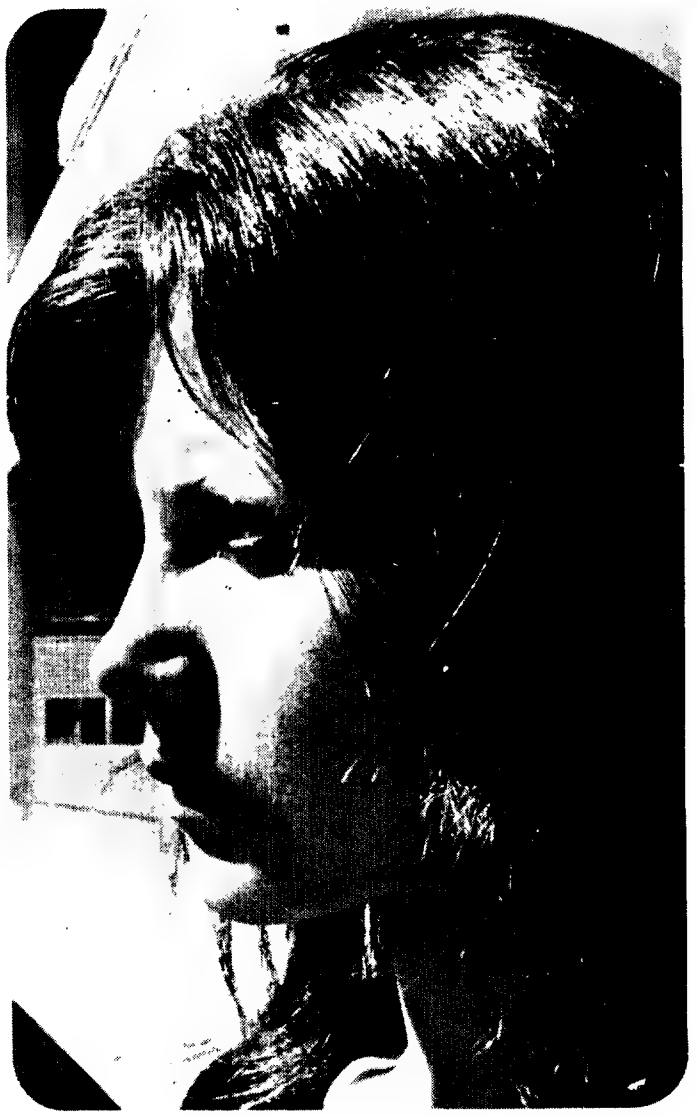


Avaria mecânica? Não é bem o caso...

O número 79, das «Caves Messias» é um simpático espanhol: José Balboa. Pois o nosso amigo Balboa anda na «Volta» com grande sacrifício: no pé direito, tem uma lesão inter-articular agravada por uma ferida incisa de certo modo profunda. Mas ele continua!

AMBAR
EDITORIAL - LITOGRAFIA OFFSET

ESTA MULHER AMA O DESPORTO



Entrevista de MATOS MOURA

«Quando calha falar-se de Desporto e vem à baila o homem e a mulher, é certo e sabido que começam logo a fazer-se considerações. A maior parte das vezes descabidas claro. Porque os considerandos que é costume aventarem-se rondam todos quanto ao aspecto físico (que é posto de diversas formas de equação) e olvida-se o principal, aquele que, em boa verdade, deveria ser compreendido e que sistemàticamente se esquece. Pois eu entendo que, ou não se fazem comparações, ou então terá de se falar do assunto em termos de ordem biológica. Pois o que existe entre o homem e a mulher, no que concerne ao desporto e em muitos outros factos da vida, é uma diferenciação biológica e não de carácter físico, o que não é a mesma coisa.»

Quem nos fala é Maria de Sam Pedro, uma jovem alentejana que pela primeira vez viu a luz do dia em 2 de Setembro de 1950. Nasceu no Crato, mas viveu e cresceu na linda cidade de Portalegre, onde fez a instrução primária e ingressou no liceu. Aqui começou o seu interesse pelo desporto. Moça de carácter competitivo, chegava a vencer os rapazes nas provas de atletismo em que participava. O seu entusiasmo pelo desporto foram minando o seu espírito e, daí, o naturalíssimo desejo de novos conhecimentos.

Lisboa é uma cidade com outra projecção e Maria de Sam Pedro vem ao seu encontro. Matricula-se no Curso de Instrutores de Educação Física, o qual terminou este ano com muito mérito. Mas ela não fica satisfeita depois de alcançar uma primeira meta. Quer algo mais, quer dar satisfação aos seus desejos sempre crescentes de atingir outras dimensões. Assim, para o novo ano que começa, está já inscrita no Curso de Professorado do I. N. E. F. Mas o tempo não pode ser perdido inùtilmente. E, assim, nas horas que tem vagas (?), ela procura novos incentivos. Não é de admirar, portanto, que tenha frequentado as aulas de um Curso de Organização da Comissão Central de Arbitros de Andebol. A sua classificação é, na pauta, dos melhores.

«A medida que outros horizontes se vão abrindo, eu vou tomando conhecimento de pormenores que pensava não existirem. Mais me apercebo de que há muita coisa errada no que diz respeito ao desporto. Por mim, quero aprender com uma finalidade: poder transmitir aos outros os meus conhecimentos e se possível contribuir para que termine a noção errada que ainda hoje subsiste quanto ao desporto, principalmente no que diz respeito a participação feminina.

O ANDEBOL AJUDA A FORMAR O CARÁCTER DAS PESSOAS

Maria de Sam Pedro é bem uma rapariga moderna, sem inibições de qualquer espécie, que procura nas práticas desportivas um equilíbrio físico e intelectual sempre desejável. O andebol é a sua modalidade preferida e joga no dificílimo posto de guarda-redes. Sobre a sua iniciação, o porquê do presente e os seus desejos quanto ao futuro, ela diz-nos:

«Não é longa a minha presença no andebol. De facto, apenas de há três anos a esta parte comecei a dar-lhe o meu modesto contributo como apaixonada que me tornei, não só como praticante, mas ainda, o que me parece bastante mais útil, como observadora atenta. Quanto à utilidade do primeito aspecto, o de praticante, creio ser apenas eu (não a modalidade) a beneficiada, na medida em que prossigo na satisfação de um desejo nascido há três anos em Portalegre, desejo esse que teve grande impulso para o que se passa comigo, actualmente, no facto de haver sido escolhida, logo no primeiro ano, para uma das equipas escolares que veio disputar um torneio a Lisboa. Quanto às minhas observações pessoais sobre o desporto e mormente no que respeita ao andebol, pois estou firmemente convencida de que daqui a uns tempos, quando eu adquirir uma maior naturalidade, ela poderá vir a ser de utilidade quanto a futuros praticantes, na medida em que estou firmemente resolvida a encetar um trabalho de ensino que pretendo venha a ser válido.

Ligeira pausa e a nossa entrevistada prossegue: **É muito difícil arranjar guardas-redes para o andebol. Toda a gente pretende jogar num lugar que se pensa mais actuante, na medida em que se corre, se salta e se fazem golos, meta principal de qualquer desporto onde haja bola e balizas. Pois todo o meu ser reclama exactamente isso e, no entanto, eu sou agora encarregada de defender as balizas. Porquê, pois, esta violação ao meu carácter? Há realmente uma razão: todos os jogadores rápidos têm uma característica o individualismo. Era o que se passava comigo. E porque a rapidez, gera uma certa violência, várias vezes eu tive o desgosto de aleijar amigas que eram minhas adversárias. Isso causou-me tal aborrecimento que acabei por optar pelo posto de guarda-redes, precisamente para que essas situações não voltassem a repetir-se. Hoje dou-me por satisfeita da resolução tomada. Ao fim e ao cabo, e porque o andebol também é um desporto de conjunto, eu sinto-me plenamente realizada. Só que eu ainda não me sinto completamente satisfeita. E gostaria de usufruir de situações várias dentro de uma equipa, para poder, em boa verdade, vir a definir qual o lugar que seja mais consentâneo com o meu temperamento de lutadora.**

Em rápido transporte de ideias:

«Disse que o andebol é um desporto de conjunto. E é verdade, muito embora se veja por aí actuações que quase desmentem a afirmação. Modalidade maravilhosa quando bem interpretada, tem ainda a vantagem de ser de autêntica «benesse» física, na medida em que proporciona o trabalho de todas as partes do corpo e não apenas dos braços como erradamente muita gente supõe. Através da sua prática intensiva, com a preparação física, os treinos, as competições, o contacto com outros atletas, o andebol possibilita uma melhor formação do carácter das pessoas, ajudando a uma modalidade intelectual que outras modalidades não proporcionam...

E Maria de Sam Pedro, esta bonita rapariga que por inteiro se doou ao desporto, continua a expor as suas ideias, algumas delas com certo sabor de incoerência, já que parecem rebater outras anteriormente reveladas:

«Muito embora o andebol seja um desporto colectivo, pressupondo portanto uma uniformação na sua idealização o conhecimento perfeito da sua teoria e da prática por parte dos seus intervenientes, deve ter muito de individualismo. Em boa verdade, o jogador, perante o adversário, pode e deve estar plenamente apto a improvisar, a criar situações novas através do seu esforço individual. Esta forma de actuação empresta ao jogo uma beleza de movimentos, de gestos, de atitudes, que muito beneficiarão o jogo, quer como forma desportiva quer como forma de espectáculo.

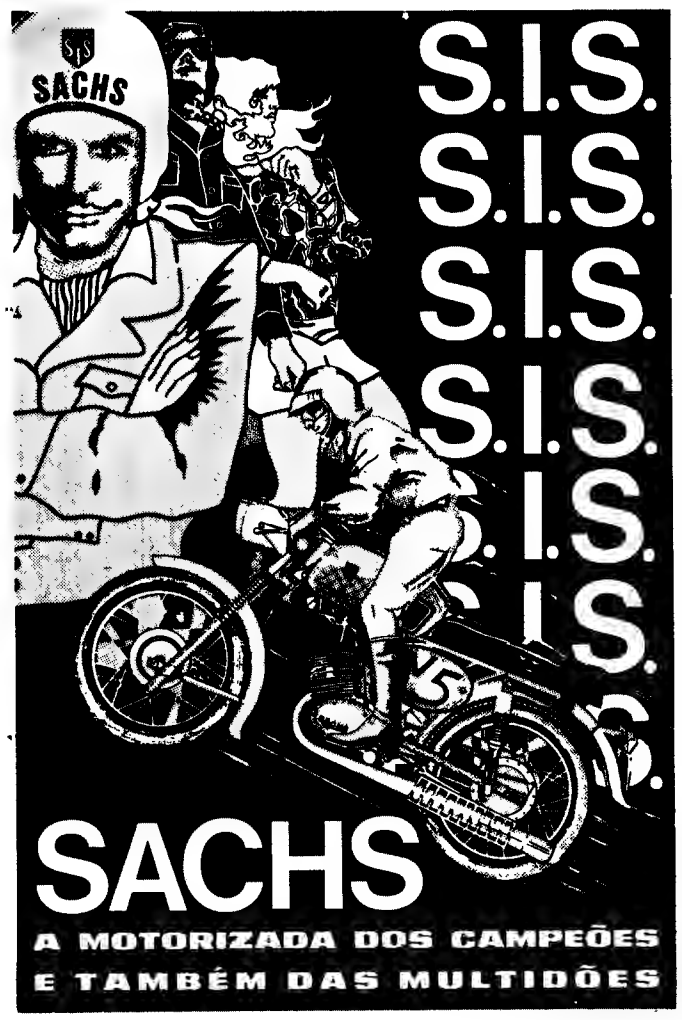
UMA MULHER QUE SE PREZE DEVE PRATICAR ACTIVAMENTE NO FENÓMENO DESPORTIVO

Maria de Sam Pedro é uma adepta incondicional da mulher no desporto. Porque ela não sente frustrações de qualquer espécie, a sua vida privada não interfere em nada quando se trata da doação ao desporto. Nele ela encontra até novos ensinamentos que contribuem em muito para a sua formação como mulher. Daí que no seu entusiasmo pela prática desportiva ela seja autêntica propagandista da sua própria situação. Junto de colegas e amigos faz sabê-lo. E a todos incita a ingressar na grande família que vive plenamente dentro do fenómeno desportivo.

«Não compreendo que ainda hoje se continue a pensar em termos de vivência nos séculos de escuridão. A mulher já não é hoje o seu «inexistente» de épocas passadas. Tem uma função na sociedade actual e demonstra que sabe desempenhá-la a contento. Por isso pugna pelos seus direitos e pretende horizontes muito mais largos. Mas o que parece paradoxal nesse sentido é o facto de muito lentamente a mulher vir a ingressar no desporto. E essa situação não pode continuar. Para bem do desporto em si e para bem da própria mulher. Será que ela pensa que o desporto é demasiado violento para a sua constituição física? Será que ela acredita na atoarda de que a prática do desporto lhe vai roubar a «adorável feminilidade», dando-lhe um aspecto másculo? Pois eu posso demonstrar o contrário. Dedico-me ao andebol, pratico com muita assiduidade o voleibol e não noto em mim qualquer indício de revolução biológica.

Isto foi dito por Maria de Sam Pedro de uma forma obsolutamente convicta. E com uma gargalhada garota, plena de saudável feminismo, ela afirma:

Ando muito pela rua e ainda não notei que qualquer dos «bichos» pertencentes ao sexo masculino me dissesse qualquer coisa em desabono. Antes pelo contrário... Pois que a mulher se capacite de que o desporto lhe é benéfico e venha, em força, preencher as imensas vagas que nele existem. Eu entendo que, para se tornar completamente válida, uma mulher que se preze deve participar activamente no fenómeno desportivo...



Almada Negreiros
EXTERNATO
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º
TELEFS. 53 83 08 - 53 83 49
CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS
DIURNO — NOCTURNO
Junto ao Teatro Monumental

Euro-Pacific
Joint Service
PARA:
LOS ANGELES
SAN FRANCISCO
VANCOUVER
PORTLAND
n/m «GROTEDYJK» em 30 do crte.
Aceita passageiros
Recebe carga em contentores, porão normal e frigorífico
OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

A CAMINHO DE MUNIQUE

A EXPECTATIVA DO MUNDO DO DESPORTO

O facho olímpico caminha para Munique na sua marcha inalterável desde a cidade de Olímpia na Grécia, e à medida que se aproxima ganha intensidade a expectativa para os sensacionais acontecimentos desportivos a iniciar no próximo sábado, na capital da Baviera.

O facho olímpico chegou quinta-feira, ao fim do dia, a Belgrado, onde passou a noite antes de prosseguir, na sexta de manhã, a sua viagem através da Jugoslávia. Sábado, de manhã, foi transmitido aos desportistas húngaros, na fronteira, pela melhor jogadora de basquetebol jugoslava, Marija Veger.

A chegada do facho olímpico a Belgrado foi assinalada por uma cerimónia, seguida dum programa musical e coreográfico, que se realizou num estádio do centro da Capital com a presença de dez mil pessoas.

Até que a chama olímpica acenda a gigantesca pira preparam-se atletas, afinam-se pormenores e várias vedetas do desporto mundial são, já, atracção em Munique. Como Shane Gould, que treina intensamente na piscina olímpica, sempre rodeada de grande número de curiosos e jornalistas das mais diversas proveniências.

SHANE GOULD: em três imagens o perfil da campeã australiana. Repare-se na sua concentração, tanto ao nadar de costas como ao escutar as informações do técnico Donald Talbot, acerca do tempo que acabava de fazer.

SHANE GOULD: ALGO DE ESPECIAL

E raro que uma mulher seja o foco das atenções num grande acontecimento desportivo mas quando isso acontece é porque há nela algo de especial.

Shane Gould é qualquer coisa de especial.

Com quinze anos, dificilmente se poderia dar a Shane o tratamento de senhora, mas os seus atributos físicos são tais que é difícil acreditar que seja tão nova.

Embora os Jogos Olímpicos sejam para Shane a sua maior competição, ela já se comporta e fala como se fosse a vencedora.

«Uma rapariga num milhão»

é como o seu treinador Forbes Carlisle a descreve.

O motivo porque se tornou uma «super-estrela» sendo tão jovem esteve à vista de todos logo no seu primeiro dia em Munique.

Minutos depois de se ter alojado na aldeia depois do voo de trinta horas desde a Austrália, já Shane estava a «descontrair-se» na piscina olímpica.

«Não foi nada de especial — disse — **Quis apenas tomar contacto com a água.»**

Numerosas pessoas acudiram para observarem o estilo e o poder da nadadora australiana.

Findo o seu «contacto» com a água Shane conversou com os jornalistas.

«Você perdeu recentemente dois dos seus recordes mundiais a favor de norte-americanas. Que diz a esse respeito?» — foi a primeira pergunta a que teve de responder.

Com a rapidez do relâmpago, Shane retorquiu:

«Para dizer a verdade só me surpreende que elas não tenham ido mais além. Eu estabeleci as minhas marcas há uns seis meses e tenho estado sem competir desde então. Mas, acreditem, estou agora mais rápida. O que aconteceu em Chicago não me fez perder o sono. O que importa é o que vai acontecer aqui.

Nas provas de qualificação olímpica em Chicago, Shirley Babashoff fez os 200 Metros Livres em 2,05,02, batendo o recorde de Shane de 2,05,08, e Jo Ann Harshbarger com 8,53,08 arrebatou o recorde da australiana nos 800 Metros, que era de 8,58,01.

Shane ficou a gostar da piscina de Munique e pensa que as competições vão ser excitantes. Neste ponto a sua loquacidade foi interrompida pelo director técnico da equipa australiana de natação, Fred Pegram.

«Desculpem, mas já chega» — disse Pegram aos jornalistas. **«Fizemos uma longa viagem e estamos fatigados.».**

No entanto Pegram não conseguiu furtar-se a mais uma pergunta dos jornalistas.

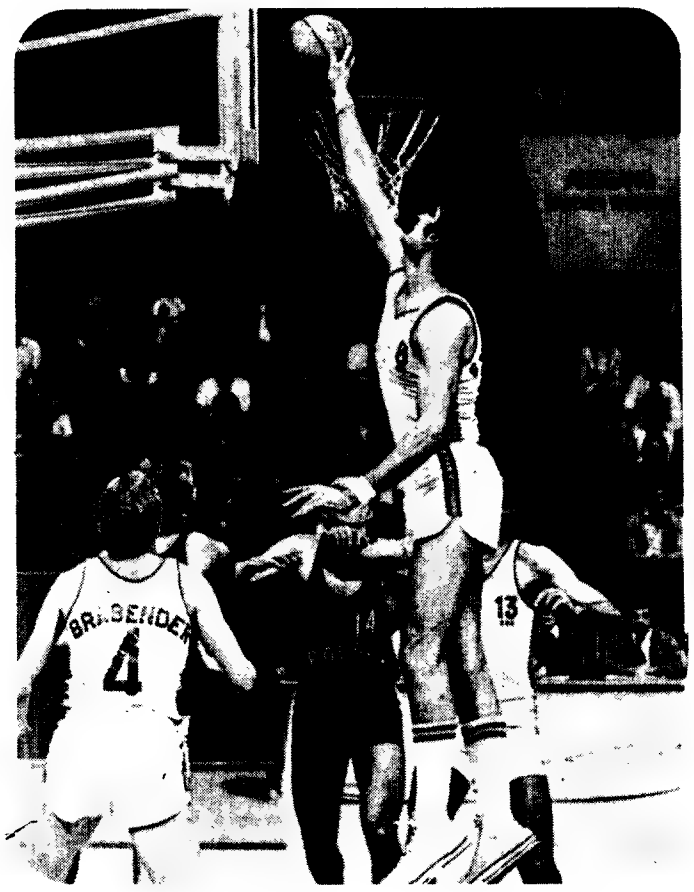
«Qual é a razão de ela ser uma super-estrela?»

«A habilidade natural, alto índice de inteligência e um sentido extraordinário da disciplina.

«Alguns atletas têm duas destas qualidades mas poucos são os dotados com as três. Mark Spitz, Kip Keino e Shane Gould têm-nas.»

Depois de um momento de concentração, Pegram acrescentou:

«É preciso não esquecer os pais de Shane. A eles se deve algo dos resultados da filha. Nem todas as mães se levantariam da cama às quatro da madrugada, sete dias por semana, para dar o pequeno-almoço à filha e acompanhá-la à piscina.»



Espanha, ambições no Basquetebol: Imagem do jogo pré-olímpico em Augsburgo, que opôs a Espanha à Polónia. Os polacos venceram por 82-78, mas o «cinco» espanhol jogou excelentemente e dando réplica por todo o campo. No lance, Santillana atira ao cesto sob os olhares de Brabender e Luick, americanos naturalizados espanhóis e componentes da selecção.

JAPÃO NOS JOGOS

O Japão tem planos para Voleibol, Ginástica e Judo. Este é um dos seus representantes, Makoto Sakamoto, um ginasta candidato a medalha olímpica.

HIPISMO também dá direito a medalha

O cavaleiro alemão Hans-Guenter Winkler, de 46 anos, aparece nos Jogos Olímpicos de Munique como detentor de quatro medalhas de oiro olímpicas (um «palmarés que o dá com grande favorito nas provas hípicas que vão iniciar-se dentro de dias). Masl não obstante a sua perícia e a sorte que o tem acompanhado, Winkler diz:

«Concorrer às Olimpíadas está longe de ser um caso de rotina».

«HGW», como é conhecido entre os críticos desportivos alemães, montará «Torphy», um cavalo de onze anos, que teve como suplente nos jogos de 1968, na cidade do México, e que agora, decorridos quatro anos de treino intenso, está perfeitamente em forma.

Todavia, não só confia na sua montada para a conquista de prémios, como deposita também a maior confiança no cavalo «Askan» e na égua «Simona» com que concorrem Gerd Wiltfang e Hartwing Steeken, seus companheiros na equipa alemã, que vai encontrar, segundo espera, a mais dura oposição da parte das equipas inglesa, norte-americana, italiana e canadiana.

Inquirido sobre quando porá termo à sua espectacular carreira, Winkler responde:

«Não desejo senão participar em sete olimpíadas como aconteceu com os irmãos italianos D'Inzeo. Mas quero ser eu a decidir sobre a altura de parar. Isso dependerá também das montadas de que eu vier a dispor».

Os especialistas de concursos hípicos prevêm que a equipa da Alemanha Federal, que tem ganho muitas competições internacionais vai fazer uma nova colheita de medalhas nos Jogos de 1972.

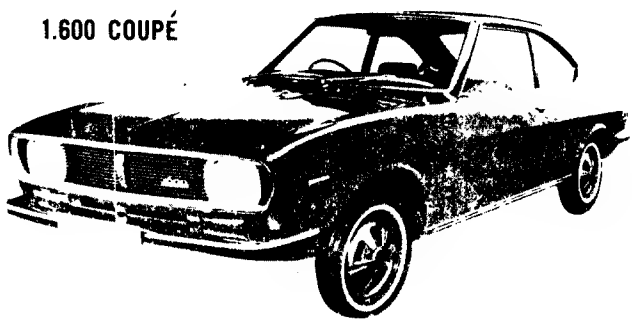
Menos afortunados são os cavaleiros australianos, pois, tal como aconteceu nos Jogos do México, os cavaleiros australianos que disputam a prova do concurso completo voltam a ter problemas de dinheiro.

Para assegurar as passagens de regresso à Austrália, o «capitão» da equipa, Bill Rycroft, terá de resignar-se a vender os cavalos ao terminarem as provas olímpicas.

Já em 1968 os cavaleiros australianos viram-se obrigados a ceder as montadas para poderem regressar ao seu país, permitindo assim a amazona britânica comprar por 260 contos o «April Love» que vale actualmente 1 280 contos.

CASQUILHO
& FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA

1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.930$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO
LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

Externato
Sebastião da Gama
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(Em frente da Cervejaria Portugália)

TOYOTA
SERVIÇO OFICIAL
Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço
Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3
COTAL
Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8
SERVIÇOS RÁPIDOS
TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO
CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...
E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...
Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 20 A 26 DE AGOSTO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Não crie complicações e abstenha-se de novos compromissos. Cuidado com suposições menos exactas. Empregue toda a sua boa vontade no sentido de sustentar no lar um clima feliz e despreocupado.

DINHEIRO: Não conte com grandes resultados financeiros. Assim, preserve-se das grandes despesas e permaneça firme.

PROFISSÃO: Deparar-se-ão obstáculos no exercício da sua actividade profissional. A preocupação por não conseguir avançar nas suas empresas causar-lhe-á aborrecimentos e um certo desânimo. Não fará grandes progressos, mas também não diminuirá no seu trabalho habitual.

SAUDE: Cuidado com as deslocações na via pública. A despreocupção que sentirá durante esta semana pode causar-lhe aborrecimentos.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: As benéficas influência de Vénus prov o cam boas harmonias e ajudas do sexo oposto que não deve desperdiçar. Seja afável e não aprofunde excessivamente os sentimentos alheios.

DINHEIRO: A vida financeira experimenta uma semana benéfica, por outro lado, a sua intuição, que os astros estimulam, permitir-lhe-ão aproveitar um ensejo para angariar fundos interessantes.

PROFISSÃO: Benéficas influências contribuirão para os bons resultados profissionais. Se tentar meter-se em pequenos empreendimentos o êxito está assegurado.

SAUDE: O abatimento que possa sentir será derivado em grande parte a abusos físicos.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Seja menos positivo nas suas relações amorosas. Os interesses domésticos exigem maior carinho e apreço. Domine a sua impaciência e evite ver só as coisas pelo lado material.

DINHEIRO: Conseguirá obter algumas vantagens através exclusivamente, do seu esforço pessoal. Todavia, os astros mostram-se propícios às boas relações.

PROFISSÃO: Propício a todas as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações obterá bons resultados. Imaginação fértil e grande intuição para realizações de grande alcance futuro.

SAUDE: Os seus nervos andarão um tanto excitados motivado pelos seus afazeres. São também de temer quaisquer infecções.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O período que se apresenta' será ditoso. Reinará uma atmosfera sadia no ambiente familiar. As amizades e os interesses do coração estão bem favorecidos.

DINHEIRO: A actividade que exercer será satisfatóriamente compensada. Aproveite o ensejo para aumentar o seu pecúlio. Não esbanje demasiado nos seus casos pessoais.

PROFISSÃO: Favorável para traçar projectos, criar e idealizar, mas não para pôr em prática. De momento cinja-se simplesmente à ideia e quando for propício então aproveite para entrar em acção.

SAUDE: Em relação ao período anterior, a sua posição neste capítulo está bastante beneficiada.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Alguém exprimirá o desejo de contribuir para proporcionar-lhe maiores venturas. A harmonia é quase absoluta. Use de amabilidade com os outros.

DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capitais nesta altura, não trás vantagens, pelo contrário, só pode desacreditar o seu nome e criar-lhe uma situação embaraçosa. Atenção aos gastos.

PROFISSÃO: Aconselhamos que se mantenha atento às suas iniciativas presentes, não procurando tomar novas responsabilidades

SAUDE: As suas condições de saúde neste período serão um pouco delicadas, sobretudo, o sistem. nervoso e os rins podem abalar-se Evite todo o género de excitantes, e procure descansar e recrear o espírito em ambientes saudáveis.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Tempo venturoso aos casos de amor. Propício para os namorados se dedicarem aos problemas de vida. O ambiente familiar será tranquilo.

DINHEIRO: Excelente para efectuar as suas esperanças, divulgar suas ideias originais, o que contribuirá imenso para arranjar novas fontes de receita.

PROFISSÃO: Dentro da situação que desfruta os seus problemas estarão bem equilibrados. Os novos empreendimentos nesta altura, não são bem sucedidos, razão porque deve evitá-los.

SAUDE: Nada de importante haverá a registar nas suas condições de saúde durante este período.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Semana mediana nos assuntos sentimentais. Não convém tomar atitudes extremas, nem seguir o caminho da indiferença. Entretanto, uma contrariedade surgida no convívio com a pessoa que ama afectara a sua disposição de espírito.

DINHEIRO: Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa. Entre as pessoas que o rodeiam, aparecerá uma que, subitamente recorrerá ao seu auxílio, proporcionando-lhe mais tarde bons lucros

PROFISSÃO: Não adianta preocupar-se, a situação não se modificará por isso. Deixe que as coisas se passem normalmente. Evite a teimosia e não interprete os casos só pelo lado materialista.

SAUDE: Durante esta semana as suas influências astrológicas aconselham cuidado com a alimentação e as bebidas fortes, pois há tendência a perturbações biliares.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Está sob boas influências nos seus casos sentimentais Alguém contribuirá para lhe proporcionar bem-estar na vida doméstica, e amorosa.

DINHEIRO: Período benéfico a finanças. O espírito optimista que demonstrará nesta altura, concorrerá de certa maneira para o êxito monetário. Boas perspectivas financeiras e propostas de interesse darão incremento aos negócios.

PROFISSÃO: Os problemas antigos têm agora oportunidade de poderem ser bem resolvidos. Bom para começar construções, assuntos ligados com materiais, e os que se dedicam a edições e públicações estão também, favorecidos.

SAUDE: No domínio físico, as condições são favoráveis. Andará com muito boa disposição.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Algumas pequenas decepções sentimentais podem inclinar à melancolia. Mas pense nas desilusões que tem feito sofrer aos outros. Contudo, nada de grave acontecerá.

DINHEIRO: Os ganhos neste período serão normais. Assim, é de toda a conveniência que controle bem as despesas.

PROFISSÃO: Continue pelo caminho trilhado e não se meta em novos empreendimentos ou negócios que lhe pareçam de grande futuro.

SAUDE: Use de cuidado em todos os actos da sua vida a fim de não ter surpresas desagradáveis.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: O clima astrológico para este período é contrário aos seus interesses de família. Produzir-se-ão choques com as pessoas com as quais vive. Não siga a sua primeira impressão, que será a de reagir violentamente.

DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capital em negócios que mereçam pouco crédito lhe podem ocasionar embaraços na sua vida e criar-lhe uma situação censurável.

PROFISSÃO: O clima astrológico quanto a este campo é muito lisonjeiro. Os assuntos ligados à arte chamarão a sua atenção e merecerão elogios.

SAUDE: Não é desfavorável. Cuidado com crises biliares, assim só deve preferir a alimentação leve e suprimir as bebidas espirituosas.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AQUARIUS

AMOR: Gozará de felicidade na vida conjugal, que se manifestará cada vez mais acentuadamente. Seja prudente nas suas aventuras sentimentais. O ambiente familiar será bastante agradável.

DINHEIRO: Todas as realizações que fizer serão bem compensadas. Lucros apoiados e felizes promessas.

PROFISSÃO: As coisas correrão a seu contento. Propício para ir tratando de dar execução às suas ideias, mesmo se estas se relacionarem com o estrangeiro. Todavia, não é ainda, chegada a altura para fazer uma mudança radical na sua situação.

SAUDE: S humidade pode ter consequências nos membros superiores.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Continua a desfrutar das benéficas influências astrais. Indicado para empreender mudanças no aspecto doméstico e comprar objectos de ornamentação. As viagens de recreio darão muita satisfação.

DINHEIRO: Em relação a dinheiro, o período poderá ser auspicioso se para tanto contribuir o seu esforço e se tiver bom senso nas suas transformações, e diplomacia no trato.

PROFISSÃO: As resoluções que tiver necessidade de adoptar relacionadas com a vida profissional devem devidamente ser ponderadas. Toda a actividade neste sector deve ser bem conduzida.

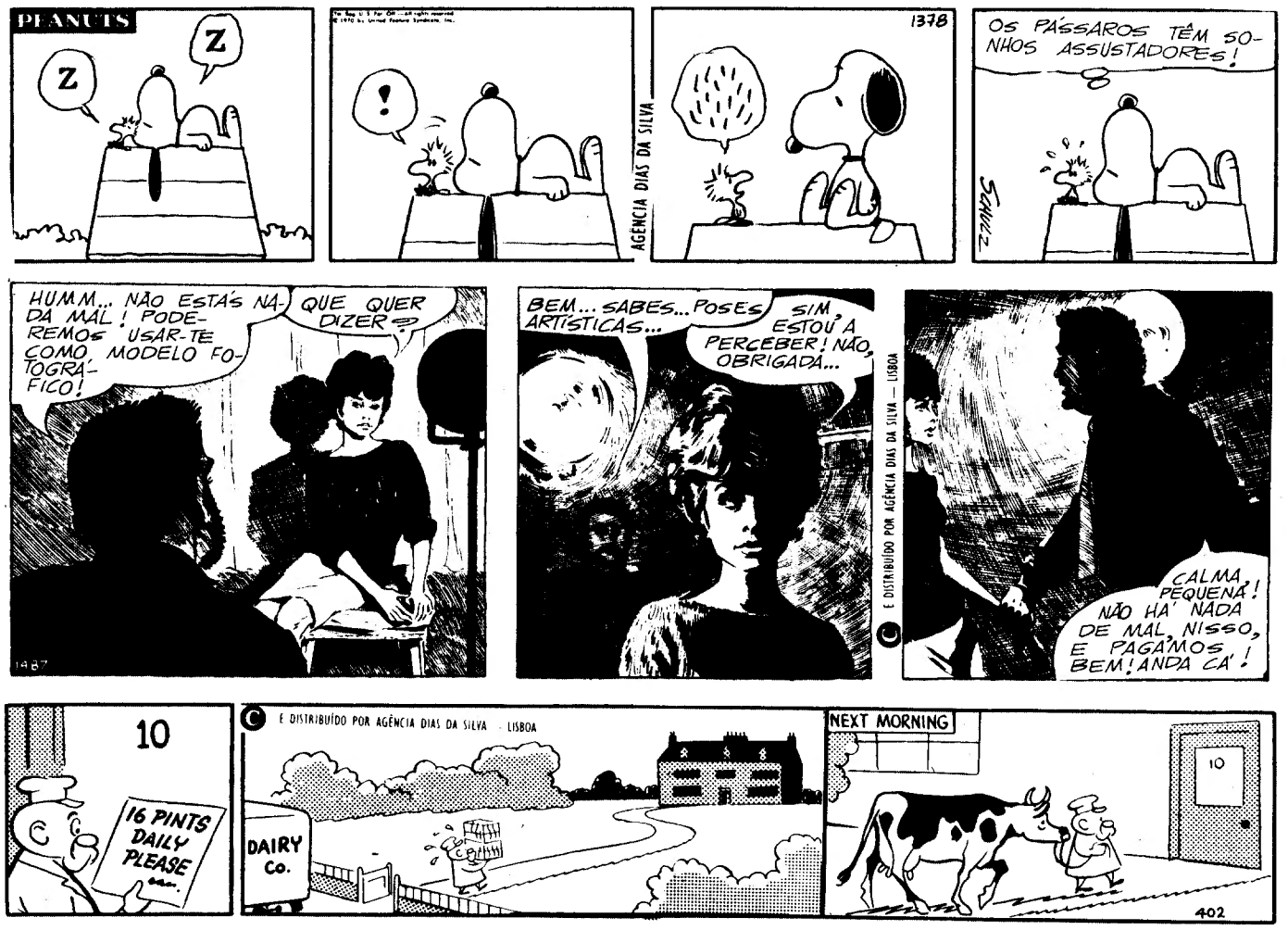
SAUDE: Predisposição para perturbações gástricas e do aparelho respiratório.

EMÍLIA BRAVO

MAIOR-MENOR

E o útil imediato para todos nós, acaba muitas vezes por se tornar agradável desporto para alguns. O cavalo, pernas resistentes, velozes e fieis do guerreiro e do viajante, já não presta para a luta nem para as deslocações necessárias ao homem de hoje, nesta Terra louca e cada vez maior-menor. Inventaram-se máquinas e o cavalo ganhou brasões e foi reservado para passeios agradáveis e corridas desportivas de gente de gostos caros. Para bifes também, é certo. Mas adiante.

O próprio caminhar tornou-se **footing**, muito aconselhável à linha, uma das preocupações dominantes dos supervitaminados, superproteinados e às vezes superalcoolizados deste mundo. «O automóvel, disse Mcluhan recentemente numa entrevista ao L'Express,» **«encontra-se absolutamente ultrapassado. O seu futuro está talvez na Lua porque daqui por dez anos os automóveis serão proibidos nas cidades, é ineluctável.»** O que o substituirá não se sabe, mas a sua morte útil está talvez marcada pelo facto de já ter começado a ser um objecto de museu. Os donas Elviras são apreciados por coleccionadores de posses e também por gente nova que gosta de fugir à rotina e prefere por isso procurar o que já não se usa. O que passou pode ser uma reacção contra o que está, quando não se consegue ainda descortinar no horizonte o que há-de vir. O mesmo acontece com os comboios, que já têm, no nosso tempo, algo de chocantemente ultrapassado. A sua caricatura é-nos dada com frequência em parques de diversões, onde pequenas carruagens-brinquedo percorrem um espaço minúsculo cheias de crianças barulhentas e adultos um tanto ridículos, muito pouco à vontade, como se tivessem vestido o bibe dos filhos e assim se passeassem pelas ruas.



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

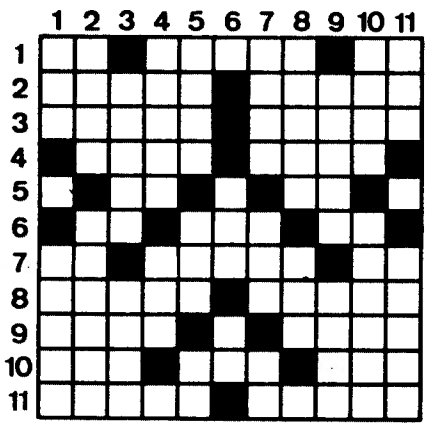
PROBLEMA N.º 10171

HORIZONTAIS

1 Artigo definido. Agradável. Arsénio (s.q.).
2 Tristeza (fig.). Realiza.
3 Amante (Bras). Natalício.
4 Prender. Actuar.
5 Pertences. Antes de Cristo.
6 Reis. Espaço de doze meses. Campeão.
7 Cério (S.q.). Encolerizara. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
8 Tome nota de. Ansiar.
9 Árido. Branqueamento.
10 Nome de letra. Preposição. Oceano.
11 Nome vulgar dos repteis saurios. Ateada.

VERTICAIS

1 Orifício posterior das flores monopetalas. Pequeno povoado.
2 Chinela (Prov.). Prescindo.
3 Pequenos barcos de recreio. Vazias.
4 Professor universitário e médico autor de «Citologia do Cancro». Sufixo que designa pequenez.
5 Dividir ao meio. Medida de superfície. Dues dos pastores.
6 Ligue. Preposição.
7 O mesmo que monja ou freira (ant.). Agora. Radio (s.q.).
8 Some. Donzela de Orleães.
9 A moral. Miséria (fig).
10 Lavrar. Campo semeado de cereais (pl).
11 Ilha do arquipelago de Cabo Verde. Logro (fig.).



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

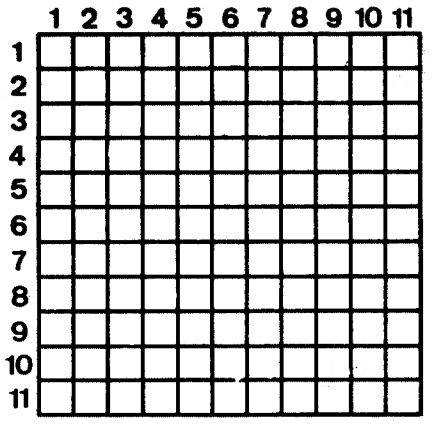
PROBLEMA N.º 6327

HORIZONTAIS.

1 Ave columbina da região de Tete. Chama em socorro.
2 Banhar.
3 Pronome pessoal. Rate. Oasis.
4 Gravura a cores. Ave pernalta, tambem chamada abetardinha.
5 Tempo do verbo haver. Sacudo. Rio da Russia.
6 Letra grega. Nome de mulher.
7 Acreditar. Comilão (pop.)
8 Ecoar. o mesmo que sírio (da Síria).
9 Pedra caustica que se encontra nos arredores da antiga cidade de Assos e da qual os escultores faziam tumulos. Empregada.
10 Nome antigo da nota musical do. Venere. Satelite de Jupiter. (Inv.º).
11 Nome de um estofo indiano. Amargo.

VERTICAIS:

1 Aro onde se aperta e espreme o queijo. Primeiro rei dos Hebreus.
2 Agora. Apelido.
3 Tino. Estavas.
4 Senhor. Sensual.
5 Infligir. Milho torrado que se reduz a po temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
6 Flauta chinesa de três buracos.
7 Causar agastamento a. Larva das feridas dos animais.
8 Utensílio domestico. Cobrissem de iodo.
9 Epocas. Estradas magnifica que ia de Roma a Brindes.
10 O mesmo que ion. Paixão.
11 Medida de peso correspondente a 5 quilos. Rio dos Estados Unidos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10170

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Salta. Vassá.	1 Sic. MAIO.
2 Criar. Irias.	2 Arc. Dar. Aru.
3 Croa. Reno.	3 Lira. Pás. Ut.
4 A. BOA.	4 Tão. Casam. A.
5 Id. Cá. Rã. El.	5 Arabá. Trato.
6 CEPA. Bago.	6 DEITA.
7 Rastejara.	7 Virar. Jarra.
8 Sariano.	8 Are. Abana.
9 Aa. Matra. EM.	9 Sino. Aro. Ac.
10 Iru. Tar. Aló.	10 São. Ega. Ela.
11 Outão. Arcar.	11 As. Elo. Amor.

PROVÉRBIO. A boa cepa em Maio a deita.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6326

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Aalen. Acaba.	1 Adamer. Atar.
2 Drama. Remar.	2 Ará. Serpol.
3 Aarão. Apara.	3 Lara. Suaras.
4 Al. Os.	4 Emala. Arola.
5 As. Arcos. Pé.	5 Não. Rama. Om.
6 Res. Aer. Vês.	6 Ce.
7 Ruam. Amor.	7 Ara. Oram. Ba.
8 Apara. Meada.	8 Cepos. Meter.
9 Toro. Três.	9 Amas. Voaria.
10 Atalo. Beira.	10 Bar. Perder.
11 Sambara.	11 Árabes. Asas.

AOS QUATRO VENTOS

PICASSO

O escritor e poeta checoslovaco Gustav Janouch, num livro intitulado «**Conversas com Kafka**», de quem foi grande amigo pessoal, conta que, em certa ocasião, foi com Kafka visitar uma exposição de pintura francesa, levada a efeito em Praga.

Entre as obras expostas havia uns quadros de Picasso em que as figuras humanas apareciam totalmente desproporcionadas.

— É um contorsionista — comentou Janouch.

— Não creio — objectou Kafka. — Picasso só regista as deformações que ainda não entraram nas nossas consciências. É que a Arte é um espelho que, as vezes, se «adianta» como os relógios.

SUPERDRAMA

Nos princípios do nosso século, numa tertúlia parisiense, alguém, referindo-se a um autor dramático famoso por procurar o êxito em argumentos escandalosos, perguntou a Tristan Bernard:

— Acaso sabe qual é o tema que desenvolverá no seu próximo drama?

— Não — respondeu o grande escritor — mas posso imaginá-lo: por exemplo, um jovem vive com sua mãe incestuosamente durante uma dezena de anos; descobre depois que ela não é sua mãe e, aterrorizado, suicida-se...

SPAAK

Paul-Henry Spaak, o estadista belga recentemente falecido, parecia-se muito, físicamente com Wiston Churchill: rosto redondo e queixo agressivo. Comentando essa parecença, Spaak disse em certa ocasião:

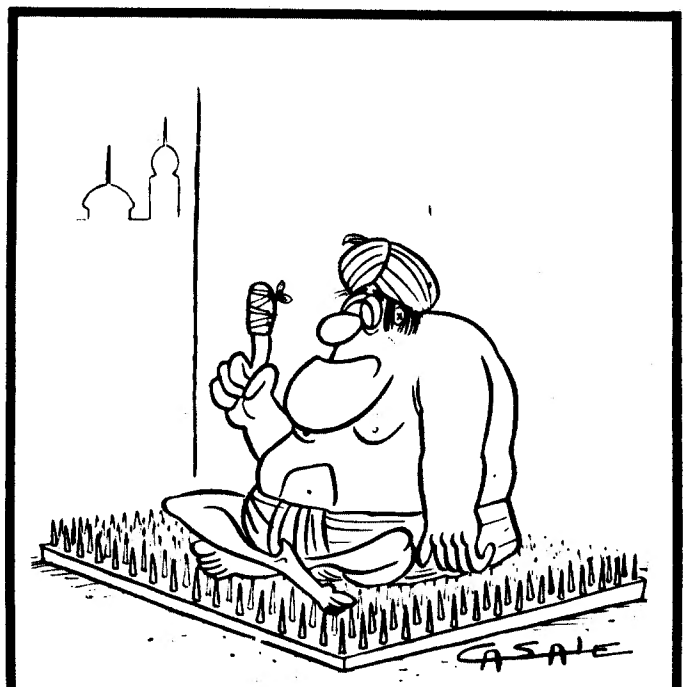
— Dizem que me pareço com Churchill e que falo o inglês como Charles Boyer... É evidente que preferiria falar o inglês como Churchill e parecer-me com Charles Boyer.

CIVILIZAÇÃO

Do diário de um explorador extraimos o seguinte passo:

«Durante três dias caminhei por esta ilha ao acaso, sem saber se estava deserta ou era habitada por selvagens. Súbitamente, chamou-me a atenção uma forca, da qual pendia ainda um enforcado.

«Do mal o menos! — exclamei. — **Estou numa terra civilizada».**



FELIZMENTE!

Dizia o pintor e escultor alemão Max Ernst:

«Se não fossemos tão fracos de memória, conseguiríamos conciliar no sono durante a noite?»

O GRANDE PERIGO

Reflexão de Herbert Marcuse:

«A ameaça de uma guerra nuclear não é, de forma alguma, o pior que temos de enfrentar. É muito possível que as grandes potências cheguem a acordo, por razões de interesse próprio, em não empregar armas atómicas. A verdadeira ameaça é a perspectiva de uma completa estultificação, desumanização e manipulação do homem.»

OBSESSÃO

No tribunal judicial de Karlsruhe, na Alemanha Ocidental:

— Quer dizer-me — perguntou o juiz — por que razão é que, depois de haver roubado a loja, não levou também o dinheiro que estava na caixa?

— Senhor dr. juiz — respondeu o réu — se o fizesse, a minha mulher não se cansaria de mo pedir mil vezes por dia!

CONFIANÇA

Em determinado departamento de um estabelecimento comercial de París, está afixado o seguinte cartaz:

«Gentil senhora, tenha confiança no seu marido: compre a crédito.»

O MARIDO

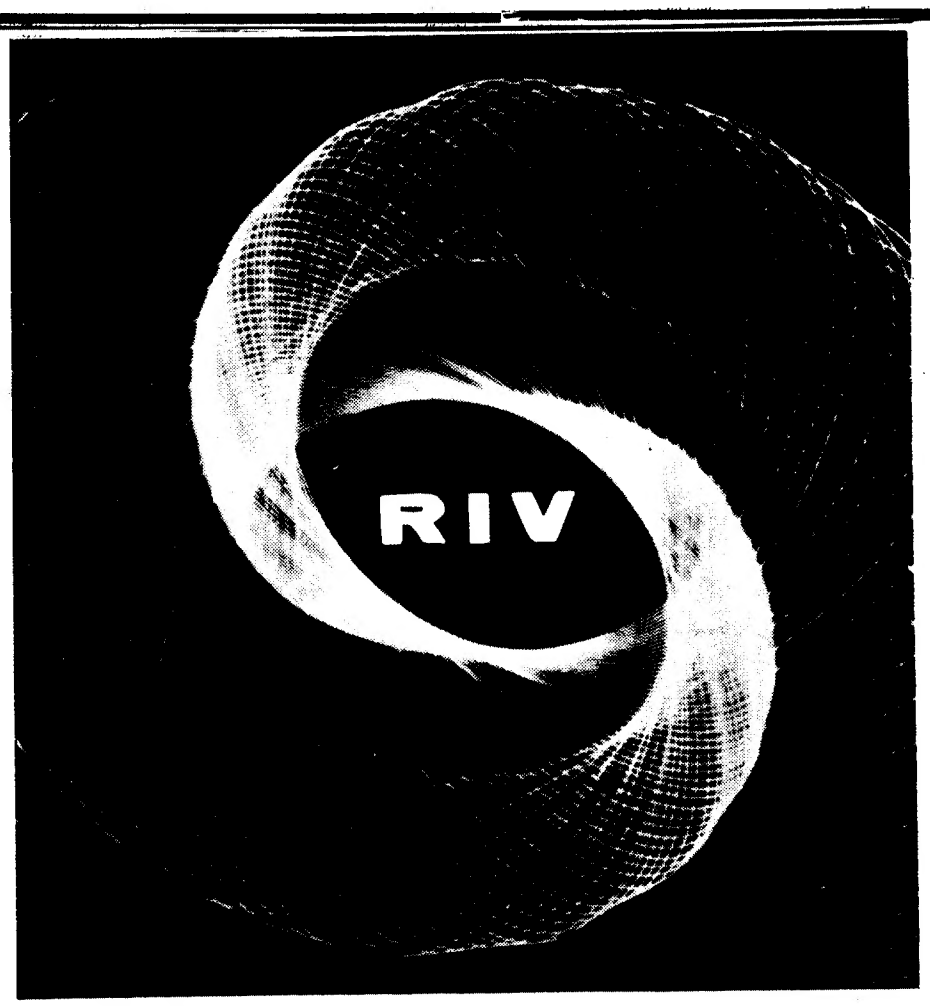
Uma mulher norte-americana deu-nos a seguinte definição da palavra «marido»:

«Um marido é o homem que deseja a atmosfera de um hotel em casa, e no hotel o serviço que tem em casa.»

CRUZEIRO DA AMIZADE

A COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO E AGÊNCIA DE VIAGENS CATUR INFORMAM OS SENHORES EXCURSIONISTAS QUE O PAQUETE «INFANTE DOM HENRIQUE» SAIRÁ 3.ª FEIRA, DIA 22, ÀS 10 HORAS.

NO ENTANTO, CONFORME PREVISTO NO PROGRAMA INICIAL, TODOS OS PASSAGEIROS QUE O DESEJAREM PODERÃO INSTALAR-SE A BORDO, A PARTIR DAS 10 HORAS DO DIA 21, 2.ª FEIRA.



rolamentos

RIV

■60 anos de experiência na produção de rolamentos de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade que satisfaz a técnica mais avançada

AUTO-LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Robin dos bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 Vamos aprender judo
15.00 Motocross Hipismo - concurso de Cascais
16.00 Tarde de cinema Buffalo Bill
18.30 TV Rural
18.55 Portugal além da europa
19.30 Telejornal
19.45 Desenhos animados
20.00 Os companheiros
20.30 TV 7
21.30 Telejornal
22.00 Longstreet
23.00 Fados
23.20 Domingo desportivo Resumo filmado da Volta a Portugal em Bicicleta
23.45 Telejornal.

2.º Programa

20.30 Dó, Lá, Si
21.00 O regresso de Lucy
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Festival O. R. T. F. O Drama de Santa Helena.
23.00 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular.
13.15 «Uma mãe para Eddie».
13.45 Telejornal — 1.ª Edição.
14.00 Um dia com...
14.30 Logo à noite.

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da Nação.
21.00 Na Terra do Arco Iris»
21.30 Telejornal — 3.ª Edição.
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.40 Telegalerie
23.45 Actualidade Desportiva-incluí resumo da Volta a Portugal em bicicleta.
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «Uma mãe para Eddie»
21.00 Um dia com...
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «A Volta ao Mundo acidentada»
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era moderado de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	24.º
PENHAS DOUR.	18.º
COIMBRA	22.º
PORTALEGRE	24.º
LISBOA	25.º
FARO	26.º
FUNCHAL	22.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 37,3.º

MONTALEGRE
Mínima 10,6.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,5.º
Atmosfera	24,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.52	3,0 m	6.31	1,7 m
13.16	3,3 m	19.07	1,5 m
Dia 21			
1.47	3,2 m	7.22	1,5 m
14.05	3,5 m	19.52	1,3 m
Dia 22			
2.31	3,4 m	8.05	1,2 m
14.47	3,7 m	20.32	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco de Nordeste podendo ser fresco de Leste no Litoral Sul; possibilidade de trovoadas e aguaceiros nas regiões do Sul.

AMANHÃ

Nascer às 6.55
Ocaso às 20.25

Dia 24 Dia 31 Dia 7 Dia 15

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário e Jogos Olímpicos
17.00 Onda musical
18.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias «Requiem à esperança e à recordação», de Carlos Wallenstein
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro p/ Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro
00.30 Junção (Entra o MF 1 de Lx) DIÁRIO SONORO
00.45 De um dia para o outro
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio univerdadede
00.30 Junção (com o 1.º programa)

2.º Programa

16.10 Concerto n.?, em lá menor, op. 47 para violino e orq.ª (Spohr)
16.30 Música de tecla
17.00 Perspectivas da obra de Kachaturian
18.00 Concerto de domingo — 1.ª PARTE OBRAS DE Weber, Albert Roussel e Berlioz
18.31 Intervalo — Sonata n.º 17, em ré maior, k.576, para piano (Mozart)
18.45 Concerto de domingo (2.ª (Parte) — Bailado «Daphis e Chloé» (Ravel)
19.42 Sonata a tre, em mi menor (Telemanm)
20.00 Junção — sinal horário — DIÁRIO SONORO
20.20 Concerto em ré (Vivaldi)
20.30 As grandes figuras do mundo português, p/dr Caldeira Pais
21.00 Recital de canto pelo tenor Mário Rodrigo, c / a colaboração da pianista Regina Cascais
21.30 Que quer ouvir?
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 A oratória «a criação» (Haydn)
23.50 Concerto n.º 2 para piano e orquestra (Bartok)
00.20 Quarteto N.º 8, em mi menor, op. 59 n.º 2 (Beethoven)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Tarde Desportiva.
17.00 Tarde desportiva
18.02 Projecção
18.30 Meia hora depois
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00 21.00 «Rádio 72»
20.00 Nota de abertura
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
319.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-gô
23.00 Noticiário; programa à gôgô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Missa.
20.00 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª hora
24.00 Tempo zip

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lídia Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)

ALCÂNTARA
Probidade R. de Alcântara, 15-A (tel. 638589); **Infante Santo** Rua do Olival, 290 (tel. 661003)

ALFAMA
Anunciada Rua do Vigario, 74 (tel. 866360)

ALTO DO PINA
Eusil Rua Barão Sabrosa, 104 (tel. 841912)

ALVALADE
Rainha Santa Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (tel. 765262); **Alentejo** Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682); **Belo** Avenida de Roma, 53-A (tel. 776314); **Estados Unidos** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (tel. 725859)

AMEIXOEIRA
S.Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras (tel. 790969)

ANJOS
Guerra Rua Andrade, 32 (tel. 845513)

AREEIRO
Central Avenida Paris, 2 (tel. 720820)

ARROIOS
Brasil Rua Alves Torgo, 29-31 (tel. 46843)

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (tel. 763016); **Cardoso** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (tel. 772291); **Saldanha** Avenida Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BAIRRO ALTO
Durão Rua Garrett, 90 (tel. 324166)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (tel. 311216).

BAIXA
Frazão Rua das Portas de Santo Antão, 72 (tel. 328180).

BENFICA
Marques Estrada de Benfica, 648 (tel. 700096); **Vilex** Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548); **São João** Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel. 480125)

CAMPOLIDE
Imparcial Rua General Taborda, 28 (tel. 680931); **Rualto** Alto de Carvalhão, 5-B (tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável Rua Coelho da Rocha, 119 (tel. 66606); **Almeida** Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (tel. 790969).

CHIADO
Durão Rua Garrett, 92 (tel. 324166)

CONDE REDONDO
Branco Avenida Duque de Loulé, 61 (tel. 45048)

ESTRELA
Gama Calçada da Estrela, 130 (tel. 660339)

GRAÇA
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (tel. 867842); **Progressiva** Rua de Santa Marinha, 18 (tel. 863619)

GRILO
Grijó Rua do Grilo, 25 (tel. 385264)

LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 122 (tel. 790332).

MADRAGOA
Lys Rua da Esperança, 17 (tel. 660913).

OLIVAIS
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (tel. 311091); **Central** RuaAlferesBarrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA
Dimar Rua Conde de Monsaraz, 17-B (tel. 842533)

PICHELEIRA
Mariuz Calçada da Pichelei-ra, 140-B (tel. 720703-728391).

RESTELO
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel. 610741).

SANTO AMARO
SANTO AMARO
Santo Amaro Rua Filinto Elísio, 29-A (tel. 637070)

S.MAMEDE
Cunha Rua da Escola Politécnica, 16 (tel. 325455)

S.PAULO
Ultramarina Rua de S.Paulo, 99-101 (tel. 321771)

S.SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius Rua Fialho de Almeida, 38-A (tel. 44000).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Almeida Nifo, Av. Com. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS:
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. PEDRO D ESTORIL:
S. Pedro, (Tel. 263052)
ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)
CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281419); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA:
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 270076
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO:
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443)
COVA DA PIEDADE:
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)
MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO:
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)
SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL:
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); **Bairros,** B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)
SEIXAL:
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos,** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel,** R. António Sardinha, 23-d (Tel. 938551)
DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, lote D (Tel. 9710231)
VENDA:
Girassol,
QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM:
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MATINS:
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (el. 980456)
SINTRA:
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980056)
COLARES:
Colares, Abreja (Tel. 299088)

PORTO

SUB-TURNO A

Alves Moreira, Av. Rodrigues Freitas, 167; **Clérigos (dos),** Rua dos Clérigos, 36; **Cruz (da),** Rua Costa Cabral, 1082; **Maia,** Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos,** Rua do Monte Burgos, 802;

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2; **Botelho,** Rua da Alegria, 863; **Estácio,** Rua Sá da Bandeira, 120; **Menezes de Lima,** Pr. Dr. Ped. Teot. Perei. 227; **Vilarinha (da),** Rua da Vilarinha, 161.

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738); **Rodrigues da Silva,** R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José,** Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas ● cinemas ● cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
UM HOMEM NA SOLIDÃO
Com Richard Hanis e John Huston.
Uma jornada de vingança

SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D 18 anos) 5.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto.

ROMA (Tel. 727778)
Às 15.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos)
Um filme insólito!
«MUNDO CÃO»
Realização de Jacopetti - Technicolor

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
27.ª semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15- 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos 2.ª Semana
Technicolor o terror espera por si em «A CASA QUE ESCORRIA SANGUE» com Christopher Lee e Peter Cushing.
(Ar condicionado)

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 - 21.30
Grupo A (6 anos) 74.ª semana
O maior êxito de sempre «MUSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Sovcolor
«Prémio Kalmer» — Melhor filme estrangeiro - 1970 «DJAMÍLIA» com Natalia Arinbassarova
(Ar Condicionado)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 1m anos)
Um êxito que volta «A RAPARIGA DAS VIOLETAS»
Com Sarita Montiel e Raf Valone. Em complemento «A MORTE ESPERA»

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30 2.ª Semana
(Grupo B - 10 anos)
Em continuação Burt Lancaster em «O FACHO E A FLECHA»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
30.ª Semana. O filme do ano TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Burt Lancaster e Eva Bartok em «O PIRATA VERMELHO»
O terror dos sete mares e dos corações das mulheres

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Sir Lawrence Olivier e Simone Signoret
«O FINAL DO JULGAMENTO»
(Metro - Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
9.ª Semana
O MUNDO A SEUS PES.
O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.
Metro Alameda

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Colorido Ele era casado, mas tinha um fraco...» SÓ PENSAVA NELAS com Richard Benjamin e Joanna Shinkus.

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
5.ª Semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 10 anos)
Dean Martin e Jerry Lewis em «DINHEIRO EM CAIXA»
Em complemento «O ÁS VA-LE MAIS» com Terence Hill e Bud Spencer

POLITEAMA
Às 15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Mistério... aventuras e gargalhadas com Franco Frandi e Cicio Ingrassia em «002 ENTRE POLÍCIAS E LADRÕES»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O mais divertido filme de Claude Lelouch «SMIC, SMAC SMOC» com Catherine Allegret, Charles Gérard e Francis Lai
3.ª Semana

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«JUVENTUDE IMPACIENTE» com Dee Walker, Anne Gooding e Sam Shepard

CASINO ESTORIL
Às 18.30 e 21.30
Grupo B (10 anos)
«TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«A ULTIMA GRANADA» com Stanley Baker e Alex Cord.
Em complemento «POR AMOR ...POR MAGIA»

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C (14 anos)
9.ª Semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encontro gastronómico

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.30 - 21.45
Technicolor (Grupo D - 18 anos)
A obra máxima de Alfred Hitchcock «OS PÁSSAROS»
com Rod Taylor e Jessica Tandy
(Ar condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
Às 15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Viva James Bond «007 - ORDEM PARA MATAR»
Com Sean Connery

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»
LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Frankenstein, conquistador do Mundo»
PARIS
21.00 (14 anos)
«Encontro Marcado»
RESTELO
21.30 (18 anos)
«As cicatrizes de Drácula»
JARDIM
21.00 (14 anos)
«A GRANDE ODISSEIA»
PROMOTORA
21.00 10 anos)
«UMA ARMA ENTRE MIL»
OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«MALA DIPLOMÁTICA PARA O CAIRO»
MAYER
21.00 (10 anos)
«Os 3 Superhomens em Tóquio»
ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (10 anos)
«AS DUAS ORFÃOS»
ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«RENDEU-ME O CORAÇÃO»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«Fogo na pradaria»
ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»
OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (14 anos)
«O Solitário do Rio Grande»
PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Cccio perdoa... eu não»
ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (10 anos)
«Trinitá cowboy insolente»
Palácio
21.30 (17 anos)
«A sombra de um homem»
Esplanada
21.30 (10 anos)
«A Bíblia»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Amante»
VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Sem um adeus»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Bananas»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (6 anos)
«Le Mans»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Este difícil amor»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Eu julgava-o morto mr. Jake
BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (10 anos)
«Sim senhor Hulot»

PORTO Cinemas

RIVOLI
21.30 (2 anos)
«O Desafio das Águias»
JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«A Legião dos danados»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«A Filha de Frankenstein»
ESTUDIO
21.30 (14 anos)
«Os dois indomáveis»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O Homem das pistolas»
BATALHA
21.30 (10 anos)
«Alamo»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na Zona»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Heróis por conta própria»
CARLOS ALBERTO
(18 anos)
«O Homem de quem eu gosto» e «Mil Bombardeiros»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«4 no Texas»
PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Ariane»
CINEMA TERÇO
21.30 (14 anos)
«Reverendo Coet»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Pronto a despir»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«O Vale da Honra»
ESPLANADA
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
21.45 (14 anos)
«5 PARA O INFERNO»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«A VISITA»

BARS BOITES — espectáculos típicos — DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador, ouça e cante o fado no Arreda. Elenco José Pracana, José Manuel Osório D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra as 3.as feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô Jô Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama Tel. 868551**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri. **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF: 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTALINE
VINGA-SE EM PRAGA

Por
RAFAELO UBOLDI
Mondadori/DL

A grande depuração em curso na Checoslováquia levou, até agora, a mais de 250 prisões e 46 condenações. Mas a repressão é ainda mais profunda: de 1968, data da invasão soviética, até hoje, 400 mil pessoas foram expulsas do partido comunista e outras centenas de milhares, entre as quais dois mil jornalistas, tiveram de mudar de vida.

O nome: Milan Huebl.

A carreira: já chefe da escola de partido, em Praga: já membro da Comissão Central do Partido Comunista Checoslovaco.

O delito cometido: «subversão», por ter distribuído manifestos que recordavam aos votantes o seu direito constitucional de se pronunciarem contra o regime de Gustav Husak, nas eleições do passado mês de Novembro.

A sentença seis anos e meio de prisão maior.

Na onda de prisões e processos, no vórtice de purgas que devasta a Checoslováquia destes dias, o caso de Milan Huebl ressalta por um único pormenor: Huebl é o mesmo homem que, há uma dezena de anos aproximadamente, arriscou a própria liberdade para pedir pùblicamente a reabilitação de um seu velho amigo, de um comunista que havia sido vítima, então, de uma purga de tipo estaliano: e este amigo chamava-se Gustav Husak. Ainda por mérito de Huebl, Husak foi reabilitado; agora é o chefe do Partido Comunista Checoslovaco.

E não hesitou um instante a lançar para a prisão o seu velho amigo e defensor. A amizade e o reconhecimento, por aqueles lados, não contam. E não contam tão-pouco as promessas mais solenes. Tinha declarado Husak, em 18 de Fevereiro passado, em Praga: **«Não há, nem haverá na Checoslováquia nenhum processo, nenhuma prisão por delito de opinião»**. A promessa não foi mantida. A Checoslováquia celebrou, num clima de terror, o quarto aniversário de invasão soviética do país, que teve lugar na noite de 21 de Agosto de 1968.

A de hoje é a terceira grande depuração desde que os exércitos do Pacto de Varsóvia irromperam na Checoslováquia de Dubcek. As condenações são, até agora, 46, e mais de 250 as prisões efectuadas. Isto não é, porém, senão a ponta emersa do **iceberg**. A repressão tem sido bastante mais ampla e profunda: desde 1968 até hoje, 400 mil pessoas foram expulsas do partido comunista, outras centenas de milhares foram obrigadas a mudar, para pior, de emprego e de vida. A imprensa foi particular e duramente atingida: dois mil jornalistas tiveram de mudar de profissão e entre estes, 1 500 redactores da rádio e da televisão. O ex-chefe da TV checoslovaca, Jiri Pelikan, vive hoje exilado em Roma. Os sindicatos foram postos de joelhos. Trinta mil intelectuais foram postos bruscamente fora dos seus lugares: na sua maior parte, tiveram de entregar-se a um trabalho manual.

A repressão partiu da brumosa Praga para se estender, como uma mancha de óleo, à verde Eslováquia, com episódios alucinantes. Deles cito apenas alguns.

Foram encerrados teatros famosos. A placa de bronze que cobria a sepultura de Jan Palach, no cemitério de Olsany, foi arrancada e fundida. Hoje, a campa do estudante de Praga, que se queimou vivo como protesto contra a invasão soviética do país, está nua, e anónima. A placa representava um jovem descontraído: além disso, estavam ali gravados o nome de Palach, a data do nascimento e da morte. A mãe, que protestava, a polícia explicou que a placa estava «em contraste com o arranjo do cemitério». De que modo? Parece que suscitava «emoções indesejáveis».

A Checoslováquia de Dubcek foi o único país comunista a inscrever o direito à greve no texto da própria Constituição. Agora, este direito foi anulado. Foi suspensa a produção de filmes considerados fora da linha do partido. Para tapar as falhas produzidas pela depuração nos sectores da rádio, foi preciso desenterrar programas que remontam aos tempos da ocupação alemã.

Reapareceram na ribalta política figuras que se julgavam esquecidas. O **leader** estaliniano Antonin Novoiny foi readmitido no partido. O tenente-coronel Kolaja, que foi dos acusados no processo de 1952 contra Rudolf Slansky, é agora vice-presidente da procuradoria militar. Bem diferente foi o destino dos dois maiores **leaders** da «Primavera» de Praga: um, Dubcek, está reduzido a fazer de «pêndulo» entre Bratislava e o cargo administrativo que lhe atribuíram em Trnava, e o outro, Šmrkovsky, encontra-se na miséria e doente sem assistência.

Os julgamentos desenrolaram-se à porta fechada é vedado ao público assistir a eles, e também aos parentes. Dos 46 acusados levados perante os juízes desde Julho até hoje, não houve uma só absolvição. E como nos tempos da Inquisição: quem cai sob a suspeita de heresia não tem escapatória. A sua culpa é preterível para os fins da sentença. O que conta é que seja acusado de um delito. E a fim de que o bacilo da heresia seja extirpado até ao fundo, conduzem-se a tribunal, além dos herejes, os seus filhos e os outros parentes mais próximos. Assim aconteceu com Jarostav Sabata, ex-professor de sociologia na Universidade de Brno, e ex-secretário distrital do partido. Era acusado de ter **«Fundado um grupo anti-estado, com o objectivo de derrubar o regime»**, e foi condenado a seis anos e meio de prisão por um tribunal de Brno. Os seus dois filhos varões estão já na prisão, condenados respectivamente a dois e a dois anos e meio. A filha, de vinte anos, Hana, foi condenada a três anos e meio. Hana é culpada de ter cantado, durante uma festa num clube de estudantes, a canção anti-soviética: **«Vai-te Ivan, vai-te de Praga»**.

Jiri Pelikan, ex-director da TV de Praga, falando em Milão

Aonde querem chegar Husak e os ocupantes soviéticos? O economista Eugene Leobl, que foi um dos poucos sobreviventes do processo contra Slansky, disse, do seu exílio londrino: «Está em curso uma campanha de genocídio contra a **intellighenncija** do meu país». Mas talvez que este juízo não seja ainda suficiente para definir com exactidão a situação actual.

Volta-me à lembrança uma minha visita a Praga, no princípio de 1966. Novotny encontrava-se ainda no poder, mas já se notavam os primeiros sintomas daquilo que, um dia mais tarde, viria a chamar-se a «Primavera» de Praga: o regime começava a dar provas de moderação. Num subúrbio da capital checoslovaca, ali aonde a Moldava não se estende já entre magníficas pontes e palácios barrocos, mas no meio de casas arruinadas, de tijolos e pedras escuras, fui encontrar um **leader** social-democrático acabado de sair da prisão. O homem (comprometi-me a não revelar o seu nome) tinha sido um dos maiores dirigentes do partido social-democrático checoslovaco antes do golpe de Estado comunista de 1948, e da dissolução forçada das outras organizações políticas. Era um velho operário, curvado pelos anos e pelos muitos infortúnios. Após a ocupação hitleriana na Checoslováquia tinha cumprido seis anos de prisão. Durante outros quinze anos o haviam mantido na prisão os comunistas. Fora finalmente libertado, por um gesto de clemência imprevista, e não oficialmente motivada. Narrou-me alguns episódios da sua vida na prisão: não havia nenhuma diferença fundamental entre as prisões hitlerianas e as estalinianas. Fez-me algumas perguntas: é verdade, perguntou-me, entre outras coisas, que se pensa em Itália fazer entrar o partido comunista no governo?

Estava-se, repito, em 1966. Procurei ilustrar-lhe, da melhor maneira, a situação política italiana. Para nós havia o centro-esquerda, mas isto não

Husak não cumpriu promessas

checoslovacos pareciam definitivamente liquidados, sobre a cidade soprava o vento do entusiasmo, Dubcek prometia um comunismo «de rosto humano», os laços com a URSS estavam a afrouxar. Conheci Jan Prochazka, o escritor, um dos principais ideologistas do degelo checoslovaco. Parecia radiante. «Verá», disse-me, «que conseguiremos fundar uma democracia comunista». Foi um sonho de poucos meses, destruído em Agosto, pela brutal intervenção soviética.

Entre os países do Leste, a Checoslováquia é aquele que mais tem sofrido com a colonização soviética; porque era, entre as duas guerras, uma democracia à ocidental, e porque gozava de um alto nível económico. Os comunistas destruíram uma e outra coisa. O drama iniciou-se com o golpe de estado de 1948, e com assassínio de Jan Massaryk, filho do fundador do Estado, prontamente lançado de uma janela do palácio de Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Praga, no receio de que pudesse fugir para o Ocidente, e denunciar o novo regime. Chegou-se, assim, ao ano de 1952: o comunismo checoslovaco começou a devorar os seus filhos no quadro de uma feroz luta pelo poder, as forças de Praga levantaram-se como um símbolo ameaçador na fronteira entre Oriente e Ocidente. Gottwald e Novotny desencadearam no partido uma severa deputação. O próprio secretário-geral do partido, Rudolf Slansky, é preso, processado, julgado, condenado e enforcado, juntamente com outros acusados. O mundo, estupefacto, ouviu Slansky, na sala do tribunal, confessar os crimes mais aberrantes. Poucos se deram conta de que o espectáculo era o mesmo dos grandes processos de Moscovo dos anos, 30, aqueles que foram elaborados contra os adversários de Estaline. Entre os que se aperceberam disso, esteve Arthur Koestler, que dois anos depois, em 1954, publicou **Escuridão ao meio-dia.**

As reacções comunistas ao livro de Koestler foram duras: reprovou-se-lhe ter considerado no seu romance uma hipótese monstruosa, e de um regime que condena um homem por culpas nunca cometidas, e lhe arranca até a própria aprovação para a sua condenação. Passaram-se os anos: a verificação histórica do livro de Koestler vem em 1968: quando Arthur London escreve em **A fusão** com o relato frio e minucioso do processo Slansky.

Arthur London, ex-combatente na guerra civil de Espanha, ex-dirigente da resistência francesa, vice-ministro dos Estrangeiros da República Checoslovaca, foi preso pela polícia política em 28 de Janeiro de 1951. Durante quase 2 anos submeteram-no a torturas físicas e morais a fim de conseguirem que confessasse culpas nunca cometidas.

«E melhor não ter razão com o partido do que contra todos», dizem-lhe os inquisitores. «As confissões são a forma superior da autocrítica». E London assina o que lhe pedem: a sua degradação moral consome-se até ao fim. Mais afortunado do que Slanky, não subirá, todavia, ao patíbulo. Livra-se da prisão e poderá, assim, contar-nos a sua incrível experiencia.

A longa noite do estalinismo durou na Checoslováquia muito mais tempo do que noutros países do Leste. Brevissímo foi o parêntisis do degelo, com Dubcek. Logo depois, em 1968, voltou-se às depurações e aos processos. O homem que neste caso se prestou a fazer de procônsul da vontade repressiva dos ocupantes soviéticos foi Gustav Husak, uma personagem do destino contraditório: tendo já estado preso, durante a época estaliniana, sob a acusação de «revisionismo» e de «nacionalismo burguês», não hesitou, hoje, em denunciar as ideias e os amigos de ontem, a arrastar para o banco dos réus os antigos sequases de Dubcek. Além das repressões russas, impelem-no provàvelmente para a depuração, o seu amor pessoal pelo poder, e a situação económica do país, que continua difícil. Com os processos pretende-se entreter o descontentamento popular.

Há uma única diferença entre a Checoslováquia de hoje e a dos anos 50. Os acusados já não confessam as culpas imaginárias: pelo contrário, defendem-se e contra-atacam. Jaroslav Sabata disse aos seus inquisitores: «O movimento comunista está dilacerado por contrastes; de um lado, uma ideia sublime, do outro, uma prática repelente». Kabel Bartosek, um outro dos condenados, exclamou: «Os juízes americanos de Angele Davis não teriam tolerado semelhante farsa». O que pode significar que não se recorreu à tortura, ou que qualquer coisa não funcionou. Porém, tão-pouco isto é motivo de optimismo. A purga, de facto, está apenas no princípio. Nada, absolutamente nada infelizmente, garante que o regime não queira regressar aos anos da caça às bruxas.

TRESPASSA-SE
Restaurante - Bar
FRANCÊS
inf. telf. 683782